



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE NACIONAL

**ENTRE JOVENS INVISÍVEIS E CORPOS SILENCIADOS: MANIFESTAÇÕES DAS
SEXUALIDADES E A HOMOFOBIA (DES)VELADAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

SIMONE MARTINS AQUILINO

BRASÍLIA - DF
2020

SIMONE MARTINS AQUILINO

**ENTRE JOVENS INVISÍVEIS E CORPOS SILENCIADOS: MANIFESTAÇÕES DAS
SEXUALIDADES E A HOMOFOBIA (DES)VELADAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF, junto à Universidade de Brasília - UnB e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP.

Orientador: Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo

Brasília - DF

2020

SIMONE MARTINS AQUILINO

**ENTRE JOVENS INVISÍVEIS E CORPOS SILENCIADOS: MANIFESTAÇÕES DAS
SEXUALIDADES E A HOMOFOBIA (DES)VELADAS NAS AULAS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), junto à Universidade de Brasília (UnB) e ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (NEAD/UNESP), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo (Presidente)
Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF – UnB

Prof. Dr. Jonatas Maia da Costa (Membro Interno)
Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF – UnB

Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner (Membro Externo)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança - UFRGS

Profa. Dra. Jaciara Oliveira Leite (Membro Externo)
Faculdade de Educação Física – FEF - UnB

Brasília/DF, abril de 2020.

A minha esposa, Iza.
Aos meus pais, Maria e José.
Àqueles que acreditam no meu potencial.
A todas as vítimas da homofobia.

AGRADECIMENTOS

Quando eu terminei a minha graduação em 2009, já existia o sonho de fazer o mestrado, e 11 anos depois, é chegada a hora de agradecer. Existe uma força no interior da minha alma que não me deixa desistir dos meus sonhos, que podemos chamá-la de fé. Fé em Deus, na grandeza e beleza do universo, fé nas pessoas, fé na vida, fé que me faz entender que somos todos um só.

Eu nunca imaginei que iria realizar esse sonho na capital do país, dentro do estado de Goiás, lugar onde nasci. Quantas maravilhas o universo me reservara, desde a experiência de voltar a uma região que tenho muito apreço, a ingressar numa instituição que me trouxe, além de muitos conhecimentos, experiências deslumbrantes com os professores/as e colegas de turma, que tenho o imenso prazer de chamá-los/as de amigos/as e dizer que nos tornamos uma família, a família do Proef/UnB. Diante desse presente que a vida me proporcionou, agradecer às pessoas que estiveram comigo durante todo o caminho construído é magnífico.

Ao meu orientador, Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo, por ter aceitado discutir as questões de gêneros, sexualidades e homofobia na Educação Física escolar. Por apontar durante todo esse processo do início ao fim os caminhos que poderia seguir, mas ao mesmo tempo dando-me autonomia e liberdade para escolhê-los. Gratidão por compartilhar o conhecimento, pelos ensinamentos e pela oportunidade de conviver com um ser humano tão generoso, que acolheu tão bem os estudantes do Nordeste que foram estudar em Brasília.

A minha esposa Izabel, por ser uma pessoa generosa e companheira, pelo cuidado, amor, dedicação, apoio e incentivo que sempre me deu, tanto no aspecto profissional, como pessoal. Grata por todas as idas e vindas para o aeroporto e para a rodoviária, sempre disposta a me ajudar a atingir meus objetivos.

Grata por me auxiliar nas minhas dificuldades, por ter contribuído na formatação desse trabalho e pela paciência durante esses dois anos de estudo intenso. Saiba que és um lindo ser humano e tê-la perto é o melhor presente. Grata por tudo! Te amo!

A minha mãe, Maria Auxiliadora e ao meu pai, José Neto, por todo o amor e cuidado oferecido ao longo da minha vida. Sou grata por me apoiarem em todos os momentos da minha vida e por me incentivarem a enfrentar todos os obstáculos e a superá-los. Amo vocês!

Aos meus irmãos, João Paulo e João Vitor, pelo apoio e incentivo que sempre me deram. A minha sobrinha Alice e o meu sobrinho Vitor Hugo, por me mostrarem a pureza da vida e despertarem em mim o amor incondicional.

Aos meus amigos/as da turma do Proef/Unb, Charlles, Gustavo, Marisa, Otacílio, Hadamo e Renata: não tenho palavras para expressar o sentimento que tenho por vocês, da mesma forma com Henrique, Juliane e Júlio, que dividiram algumas especificidades por sermos todos do Nordeste e ficarmos sempre juntos/as, todas as experiências e momentos ficaram para sempre.

As minhas amigas Ivonete e Arlene, duas mulheres que são exemplo de força, coragem e resiliência, admiro muito vocês e sou grata pelo apoio, companheirismo e amizade.

A todos/as os meus amigos/as que não irei nomeá-los, pelo privilégio de ter muitos/as, desde as amizades mais recentes e aquelas que atravessam décadas, levando-me as minhas raízes, ensinando tanto sobre humanidade e o amor.

À gestão da escola, na pessoa de Francisco Canindé (ex-diretor), Emília e Anderson Barbosa (atual gestão), que acolheram a pesquisa e me apoiaram para a realização dela.

Aos professores/as do Proef/Unb, Dr. Alexandre Luiz Gonçalves Rezende, Dr. Alfredo Feres Neto, Dr. Edson Marcelo Húngaro, Dr. Jonatas Maia da Costa, Dr. Pedro Fernando Avalone Athayde e Dra. Rosana Amaro, pelo conhecimento compartilhado, tenham certeza que foi riquíssimo, contribuiu na minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

Aos professores/as da minha banca, Dr. Jonatas Maia da Costa, Dra. Silvana Vilodre Goellner e Dra. Jaciara Oliveira Leite, pelas contribuições que enriqueceram muito o meu trabalho. Sou muito grata!

Aos ex-professores/as da graduação e hoje amigos/as, Dr. Bertulino José de Souza, Dra. Themis Cristina Mesquita Soares, Dr. Sandoval Vila Verde, Dra. Suênia de Lima Duarte, Ms. Francisco Gama da Silva e Ms. Marcos Antônio da Silva, a quem sou grata pelo apoio, amizade e por incentivarem desde muito cedo a realização desse sonho.

Ao Sr. Nonato, responsável pela organização da hospedagem no Hotel de Trânsito da Unb, nas Colinas – Bloco G. Muito grata!

À Unb, na pessoa da prof. Dra. Ingrid Ditrich Wiggers, nossa coordenadora do mestrado profissional, que se esforçou bastante para a concretização e execução desse projeto de abrangência nacional.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento ao ProEF.

Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar

Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima

Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar

Francisco, El hombre

RESUMO

A pesquisa apresenta como objeto de estudo o trato das sexualidades nas aulas de Educação Física. Entendemos que discutir na escola essa temática é muito importante, pois já faz parte do dia a dia dos/as estudantes e está presente também na escola. Temos como objetivo geral conhecer, problematizar e compreender como se dá a homofobia nas aulas de educação física do ensino fundamental, bem como apontar formas de intervenção pedagógica no combate a essa opressão. Para isso pontuamos os seguintes objetivos específicos: a) analisar as concepções dos/as alunos/as relacionadas às questões de gêneros e sexualidades; b) identificar e descrever como ocorre a homofobia nas aulas de Educação Física; c) desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica para discutir as questões de gêneros, as sexualidades e a homofobia nas aulas de Educação Física. A pesquisa é exploratória, com uma abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação. Foi realizada numa Escola Estadual do município de Extremoz/RN, tendo como participantes da pesquisa alunos/as de uma turma do 9º ano matutino (32 alunos/as) e outra do 9º ano vespertino (28 alunos/as), do ensino fundamental. Os instrumentos para o levantamento dos dados da pesquisa foram o questionário diagnóstico e as oficinas pedagógicas. Os resultados apontaram que 72,7% dos/as estudantes já presenciaram cenas de homofobia, que ocorrem principalmente através das ofensas e “brincadeiras” nas aulas de Educação Física. As concepções da maioria dos/as estudantes relacionada aos gêneros são que os/as alunos/as não devem ser separados por gênero e nem ter conteúdos diferentes. Em relação à sexualidade, aferimos que a figura masculina ainda está muito ligada, na percepção deles/as, à força e à virilidade, enquanto a mulher está associada à sutileza e à delicadeza. Concluímos que, no decorrer da pesquisa, a maioria dos/as alunos/as se expressou contra a homofobia e apontou alternativas para minimizá-la nas aulas de Educação Física. Através das oficinas pedagógicas proporcionamos aos/as estudantes vários momentos que consideramos enriquecedor para os/as alunos/as, a pesquisadora e a Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Sexualidades. Questões de gêneros; Homofobia; Educação Física Escolar.

ABSTRACT

The research presents the object of study, the treatment of sexualities in Physical Education classes. We understand that discussing at school is very important, as it is already part of everyday life and is also present at school. We have as general objective, to know, problematize and understand how homophobia happen in physical education classes of elementary school, as well as to point out ways of pedagogical intervention in the fight against this oppression. For this, we point out the following specific objectives: a) to analyze the students' conceptions related to gender and sexuality; b) identify and describe how homophobia happen in Physical Education classes; c) develop a proposal for pedagogical intervention to discuss gender, sexualities and homophobia in Physical Education classes. The research is exploratory, with a qualitative approach, of an action research type. It was held at the School in Extremoz/RN, with students from a 9th grade morning group (32 students) and another from the 9th grade afternoon group (28 students), as elementary students. The instruments for collecting survey data were diagnostic questionnaires and pedagogical workshops. The results showed that 72.7% of the students already witnessed scenes of homophobia and that it occurs mainly through offenses and "games" in Physical Education classes. The conceptions of most students related to genders, are that students should not be separated by gender or have different content. About sexuality, we found that the male figure is still very much linked, in their perception, to strength, virility while the woman is associated with subtlety, delicacy. We concluded that the most of the students expressed themselves against homophobia and pointed out alternatives to minimize it in Physical Education classes. Through the pedagogical workshops we provide students with a lot of moments that we consider important for students, the researcher and Physical Education in Schools.

Keywords: Sexualities. Gender issues; Homophobia; School Physical Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mural da dinâmica " menino veste azul, menina veste rosa " .	34
Figura 2. Dinâmica "menino veste azul, menina veste rosa " .	46
Figura 3. Jogo Na trilha do movimento: desmoldando os corpos	56
Figura 4. Cabo de Guerra	62
Figura 5. Brincadeira Bola Atômica	72
Figura 6. Brincadeira Bola Atômica	73
Figura 7. Mapa Mundial da Homofobia	81
Figura 8. Encenação sobre homofobia no futebol	89
Figura 9. Encenação sobre homofobia no futebol	92
Figura 10. Encenação sobre homofobia no futebol	92
Figura 11. Encenação de Balé	98
Figura 12. Encenação sobre Transfobia	100
Figura 13. Encenação sobre Transfobia	100
Figura 14. Encenação sobre machismo no futebol	106
Figura 15. Dinâmica "Balões inflados de novos saberes"	112
Figura 16. Dinâmica "Balões inflados de novos saberes"	112
Figura 17. Cartaz	114

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Declaração de gênero dos/as participantes	35
Gráfico 2. Orientação sexual dos participantes	35
Gráfico 3. Idade dos participantes	36
Gráfico 4. Declaração dos participantes quanto à raça e etnia.....	37
Gráfico 5. Local/bairro de moradia dos participantes	38
Gráfico 6. Renda familiar dos participantes	39
Gráfico 7. Arranjos familiares	40
Gráfico 8. Participantes que trabalham	41
Gráfico 9. Práticas corporais para meninas.....	44
Gráfico 10. Práticas corporais para meninos.....	45
Gráfico 11. Finalidade da Educação Física	54
Gráfico 12. Separação por gênero	64
Gráfico 13. Separação de conteúdo por gênero.....	66
Gráfico 14. Violência contra homossexuais.....	83
Gráfico 15. Tipificação da violência	84
Gráfico 16. Frases ofensivas.....	94
Gráfico 17. Presenciar afetividade entre casais LGBTQI+	95
Gráfico 18. Participar de aulas com colegas homossexuais.....	113

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Planejamento das Oficinas Pedagógicas	30
Quadro 2. Você sabia?	71
Quadro 3. Conceitos apresentados na brincadeira	72
Quadro 4. Ofensas.....	79

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAPF	Campus Avançado de Pau dos Ferros
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CEF	Curso de Educação Física
COI	Comitê Olímpico Internacional
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FIVB	Federação Internacional de Voleibol
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LGBTQI+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais e mais.
NEED	Núcleo de Estudos em Educação
RN	Rio Grande do Norte
SEEC	Secretaria de Estado de Educação do Rio Grande do Norte
STF	Supremo Tribunal Federal
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE GRÁFICOS	12
LISTA DE QUADROS	13
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	14
1. INTRODUÇÃO	16
2. METODOLOGIA.....	26
3. DESVELANDO A REALIDADE DOS/DAS ESTUDANTES E ENCONTRANDO CAMINHOS.....	33
3.1. “Ah, Meu Deus do Céu!”: Relações possíveis entre Heteronormatividade e a Educação Física Escolar	48
4. PROBLEMATIZANDO A RELAÇÃO SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO FÍSICA .	52
4.1 “O movimento é sexy”: sexualidade e educação	57
4.2 “Tem que se assumir”: orientação sexual e juventude	59
4.3 Cabo de guerra e o machismo nosso de cada dia	62
5. A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS NA APREENSÃO CRÍTICA DO CONHECIMENTO.....	69
5.1. Violência e preconceito: dados e conceitos.....	74
5.2. Homofobia mata.....	79
6. APRENDENDO E SOCIALIZANDO UM NOVO CONHECIMENTO.....	86
6.1. Homofobia no futebol e no balé.....	87
6.2. Transfobia no esporte: caso Tiffany	98
6.3. Machismo no futebol	103
7. AVALIANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	108
7.1. Ressignificando as práticas.....	114
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116

REFERÊNCIAS	121
9. APÊNDICES.....	126
APÊNDICE I.....	126
APÊNDICE II.....	133
APÊNDICE III.....	149
APÊNDICE IV	152
APÊNDICE VI	154

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que se apresenta elegeu como objeto de estudo o trato das sexualidades¹ nas aulas de Educação Física e buscou, portanto, conhecer, problematizar e analisar essas aulas do ensino fundamental e apontar algumas formas de intervenção pedagógica no combate à homofobia e outras formas de discriminação.

O estudo se configurou na articulação entre o conhecimento científico produzido pelas ciências sociais e humanas acerca das sexualidades, gêneros e orientação sexual, e o construído e experimentado por essas mesmas ciências, agora de viés pedagógico, no contexto escolar, mais especificamente nas relativas à Educação Física escolar.

Portanto, o texto e a experiência se apresentam como “produtos” do desenvolvimento de uma pesquisa, intervenção integrada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação Física (em rede nacional) realizada por essa pesquisadora, professora de Educação Física das redes públicas municipal e estadual potiguar.

Sou filha de nordestinos que migraram para Brasília em busca de uma vida melhor na década de 1980, e foi na região do Centro-Oeste que meus pais tentaram encontrar estabilidade. Nasci em Cristalina/GO e junto com minha família percorremos várias cidades nesse estado, de onde tenho vivas lembranças de minha infância e adolescência, de jogar futebol na rua e escutar que futebol é coisa de menino, desde muito cedo. Ficamos na região Centro Oeste até 1998, quando, junto aos meus pais, fomos morar em Campina Grande/PB e depois de três anos, em 2001, para o município de São Francisco do Oeste/RN.

Nessa cidade, finalizei o Ensino Fundamental e concluí o Ensino Médio. Na mesma cidade, a partir de 2003, atuei como membro na Pastoral da Juventude da

¹ No decorrer desse trabalho, sempre que se mencionar a palavra “sexualidade”, esta no plural, “sexualidades”, para que sejam contempladas as múltiplas possibilidades de expressão e vivência da sexualidade humana.

Igreja Católica na Capela de São Francisco de Assis. Em 2007 assumi a coordenação local do grupo de jovens e posteriormente, em 2010, a coordenação da Juventude da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição em Portalegre/RN.

Com passagens pela Jornada Mundial da Juventude em 2011 em Madrid, na Espanha e 2013 no Rio de Janeiro, encerro minha atuação e protagonismo na Igreja Católica e sigo em busca de novos desafios, tanto profissionais como pessoais. Destaco a liderança com a juventude, pois essa experiência com os jovens contribuiu positivamente na relação professor/a-aluno/a, bem como, na execução dessa pesquisa, principalmente no momento de realização das oficinas pedagógicas, pois as turmas participantes possuem um perfil conflituoso e discutir sexualidades e gêneros com os/as estudantes ²foi bastante desafiador, mas veremos esses detalhes posteriormente na metodologia.

Concomitante a essa experiência religiosa, ingressei no Ensino Superior no ano de 2005, no *Campus Avançado de Pau dos Ferros* (CAPF) da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte (UERN) no Município Pau dos Ferros/RN (2005-2009). Durante o período de formação inicial, fiz parte de um projeto de pesquisa intitulado: “Da cultura do futebol ao futebol como cultura” (2006-2008) e fui bolsista do projeto de extensão denominado “Artesãos do tempo” (2006-2009), que visava conhecer a realidade dos idosos no município de Pau dos Ferros/RN e o envolvimento deles/delas com atividade física e cultura.

Além disso, estava sempre empenhada, tanto em participar, como em organizar atividades acadêmicas de diversas naturezas, inclusive científica. Fundamos, em 2006, o Centro Acadêmico Estudantil, tornando-me a vice-presidente, pois na época fazia parte da segunda turma do Curso de Educação Física (CEF), eu eram as únicas existentes. Realizamos um movimento estudantil, em que saímos nas ruas da cidade de Pau dos Ferros denunciando a escassez de condições estruturais e a falta de materiais para a concretização das nossas aulas na Universidade. Em outro momento, fomos até o Campus Central, na cidade de Mossoró/RN, fazer um manifesto em frente a reitoria, fato ainda não visto pelos gestores daquela instituição. Os resultados vieram a curto, médio e em longo prazo.

² No decorrer do trabalho, utilizaremos sempre os substantivos no masculino e feminino para considerar ambos os gêneros.

Preocupada com a formação dos futuros profissionais, minha monografia (trabalho de conclusão de curso) intitulada “EDUCAÇÃO FÍSICA E IMAGINÁRIO: perspectiva da Educação Física predominante na formação do CEF/UERN/CAMEAM” objetivou verificar o imaginário presente nos relatos dos alunos, ex-alunos, atuais professores e ex-professores do curso de Educação Física do CAMEAM, visando perceber se o processo de formação inicial transformaria o imaginário dos discentes no decorrer do curso. No último período do curso, comecei a pós-graduação *latu sensu* em Educação Física Escolar (2009-2010), uma vez que buscava mais qualificação para atuar na educação, especificamente na escola.

Após a graduação, ingressei no mercado de trabalho no ano de 2010, tornando-me professora da rede municipal de Portalegre/RN, mas não desejava ficar distante dos grupos de pesquisa e extensão, pois compreendia que seria muito enriquecedor para a minha atuação enquanto professora continuar participando dos grupos de estudo. Sendo assim, em 2011-2013, participei do projeto de pesquisa “A constituição da Identidade nas aulas de Educação Física”, começando a direcionar para as discussões sobre identidades, sob a coordenação do professor Helder Cavalcante Câmara, vinculado ao Grupo de pesquisa Educação Física, Sociedade e Saúde da UERN.

Através do projeto de pesquisa “Diálogo entre cotidiano familiar e escolar nas serras do alto-oeste potiguar: experiências formadoras de educadores/as do campo sobre relações de gênero e sexualidade” no período de 2012-2014 e do projeto de extensão “Diálogos autobiográficos: trilhas da formação dos/as educadores/as serranos/as” de 2012 a 2013, sob a coordenação da professora Maria Euzimar Berenice Rêgo Silva, vinculado ao Núcleo de Estudos em Educação (NEEd) ocorreram as primeiras aproximações com as discussões sobre sexualidades e as questões de gêneros.

Devido a minha companheira, que na época cursava pedagogia e participava de ambos os projetos, me aproximei da temática e tinha interesse em compreender as discussões, pois seu tema de monografia estava relacionado com a homofobia. Nesse mesmo ano, 2013, assumi o concurso da rede Estadual do RN, no interior do estado, município de São Francisco do Oeste/RN e da rede municipal de Extremoz/RN (região metropolitana de Natal), com distância entre as cidades de 420 km.

Não foi fácil durante três anos se deslocar de um lugar para o outro, mas o desejo de um dia residir na capital do estado visando inúmeras possibilidades que o interior não permitia, como qualidade de vida e a concretização de um sonho: o mestrado. Movida por esses desejos, cheguei até a cidade de Natal em 2015.

Na trajetória profissional, depois desse período, participei de algumas greves estaduais e municipais, sempre lutando por melhorias na educação, pois as condições mínimas precisam ser reivindicadas e nossos/as alunos/as tem o direito de ter uma educação de qualidade, que contribua para a formação de pessoas capazes de transformar a realidade.

Conhecendo a realidade da escola em que trabalho, e observando as cenas frequentes de homofobia e de preconceito em relação às sexualidades e aos gêneros, pensei em fazer um trabalho interventivo. Porém, a decisão de pesquisar essa temática inicialmente não foi fácil, pois atualmente o Brasil atravessa momentos sombrios no âmbito da temática em questão, assim como no que concerne aos direitos do público LGBTQI+³ e, sobretudo, no aspecto mais amplo do reconhecimento, afirmação e legitimação dos sujeitos pertencentes a esse grupo.

Faremos um breve recorte para contextualizar nosso trabalho no cenário político. Nos últimos anos, o Brasil tem atravessado uma crise política desde o golpe, em 2016, que tirou a Presidenta Dilma Rousseff do poder. A partir de então, a Democracia vem sendo constantemente atacada, haja vista que a última eleição (2018) foi marcada e dominada pelas *Fake News* (notícias falsas) e o candidato Jair Bolsonaro, da extrema direita, foi eleito. Esse mesmo Presidente apresenta pensamento retrógrado em diversas áreas, inclusive com relação aos gêneros e as sexualidades, não aceitando que discussões como essas sejam feitas nas escolas, no momento em que apoia o Projeto Escola sem Partido (que busca amordaçar profissionais da educação) e critica o Programa Brasil sem Homofobia, rotulando-o pejorativamente de “Kit gay”. O presidente afirma ainda, e se vangloria, das seguintes frases, “Meus filhos não correm o risco de virar gay, porque foram muito bem-educados” e “Eu seria incapaz de amar um filho homossexual”. Sendo assim, não podemos esperar que ele defenda os direitos da população LGBTQI+ ou sequer respeite essa população. Para dificultar ainda mais, o ministério (da Mulher, Família e Direitos Humanos) que deveria trabalhar com essa população tem uma ministra

³ Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexuais e mais.

que acredita em ‘cura gay’ e que meninas devem vestir-se de rosa e meninos de azul.

Historicamente, há uma omissão do Estado em assumir seu papel com relação aos direitos das pessoas LGBTQI+, o que se agravou nos últimos anos. Oliveira (2019) aponta que grupos vulneráveis como as mulheres (Lei do Feminicídio e Maria da Penha), as crianças (Estatuto da Criança e do Adolescente) e os idosos (Estatuto do Idoso) já receberam atenção do legislativo e já existem leis que os protegem, enquanto os gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outros indivíduos pertencentes a esse grupo não possuem nenhuma Lei que os amparem e que tipifiquem atos criminosos cometidos a essas pessoas por sua condição. O Estado opta pela mordaza e pela venda.

É significativo pontuar alguns acontecimentos importantes nos últimos anos, não por meio do Legislativo, mas através do judiciário. Em 2011 o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu como legal a união de casais homoafetivos⁴; em 2013 o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) publica a Resolução nº 175⁵ que autoriza cartórios em todo território nacional a realizarem a União Civil de casais homoafetivos e, mais recente, em 2019, o STF criminaliza a homofobia⁶ e equipara a discriminação sofrida por essas pessoas ao crime de racismo.

Esses três marcos não são só conquistas importantes para o movimento LGBTQI+, mas também valiosas para a sociedade que pode, enfim, perceber os direitos básicos do ser humano, que são respeito, proteção e liberdade, ainda que minimamente. O Art. 5º da Constituição Brasileira de 1988 defende que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 2016, p.13).

Dialogar sobre as questões de gêneros e sexualidades na escola é bastante desafiador e percebe-se uma forte tendência à negação dessa discussão na

⁴ SANTOS, Débora. Supremo reconhece união estável de homossexuais. **G1**, Brasília, 5 maio 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/05/supremo-reconhece-uniao-estavel-de-homossexuais.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

⁵ OLIVEIRA, Mariana. Decisão do CNJ obriga cartórios a fazer casamento homossexual. **G1**, Brasília, 14 maio 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/05/apos-uniao-estavel-gay-podera-casar-em-cartorio-decide-cnj.html>. Acesso em: 9 abr. 2020.

⁶ BARIFOUSE, Rafael. STF aprova a criminalização da homofobia. **BBC News Brasil**, São Paulo, 13 abr. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>. Acesso em: 1 out. 2019.

atualidade. Essa questão, apesar de recorrente no cotidiano escolar é, por muitas vezes, pormenorizado, quando não, ignorado. Segundo Britzman (1996, p.78), “quando chega a ser tratado, o conhecimento de sala de aula sobre sexualidade é tipicamente sinônimo de reprodução heterossexual, embora até mesmo esse conhecimento seja banalizado”.

Para continuar essa discussão, é importante apontar o conceito de gêneros que este trabalho apresenta como ponto de partida. Segundo Meyer (2010, p.16),

Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos constituímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo.

Semelhante a este pensamento, Altmann e Souza (1999, p.53) diz que “Gênero é aqui entendido como a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres”. Vê-se que Meyer (2010) dá destaque ao processo de constituição do homem e da mulher, apontando ocorrer de forma não linear, inacabada e ao longo de toda a vida.

Sobre o conceito de sexualidades, Louro (2000, p. 6-7) questiona o pensamento que paira no imaginário social de que a sexualidade é algo com o qual todos nós nascemos e que nos é dada de presente pela natureza. A crítica da autora é que essa ideia limita a discussão no aspecto social e político. Diante disso, defende que:

[...] a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais. Nessa perspectiva, nada há de exclusivamente "natural" nesse terreno, a começar pela própria concepção de corpo, ou mesmo de natureza. Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas.

Em algumas escolas não há uma discussão sistematizada e aprofundada em torno das questões de gêneros e sexualidades para os/as docentes e alunos/as, o que gera confusão na construção do entendimento desses conceitos e de suas relações com as disciplinas curriculares e os respectivos conteúdos, sedimentando o senso comum, e com ele materializando preconceitos e diversas expressões e formas de discriminação, tanto dos/as alunos/as quanto dos/as professores/as sobre esses temas. A omissão ou negação não é apenas por parte de alguns docentes. Algumas escolas desde a gestão escolar e demais trabalhadores em educação,

compartilham comportamentos semelhantes, predominando o silêncio e/ou a marginalização do assunto, assim como afirma Louro (1997, p.67),

[...] tão ou mais importante do que *escutar* o que é *dito* sobre os sujeitos, parece ser perceber o *não-dito*, aquilo que é silenciado — os sujeitos que *não são*, seja porque não podem ser associados aos atributos desejados, seja porque não podem existir por não poderem ser nomeados. Provavelmente nada é mais exemplar disso do que o ocultamento ou a negação dos/as homossexuais — e da homossexualidade — pela escola.

Não discutir, negar, ou até mesmo silenciar, não significa dizer que as questões acerca das sexualidades, entre elas, o debate sobre orientação sexual, não estejam presentes na comunidade escolar, particularmente nas crianças e adolescentes. É importante mencionar que tudo isso se desenvolve às margens, sem que haja um tratamento pedagógico. Louro (1997, p.68), afirma que

A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às "gozações" e aos "insultos" dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos.

Os/as professores/as da educação básica presenciam frequentemente o quanto e como os/as alunos/as abordam questões de gêneros e sexualidades nas aulas. Essas situações ocorrem quando alguns alunos/as ridicularizaram os outros, por um menino ou menina está fora dos padrões⁷, denominando-os/as de "bicha", "veado", e as meninas de "sapatão"; quando algum/a aluno/a durante a aula afirma ser gay ou lésbica; quando alunos/as acham que futebol deve ser jogado apenas por meninos ou quando alunas/os acreditam que dançar é somente para meninas.

E aqui vale destacar que quando surgem esses assuntos é quase sempre em forma de burburinhos, opiniões e ideias fundamentadas no senso comum, ou seja, no que os alunos/as veem em séries, telenovelas e/ou filmes, assim é perceptível a superficialidade no conhecimento sobre o assunto, as ligeiras confusões e ignorâncias.

⁷ Os padrões a que se refere no texto é quando um menino, por exemplo, é doce e meigo ou prefere brincadeiras ou brinquedos que são tidos como de menina, como bonecas. Uma menina fora dos padrões do gênero é, por exemplo, quando prefere brincadeiras com mais aventura e que não se interessa em estar sempre bem vestida e maquiada. Essas normas estão à serviço, em contexto bem mais amplo de relações de poder e interesse, do Patriarcado, da Burguesia, do homem branco e a mídia, por sua vez, se apresenta como forte mecanismo de controle e manutenção dessa norma.

Corroborando com o pensamento acima, Bento (2011, p.555) entrevistou algumas pessoas que vivem a transexualidade⁸ e alguns dos relatos afirmam com clareza que, ao se omitir, a escola está produzindo e reproduzindo o preconceito, institucionalizando-o.

Agora eu estou tentando voltar a estudar. Quando eu era pequeno, todo dia eu voltava para casa todo machucado. Me chamavam de macho-fêmea, sapatão. Eu não aceitava. A diretora chamava minha mãe. Era uma confusão. Até que um dia, eu parei de ir. (Pedro)

Na escola, quando me chamavam de veado ou de macho-fêmea, eu chorava, me afastava de todo mundo, não saía para o recreio. Eu só tenho a 3ª série completa. [...] Não aguentei o preconceito de me chamarem de macho-fêmea, de veado, de travesti, essas coisas todas. (Kátia)

A omissão ou negação por parte de algumas escolas em relação ao preconceito não pode permanecer como se ela não tivesse o dever de combatê-lo, problematizando e garantindo a permanência desses/as alunos/as no ambiente educacional.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948, p.4), o artigo 1º defende que, “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”, em sequência o artigo 2º defende a necessidade dos sujeitos buscarem a garantia desses direitos, independentemente de qualquer condição (ONU, 1948). Assim, quando essa liberdade é negada por causa do preconceito e da discriminação, a dignidade humana é comprometida e, quando isso ocorre, a homofobia fica evidente. De acordo com Lionço e Diniz (2009, p. 52),

Homofobia define-se como uma manifestação perversa e arbitrária da opressão e discriminação de práticas sexuais não-heterossexuais ou de expressões de gênero distintas dos padrões hegemônicos do masculino e do feminino. Há várias expressões sociais da homofobia, desde os atos violentos de agressão física e restrição de direitos sociais até a imposição da exclusão às pessoas cujas práticas sexuais não são heterossexuais.

Os estudos de Bento (2011) revelam a presença da homofobia na escola e, de acordo com Oliveira, Godoi e Santos (2014), o preconceito e a discriminação também existem nas aulas de Educação Física. Em uma pesquisa realizada com docentes de uma escola, verificou-se que há preconceito, no caso homofobia, nas aulas de Educação Física e, nessas ocasiões, os professores buscaram intervir pedagogicamente (2014).

⁸ Para Bento (2011), a transexualidade é a reivindicação de uma identidade de gênero contrária aquela designada no nascimento.

O Coletivo de Autores (1992, p.38) compreende que a Educação Física na escola tematiza a cultura corporal,

[...] acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

No meio acadêmico, esse objeto ainda precisa ser explorado, ampliando os estudos sobre a homofobia nas aulas de Educação Física, contribuindo assim com o conhecimento científico.

É na escola, também, o lugar onde os sujeitos estão diariamente expressando seus desejos, seus pensamentos e suas opiniões, espaço marcado pela formação dos seres sociais, ainda em construção. É durante os anos vividos na escola que a personalidade dos indivíduos se desenvolvem; que as visões de mundo começam a ser consolidadas ou transformadas e, por esse motivo, é fundamental pensar o papel e a responsabilidade dos agentes que conduzem esse processo.

Pensando nessa responsabilidade de formar cidadãos críticos e conscientes do mundo em que vivem, sujeitos que prezam pelo respeito e buscam a dignidade para todos/as é que se destaca a importância de discutir a homofobia na escola e tem-se o interesse de investigar a homofobia nas aulas de Educação Física, questão não muito abordada entre os/as professores/as no ambiente escolar e pouco explorada no meio acadêmico.

A homofobia e temas correlatos às sexualidades precisam ser pontos de debates para serem objetos de pesquisa, não se omitindo a realidade, que discrimina, tolera e dissemina a violência e naturaliza preconceitos e diversas formas de discriminações e opressões. Essa violência pode afastar os/as alunos/as ao acesso à educação e ao ensino da Educação Física, reforçando e repetindo práticas sociais discriminatórias na escola, local onde não deveríamos tratar como natural essas questões. Os/as educadores/as e os/as demais profissionais da educação precisam intervir pedagogicamente para transformar a realidade, bem como estabelecer canais de diálogos com os/as estudantes.

O diálogo é condição *sine qua non* que pode ou não modificar o pensamento dos/as alunos/as, fazendo com que estes compreendam os conceitos que cercam

objetos tais como gênero e sexualidades e assim transformar as aulas de Educação Física num espaço crítico, que promova o respeito à diversidade

Diante do exposto, questiona-se: quais alternativas pedagógicas podem ser pensadas e experimentadas para discutir e pedagogizar a homofobia nas aulas de Educação Física? Em relação a esse problema, a hipótese que se suscita é que através de intervenções sistematizadas com discussões e vivências pode-se ampliar a compreensão dos/as alunos/as sobre as questões de gêneros e sexualidades, enfatizando o respeito às diversas formas de viver as sexualidades, assim como se desconstrói estereótipos socialmente estabelecidos. Desse modo, acredita-se que, ao articular as temáticas de sexualidades, gêneros e homofobia a partir das manifestações da cultura corporal, pode-se contribuir para minimizar o preconceito e a discriminação. Nessa perspectiva, tem-se como objetivo geral conhecer, problematizar e compreender como se dá a homofobia nas aulas de educação física do ensino fundamental, bem como apontar formas de intervenção pedagógica no combate a essa opressão.

Para isso pontuam-se os seguintes objetivos específicos: analisar as concepções dos/as alunos/as relacionadas às questões de gêneros e sexualidades; identificar e descrever como ocorre a homofobia nas aulas de Educação Física; e desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica para discutir as questões de gêneros, as sexualidades e a homofobia nas aulas de Educação Física.

No primeiro capítulo traçou-se o perfil socioeconômico dos/as participantes, sistematizando e analisando os dados coletados através do questionário aplicado, com questões que abordavam informações básicas dos estudantes como sua idade, lugar onde moram, relação familiar, situação econômica da família, sua identidade de gênero e etnia, além de outras questões. Na sequência, introduziu-se a discussão dos gêneros, contextualizados com apoio da literatura e apresentou-se a concepção de gêneros escolhida para delinear o trabalho. Para isso, também problematizaram-se atividades desenvolvidas na primeira oficina pedagógica que teve a finalidade de compreender o que os estudantes pensam acerca dos gêneros, por fim, expomos o conceito de heteronormatividade, suas características e função na sociedade.

Logo depois, no segundo capítulo, desenvolveu-se o conceito de sexualidade e problematizou-se a temática dentro do contexto educacional. Nessa perspectiva, foram trazidas à discussão as diversas formas de expressão e manifestação das

sexualidades, destacando que na sociedade atual a orientação sexual aceita como natural é a heterossexualidade, aprofundando, dessa forma, a ideia de heteronormatividade, apontando alguns instrumentos de manutenção dessa condição, tendo como exemplo o machismo. Atravessados esses pontos, foram surgidas situações durante a segunda oficina. Por meio da brincadeira de cabo de guerra vieram à tona algumas questões de gêneros e para finalizar foi apresentado o resultado do questionário no que se refere a questão de saber se os estudantes acham que alguns conteúdos de Educação Física deveriam ser trabalhados apenas com meninos e outros exclusivamente com meninas.

No terceiro capítulo foram aprofundados alguns conceitos desenvolvidos anteriormente e expusemos as reflexões surgidas durante as atividades, apresentando aos estudantes definições de machismo, homofobia e outros. Além disso, foram apresentados dados a respeito da violência sofrida diariamente por homossexuais no Brasil e no mundo, fruto da homofobia.

Na sequência, o quarto capítulo traz a continuação da exposição das oficinas, sendo trabalhado com os estudantes textos jornalísticos que envolviam a temática das sexualidades, questões de gêneros e homofobia no cenário das práticas corporais. Por fim, no quinto capítulo houve a avaliação dos participantes da pesquisa, de todo o processo de aprendizagem durante a realização das atividades. Em seguida, apresentou-se a sistematização das sugestões e alternativas apontadas pelos/as estudantes para sensibilizar a comunidade escolar acerca da homofobia e as aulas de Educação Física.

2. METODOLOGIA

Diante do exposto e do desafio em atingir os objetivos supracitados, é necessário apreender um método de pesquisa e os devidos procedimentos metodológicos que permitam saturar de determinações esse objeto e assim desvelar sua essência em totalidade.

Para Netto (2011, p.25), no método em Marx,

[...] o papel do sujeito é essencialmente *ativo*: precisamente para apreender não a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, a sua estrutura e a sua dinâmica (mais exatamente: para apreendê-lo como um *processo*), o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O papel do sujeito é *fundamental* no processo de pesquisa.

Nota-se o quanto é importante o papel do/da pesquisador/a para a realização do estudo, pois ele/ela possui a responsabilidade de escolher, dentre os vários tipos de abordagens, as mais adequadas e as que atendem as necessidades do estudo, bem como os instrumentos e técnicas.

O objeto de estudo surgiu a partir da leitura da realidade concreta da escola e nos fundamentamos para analisar os dados nas categorias de análise da dialética, que são a totalidade, contradição e a mediação (NETTO, 2011).

Segundo Thiollent, (2011, p.32) a metodologia é

[...] considerada como modo de conduzir a pesquisa. Neste sentido, a metodologia pode ser vista como conhecimento geral e habilidade que são necessários ao pesquisador para se orientar no processo de investigação, tornar decisões oportunas, selecionar conceitos, hipóteses, técnicas e dados adequados.

A pesquisa-ação permite que os pesquisadores atuem de forma ativa na realidade analisada (THIOLLENT, 2011). Acredita-se, assim, que ela é o tipo de pesquisa mais adequada para atender aos objetivos desse trabalho científico, pois pode ser definido, segundo Thiollent, (2011, p.20) como

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa exploratória que “[...] têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado” (GIL, 2002, p.41), com uma abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2009, p.21), a abordagem qualitativa “responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

Para alcance dos objetivos propostos, foi realizada uma revisão bibliográfica relacionada aos temas educação, escola, Educação Física, sexualidades, gêneros e homofobia. Destacaram-se alguns/mas autores/as: Freire (2005), Saviani (1999, 2011), Coletivo de Autores (1992), Darido (2018), Darido e Rangel (2008), Altmann (2011), Altmann e Souza (1999), Goellner (2010), Foucault (1988), Bento (2011),

Louro (2010), Lionço e Diniz (2009), Junqueira (2009) e Borrillo (2010). No percurso metodológico, serão apropriados os seguintes autores: Paulo Netto (2011), Thiollent (2011), Gil (1991), Minayo (2009), Marconi e Lakatos (2003).

Confrontados à revisão bibliográfica, realizou-se uma intervenção, denominada aqui de oficinas pedagógicas, que consistiu em cinco momentos com duas turmas do 9º ano do Ensino Fundamental, e abrangeu a realização de um questionário diagnóstico, bem como a gravação em áudio de toda intervenção, com destaque aos processos de avaliação formativa, que deram origem a um relatório que foi devidamente analisado. Os detalhes de toda a trajetória de investigação e intervenção serão descritos a seguir.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede estadual, situada no centro do município de Extremoz, que fica localizado no litoral do estado do Rio Grande do Norte, circunscrito na Região Metropolitana de Natal. Fundada em 1981, a escola está ativa desde 1982, e atualmente oferta a modalidade de Educação de Jovens e Adultos/EJA e a modalidade regular, com turmas de anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A escolha por essa instituição se deu pelo fato de ser o campo de atuação profissional da professora pesquisadora.

Quanto à estrutura física, a escola possui 11 salas de aula parcialmente climatizadas, sala de informática, biblioteca, sala para atendimento educacional especializado, laboratório de biologia (inativo), sala de coordenação pedagógica, sala de direção, banheiros de servidores e funcionários e banheiros de estudantes, um refeitório e uma quadra poliesportiva (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA, 2008)

A instituição funciona nos três turnos, com 33 turmas e está entre as 20 escolas com mais estudantes matriculados da Rede Estadual, com 1.363 alunos/as. Atualmente estão alocados no quadro de funcionários 39 professores, 3 coordenadores, 1 coordenador geral, 1 diretor, 1 vice-diretora, além de outros/as servidores/as em readaptação e de apoio logístico e terceirizados.

O público atendido pela escola é oriundo dos bairros circunvizinhos e de algumas comunidades rurais do município, cuja maioria está em vulnerabilidade social, pois são famílias de baixa renda, morando em bairros e comunidades sem acesso ao saneamento básico e com atendimento limitado ao sistema de saúde.

Os/as participantes da pesquisa foram alunos/as de uma turma do 9º ano matutino (32 alunos/as) e outra do 9º ano vespertino (28 alunos/as), do ensino

fundamental da mencionada escola. Optou-se pela amostra intencional, e de acordo com Thiollent (2011, p.71),

[...] Trata-se de um pequeno número de pessoas que são escolhidas intencionalmente em função da relevância que elas apresentam em relação a um determinado assunto. Este princípio é sistematicamente aplicado no caso da pesquisa-ação. Pessoas ou grupos são escolhidos em função de sua representatividade social dentro da situação considerada.

Os critérios considerados relevantes para o recorte do público participante foram turmas em que já foram presenciadas com mais frequentes manifestações de preconceito e discriminação e que apresentam estudantes com faixa etária elevada.

É pertinente mencionar que se trata de um grupo de estudantes muito diverso e com personalidades individuais muito fortes o que, com frequência, refletia na dificuldade de concentração e disciplina nas aulas dos professores. As turmas eram tratadas como as mais problemáticas da escola por vários motivos, dentre eles por terem um número significativo de estudantes em distorção idade/série; por já possuírem maturidade para aquele nível de ensino e contexto escolar; por ter um alto índice de reprovação e outras questões. Além disso, os próprios estudantes sentiam rejeição por parte de alguns/mas professores/as.

É importante ressaltar que os participantes não tiveram gastos com a pesquisa, visto que todo o material utilizado para a realização do estudo foi custeado pela pesquisadora e ocorreu na própria escola que os/as alunos/as estudam.

Destaca-se que as oficinas pedagógicas foram instrumento de coleta de dados e a intervenção realizada nesse estudo é indissociável da intervenção, sendo as oficinas pedagógicas ao mesmo tempo processo e produto da pesquisa-ação.

As oficinas pedagógicas tiveram o conteúdo da cultura corporal emergentes da realidade dos/as alunos/as, visando a superação do senso comum e a ampliação e aprofundamento do conhecimento. Para isto, foram proporcionados momentos em que os/as alunos/as constataram, interpretaram, compreenderam e explicaram (COLETIVO DE AUTORES, 1992), em concordância com a abordagem crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), o qual se elegeu como fundamentação teórica para o planejamento das oficinas. Essa abordagem da Educação Física está fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2011).

No livro *Escola e Democracia*, Saviani (1999) apresenta cinco momentos que organizam o conhecimento. São eles: prática social inicial, problematização,

instrumentalização, catarse e prática social final. É importante destacar que esses momentos não ocorrem necessariamente nessa ordem, muito menos são dispostos de forma linear, como afirma Saviani (1999, p.84),

[...] Em lugar de passos que se ordenam numa sequência cronológica, é mais apropriado falar aí de momentos articulados num mesmo movimento, único e orgânico. O peso e a duração de cada momento obviamente irá variar de acordo com as situações específicas em que se desenvolve a prática pedagógica.

A prática pedagógica desenvolvida por cada professor/a determina o tempo necessário para cada momento que foi mencionado anteriormente. Também é relevante destacar a articulação entre esses momentos do método pedagógico, como menciona Lavoura e Martins (2017, p.532),

Assim, tais momentos do método pedagógico articulam-se dialeticamente no trabalho educativo, sempre considerando a prática social dos homens como ponto de partida e de chegada da prática educativa, tomando como momentos intermediários a problematização dessa prática social, a instrumentalização dos alunos – compreendida como a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários à transformação da prática social – e a “catarse”, que corresponde à efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados em elementos ativos de transformação social.

Diante disso, para a realização das cinco oficinas pedagógicas, elaborou-se um planejamento de 5h, sendo 1h (60 minutos) por semana, constando objetivos, conteúdos, metodologia, recursos, avaliação e referências para cada oficina. O planejamento foi direcionado às temáticas de sexualidades, gêneros e homofobia, que fazem parte da realidade social dos/as alunos/as articuladas aos conteúdos da Educação Física.

No que se refere à articulação dos conhecimentos, o Coletivo de Autores (1992, p.87) afirma que a aula é “um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social”.

Diante disso, a estratégia metodológica para a realização das oficinas pedagógicas que visaram atingir os objetivos da pesquisa foi dividida em cinco momentos, como discriminado no Quadro 1.

Quadro 1. Planejamento das Oficinas Pedagógicas

Primeira oficina pedagógica (Prática Social Inicial)

- Exposição dialogada;
-

-
- Diagnóstico - Questionário;
 - Dinâmica “menino veste azul, menina veste rosa”;
 - Debate da dinâmica
 - Planejamento Participativo;
 - Apresentação das intervenções;
 - Avaliação Formativa.
-

Segunda oficina pedagógica (Problematização)

- Jogo “Na trilha do movimento: desmoldando os corpos”;
 - Problematização;
 - Reflexão;
 - Avaliação Formativa.
-

Terceira oficina pedagógica (Instrumentalização)

- Brincadeira “Bola atômica”;
 - Conceitos;
 - Dados sobre homofobia;
 - Texto: “Faca sem ponta, galinha sem pé” (Ruth Rocha);
 - Vídeo: “Invisible players”;
 - Avaliação formativa e orientações para a oficina seguinte.
-

Quarta oficina pedagógica (Catarse)

- Apresentações teatrais (organizadas em grupo) produzidas pelos/as participantes a partir da leitura dos textos jornalísticos encaminhados na oficina anterior (*“Um manifesto tardio, porém necessário, do São Paulo contra a homofobia”*; *“A primeira transexual na Superliga feminina de vôlei, entre a ciência e o preconceito”*; *“Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados”*; *“Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação.”*)
 - Discutir e refletir as encenações;
 - Planejamento das ações a serem desenvolvidas no contexto escolar e nas aulas de Educação Física.
 - Avaliação formativa
-

Quinta oficina pedagógica (Prática social final)

- Exposição do vídeo, “Experimento social: criança é levada pelos dois pais à escola”
 - Entrega da questão para avaliação do processo: “a partir do que foi aprendido nas oficinas, quais transformações gostariam de ver na sociedade?”
 - Dinâmica: “Balões inflados de novos saberes”;
 - Classificação avaliativa com *emojis*.
-

Elaboração própria

As oficinas pedagógicas foram gravadas em áudio para auxiliar a elaboração do relatório, em que descrevemos com detalhes as atividades realizadas e fizemos reflexões sobre elas. É importante mencionar que as falas dos/as alunos/as não estão identificadas, pois o importante aqui é o sentido do que foi dito, sem se prender a quem falou.

Outro instrumento de coleta de dados foi o questionário, que segundo Thiollent (2011, p.75)

[...] No contexto particular da pesquisa-ação, os questionários obedecem a algumas das regras dos questionários comuns (clareza das perguntas, perguntas fechadas, escolha múltipla, perguntas abertas, etc.). Todavia, há algumas diferenças. Na pesquisa-ação o questionário não é suficiente em si mesmo. Ele traz informações sobre o universo, considerado que serão analisadas e discutidas [...].

O questionário impresso foi aplicado aos estudantes participantes da pesquisa com questões fechadas e de escolha múltipla e, eventualmente, abertas, para que possamos captar a compreensão dos/as alunos/as. Como afirma Thiollent (2011), o questionário por si só não é suficiente; assim, utilizaram-se seus dados para diagnosticar a realidade. Foi aplicado na primeira oficina pedagógica, na própria sala de aula dos/as alunos/as, e as informações levantadas contribuíram para redimensionar e conduzir melhor o planejamento das oficinas pedagógicas posteriores.

Realizamos um estudo piloto antes da aplicação do questionário, como orienta Thiollent (2011, p.75)

[...] Antes de ser aplicado em grande escala, pessoas selecionadas na amostra ou intencionalmente, o questionário é testado ao nível de um pequeno número de pessoas representativas, o que permite melhorar a formulação e tirar algumas ambigüidades de linguagem.

Mas, antes de responder ao questionário, os/as participantes da pesquisa receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ser preenchido e assinado, sendo mencionada a natureza da pesquisa, sua importância e a relevância das respostas, com o intuito de motivar o preenchimento de todo o questionário (MARCONI e LAKATOS, 2003), como também foi esclarecido aos participantes que suas identidades estariam protegidas, pois todas as informações coletadas por meio dos questionários apenas seriam utilizadas para fins científicos. Por se tratar de estudantes, em sua maioria, ainda menores de idade, serão coletadas assinaturas dos respectivos responsáveis, autorizando a participação dos/as alunos/as na pesquisa.

3. DESVELANDO A REALIDADE DOS/DAS ESTUDANTES E ENCONTRANDO CAMINHOS

Para transformar a realidade, é preciso conhecê-la e, para isso, foi adotada a orientação teórico-metodológica da pedagogia histórico-crítica, que busca conhecer a prática social, problematizá-la e transformá-la. Para nós, o agente transformador é o/a estudante que carrega consigo uma bagagem de conhecimento que precisa ser considerada e respeitada em sua totalidade. Segundo Lavoura e Martins (2017, p.534), não basta apenas compreender a aparência da prática social, “[...] mas, sobretudo, apreender o que essa prática social realmente é, considerando esse ser em sua processualidade histórica, ou seja, em seu surgimento, desenvolvimento, estrutura atual e tendências futuras de transformação”.

No primeiro momento com os/as alunos/as, objetivou-se identificar o conhecimento prévio sobre as questões de gêneros e sexualidades, conhecer as suas concepções sobre os gêneros e sexualidades, fazer um levantamento do que sabiam e saber seus desejos sobre aprofundamento na temática e ainda averiguar a compreensão dos estudantes em relação ao direito de participar das aulas de Educação Física, independente de gênero ou orientação sexual.

Para atender os objetivos da primeira oficina e os objetivos da pesquisa, foi aplicado um questionário visando conhecer a realidade e o perfil dos/das alunos/as, bem como identificar como ocorre a homofobia nas aulas de Educação Física. Em um primeiro momento, os/as alunos/as participaram de uma dinâmica denominada “menino veste azul, menina veste rosa”, em que eles/elas, divididos em grupos, pegavam imagens de diferentes práticas corporais e alguns brinquedos e colocavam no mural que foi dividido em três partes: menina, menino e menina e menino, como é possível ver na Figura 1.

Figura 1. Mural da dinâmica " menino veste azul, menina veste rosa " .



Fonte: Acervo da autora

Depois da dinâmica, houve a discussão sobre as sessões que escolheram pôr as imagens, assim como o levantamento do que os/as alunos/as sabiam e o que desejavam saber mais⁹.

É importante conhecer a realidade e o perfil dos/as alunos/as. Para isso, o questionário aplicado na primeira oficina ajudou-nos a identificar algumas características dos/das participantes. Mas antes, é necessário destacar que alguns/mas alunos/as não quiseram participar da pesquisa e seus questionários não foram contabilizados. No dia da oficina faltaram alguns estudantes e, dessa maneira, os questionários não foram respondidos por todos/as.

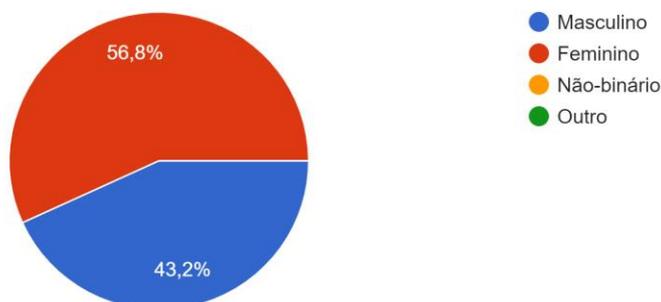
Dos 44 questionários respondidos, 56,8% dos/das alunos/as se auto declararam do gênero feminino e 43,2% do gênero masculino, predominando o gênero feminino, como podemos ver no gráfico 1, Declaração de gênero dos/as participantes.

⁹ Para compreender melhor, consulte o primeiro plano de oficina no apêndice II.

Gráfico 1. Declaração de gênero dos/as participantes

Qual seu gênero?

44 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

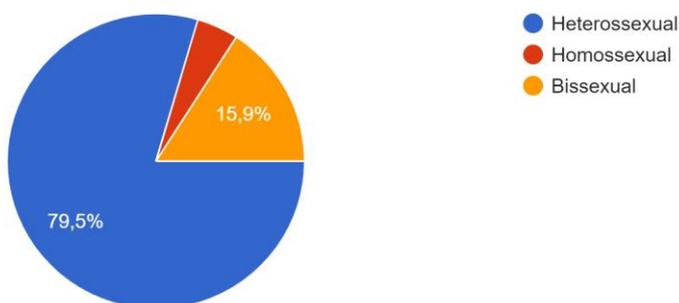
O que nos chama atenção é o fato de, apesar de terem outras opções de gêneros, eles/as não marcaram, ou não mencionaram “não-binário” ou “outro”.

Em relação à orientação sexual, 79,5% dos/as alunos/as se assumiram heterossexual, 15,9 % bissexual e 4,5% homossexual, como podemos ver no Gráfico 2, Orientação Sexual.

Gráfico 2. Orientação sexual dos participantes

Qual sua orientação sexual?

44 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

Considera-se um número significativo de estudantes que afirmaram sua sexualidade, pois é um dado coerente com o perfil desses jovens que estão cada

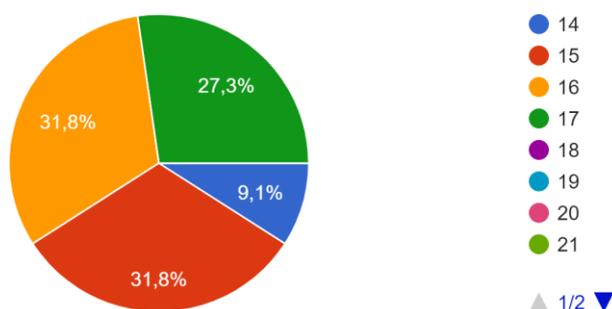
vez mais protagonistas de sua sexualidade. Uma pesquisa realizada pela Wunderman Thompson Intelligence (2016) afirmou que 46% da geração Z (entre 13 e 20 anos) não se consideram totalmente heterossexual, 6% se consideram totalmente homossexual e 48% se declaram heterossexual. O interessante nesses dados é que, ao compararmos com a geração Y (entre 21 e 30 anos), 65% dos participantes da pesquisa se reconhecem como heterossexual. A diminuição de uma geração para outra, em relação ao percentual de heterossexual, não significa que aumentou o número de homossexuais, mas de pessoas que vivem sua sexualidade de forma mais ampla. Esses dados estão próximos dos que levantamos em nossa pesquisa, os jovens estão entendendo sua orientação sexual mais cedo e estão abertos a experimentar diversas experiências, nesse aspecto de suas vidas.

No que se refere a faixa etária, 31,8% dos/as alunos/as têm 15 anos, 31,8% possuem 16 anos, 27,3% têm 17 anos, 9,1% possuem 14 anos, predominando a idade de 15 a 17 anos, como podemos ver no Gráfico 3, Idade dos participantes.

Gráfico 3. Idade dos participantes

Qual sua idade?

44 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)

Elaboração própria.

Considerando esse último dado, observamos que a maioria dos estudantes está em distorção idade/ano escolar, o que significa que nessa turma está parte significativa dos/as alunos/as retidos/as ou que se evadiu nos anos anteriores. A idade deles/las também nos fala sobre sua compreensão em relação às sexualidades e de seus desejos sexuais e ainda sobre identificação e pertencimento a um determinado grupo. Percebemos que a faixa etária dos/as alunos/as está distorcida de acordo com o Art. 32 da LDB, que aponta o ingresso da criança na

escola aos 6 anos de idade e, desta forma, progredindo anualmente chegaria ao 9º ano com 14 anos.

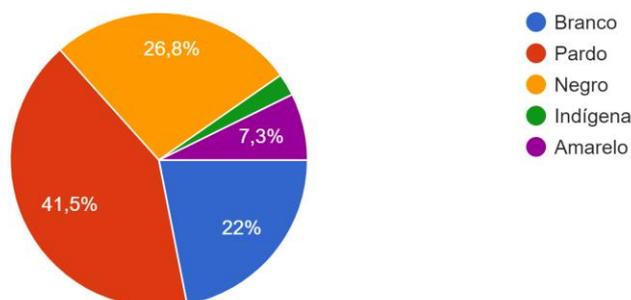
Nota-se que os/as estudantes estão agrupados a partir da faixa etária, pois muitas escolas utilizam esse critério para a formação das turmas (BERNADO, 2013). É válido destacar que a maioria dos estudantes que se declararam bissexuais e homossexuais tem 16 e 17 anos, o que, com isso, se compreende que é possível que parte dos que se assumiram como heterossexuais ainda não estão emocionalmente e psicologicamente amadurecidos com relação aos seus interesses sexuais.

No que diz respeito a como os/as alunos/as se declaram sobre sua etnia, 41,5% se declaram pardos, 26,8% negros, 22% brancos, 7,3% amarelo, 2,4% indígena, como podemos ver no Gráfico 4.

Gráfico 4. Declaração dos participantes quanto à raça e etnia

Como você se declara?

41 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

Notamos com essas informações que mais de a metade dos pesquisados se identificam como negros, pardos ou indígenas. Se compararmos com um universo maior, observamos esse dado em sintonia com o levantamento do Censo Escolar de 2019, apontando que 54,9% das matrículas nos anos finais do Ensino Fundamental são de estudantes negros¹⁰.

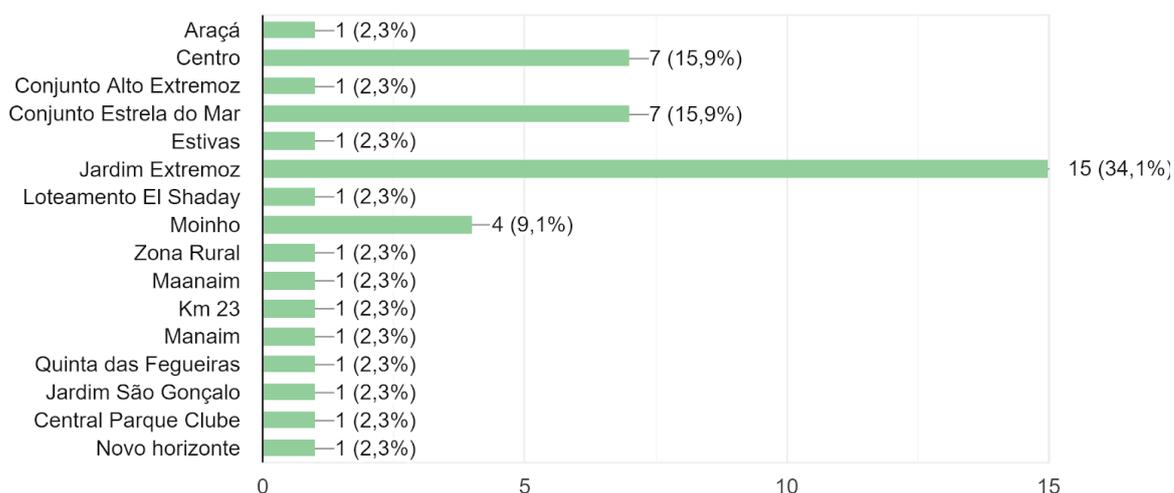
¹⁰ BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo da Educação Básica 2019**: Resumo Técnico. Brasília, 2020.

Em relação ao local onde residem, os/as alunos/as, em sua maioria, concentra-se em três bairros próximos à Escola, que são: Jardim Extremoz (15 respostas), Centro (7 respostas) e Conjunto Estrela do Mar (7 respostas), e os demais se distribuem em 12 bairros diferentes, como podemos ver detalhadamente no gráfico 5.

Gráfico 5. Local/bairro de moradia dos participantes

Onde você reside?

44 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)

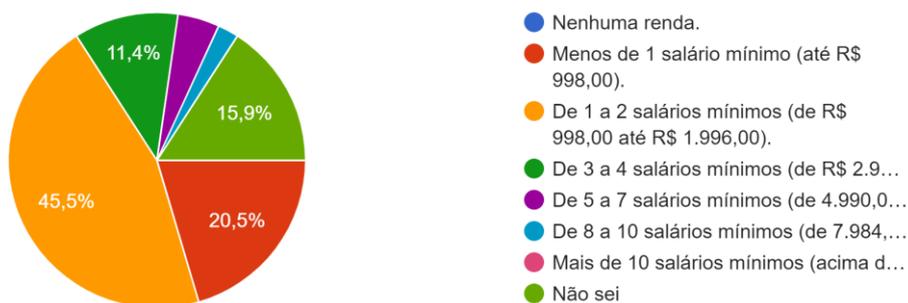
Elaboração própria.

Esses três bairros onde moram a maioria dos estudantes estão localizados em uma região de baixa renda e classe média baixa, o que é corroborado por eles/as mesmos/as através do questionamento sobre sua renda familiar. Como podemos ver no Gráfico 6 abaixo:

Gráfico 6. Renda familiar dos participantes

Somando a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

44 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)

Elaboração própria.

Em 45,5% das famílias a renda mensal, somando o de todos os integrantes, está entre 1 a 2 salários mínimos¹¹ (de R\$ 998,00 até R\$ 1.996,00) e 20,5% recebe menos de 1 salário mínimo (até R\$ 998,00), como descrito no Gráfico 6, acrescenta-se que a maioria dos participantes da pesquisa afirmam que moram com pai (2 respostas), mãe (10 respostas), pai e mãe (18 respostas), e irmãos (9 respostas)¹², ou seja, são esses os provedores da casa. Outro dado importante a ser considerado nesse contexto é a escolaridade de seus responsáveis: apenas 9,1% das mães (de um total de 44 respostas) possuem Ensino Superior, para 22,5% dos pais.

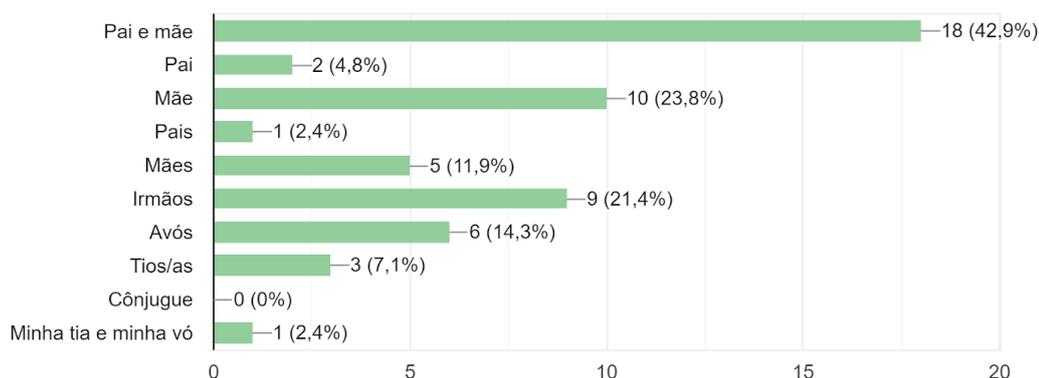
¹¹ Salário mínimo referente a 2019.

¹² Nesse questionamento, os/as participantes poderiam marcar as opções que se adequavam ao seu arranjo familiar, dessa forma, muitos marcaram mais de uma opção.

Gráfico 7. Arranjos familiares

Com quem você mora? (Poderá marcar mais de uma opção)

42 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)

Elaboração própria.

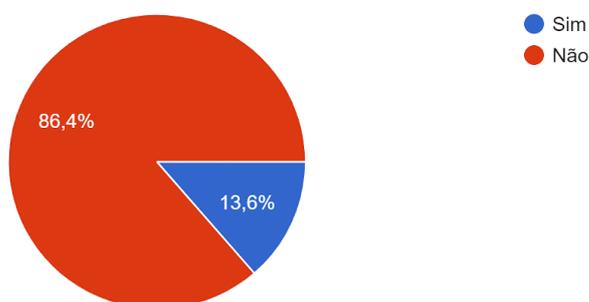
Assim, podemos entender que uma das razões dessas famílias, em sua maioria, ser de baixa renda, é a baixa escolaridade. Além disso, ainda no que se refere a esse assunto, percebe-se um padrão na relação entre homem e mulher nas famílias: o grau de instrução da mulher é inferior ao do parceiro, ou seja, elas tiveram que abdicar de suas vidas estudantis mais cedo, provavelmente pela responsabilidade de cuidar dos/as filhos/as e da casa e/ou trabalhar para sustentá-los.

Verificar a quantidade de jovens que trabalham é importante para entender melhor o contexto no qual estão inseridos, pois já sabemos que a maioria vive com poucos recursos, e por essa razão esses adolescentes precisam, precocemente, buscar uma fonte de renda para ajudar nas despesas da família. Como podemos observar no Gráfico 8, 13,6% dos adolescentes participantes da pesquisa já trabalham.

Gráfico 8. Participantes que trabalham

Você já trabalha?

44 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

A frequência desses estudantes nas aulas de Educação Física não é considerada boa, pois eles se ausentam com muita frequência e normalmente apenas algumas práticas lhes despertam interesse, como o futsal e a queimada. Nas demais atividades propostas, a maioria costuma oferecer resistência para participar.

Conclui-se, portanto, que são estudantes, em sua maioria, de baixa renda e residentes nas proximidades da escola. A maior parte é composta por meninas, de etnia predominantemente negra e parda e a conjuntura familiar é biparental. São heterossexuais, mas uma fatia de pouco mais 20% se afirmam homossexual ou bissexual. Suas idades denotam distorção, atraso ou repetência escolar, o que afirma que esse público representa, ainda que em um recorte pequeno, o cenário da desigualdade social no Brasil, de negros, pobres, com pouco ou nenhum acesso à saúde e ao saneamento básico, visto que, segundo dados do IBGE¹³, a cidade de Extremoz tem apenas 37,7% das residências com esgotamento sanitário adequado. Nesse contexto, a educação se torna secundária e, como mencionado acima, alguns desses estudantes já trabalham. Outro dado que indica essa não prioridade da educação por parte dessas famílias é o número de 12% de evasão no ano de 2019 na instituição em que foi desenvolvida a pesquisa, segundo dados do Monitoramento da Educação da Secretaria de Estado de Educação/SEEC do Rio Grande do Norte¹⁴.

¹³ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/extremoz/panorama>

¹⁴ <https://sigeduc.rn.gov.br/sigeduc/public/transparencia/pages/home/portal.isf>

Dessa forma, conhecendo o público, tem-se mais possibilidades de compreender melhor o que pensam e por que pensam de uma forma e não de outra. Entende-se um pouco sobre quem são, suas identidades e questões que possam ajudar a entender as concepções que possuem em torno das questões de gêneros na cultura corporal, qual a sua bagagem com relação a percepção de seus corpos, em que superfícies estão afixadas essas percepções e entendem o lugar de seus corpos na sociedade.

2.1. Meninas dançam, meninos lutam? Questão dos gêneros na cultura corporal.

Historicamente, o componente curricular da Educação Física separou meninos de meninas para realização de algumas práticas corporais, e alguns profissionais fundamentados em questões biológicas, na ideia que as meninas são fisicamente menos capazes que os meninos (LOURO, 1997).

Nessa perspectiva, são nas práticas corporais que a separação mais acontece, e se observa isso, por exemplo, quando um profissional, durante sua aula, determina que os meninos podem jogar futsal (entregando a eles uma bola de futsal) e as meninas podem jogar vôlei ou queimada (entregando a elas uma bola de vôlei).

Discutir sobre os gêneros na escola é muito importante, inclusive nos componentes curriculares, pois contribui para o rompimento de ideias historicamente construídas como no exemplo dado acima. A Educação Física, por sua vez, não só pode colaborar como também ser importante nesse processo de desconstrução, não somente no debate nas aulas por meio das diversas situações que ocorrem e necessitam da intervenção do professor, mas também pela problematização dessas temáticas de maneira intencional, valendo-se dos próprios objetos de aprendizagem do componente, como lutas, danças e outros.

Diante disso, ressalta-se o entusiasmo dos/as alunos/as com a possibilidade de expressar sua opinião livremente ao responderem o questionário, pois uma aluna disse: “isso aqui é liberdade de expressão é?”, outra falou: “Professora, pode colocar qualquer coisa?”. Foi percebida a empolgação dos/as alunos/as em poderem expor sua opinião diante de questões relacionadas aos gêneros e sexualidades, indicando que nessa escola provavelmente isso não acontece com frequência.

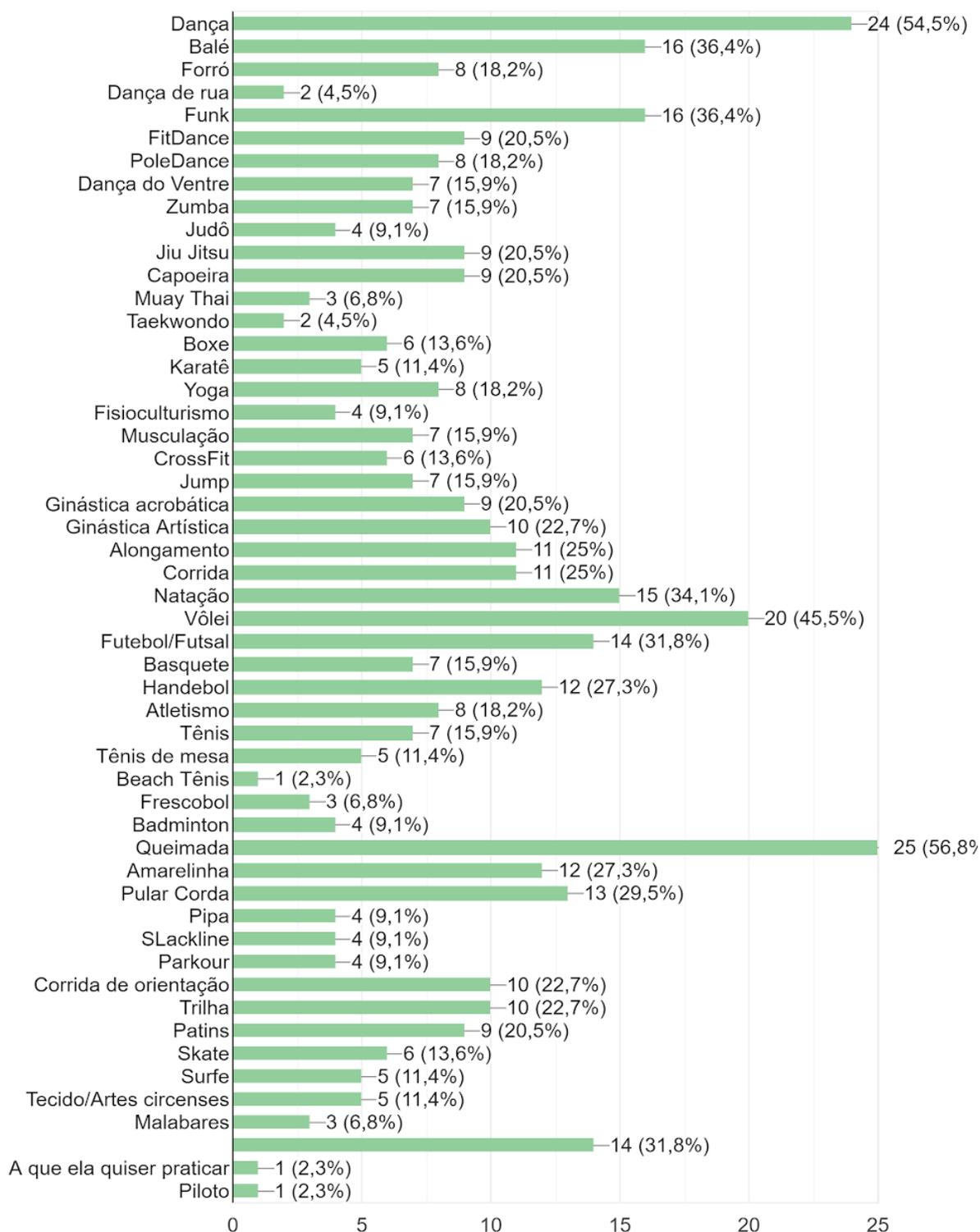
O gênero, de acordo com Bento (2011), é construído socialmente e culturalmente, pois há a idealização de uma conduta para “menino” e para “menina”, pois o que é correto para um é errado para o gênero oposto, o permitido e o proibido. Discutir essas questões na escola não é fácil, pois essa temática tem sido colocada em debate em diferentes âmbitos da sociedade, o que será abordada nas aulas de Educação Física, relacionando-a com a cultura corporal.

A dinâmica realizada na primeira oficina apresenta uma ruptura do senso comum (dos padrões do que é masculino e feminino) e os/as alunos/as afirmaram não haver distinção de atividades para os gêneros. Todavia, há uma divergência entre o discurso falado e aquele escrito, pois, no questionário, os/as alunos/as apontaram como práticas corporais adequadas para meninas, principalmente, a queimada (25 respostas) e as danças (24 respostas) e para os meninos, o futebol/futsal (23 respostas) e as lutas jiu jitsu, capoeira e muay thai com 19 respostas cada uma. Como podemos verificar nos gráficos 9 e 10.

Gráfico 9. Práticas corporais para meninas

Quais dessas práticas corporais são adequadas para meninas? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

44 respostas



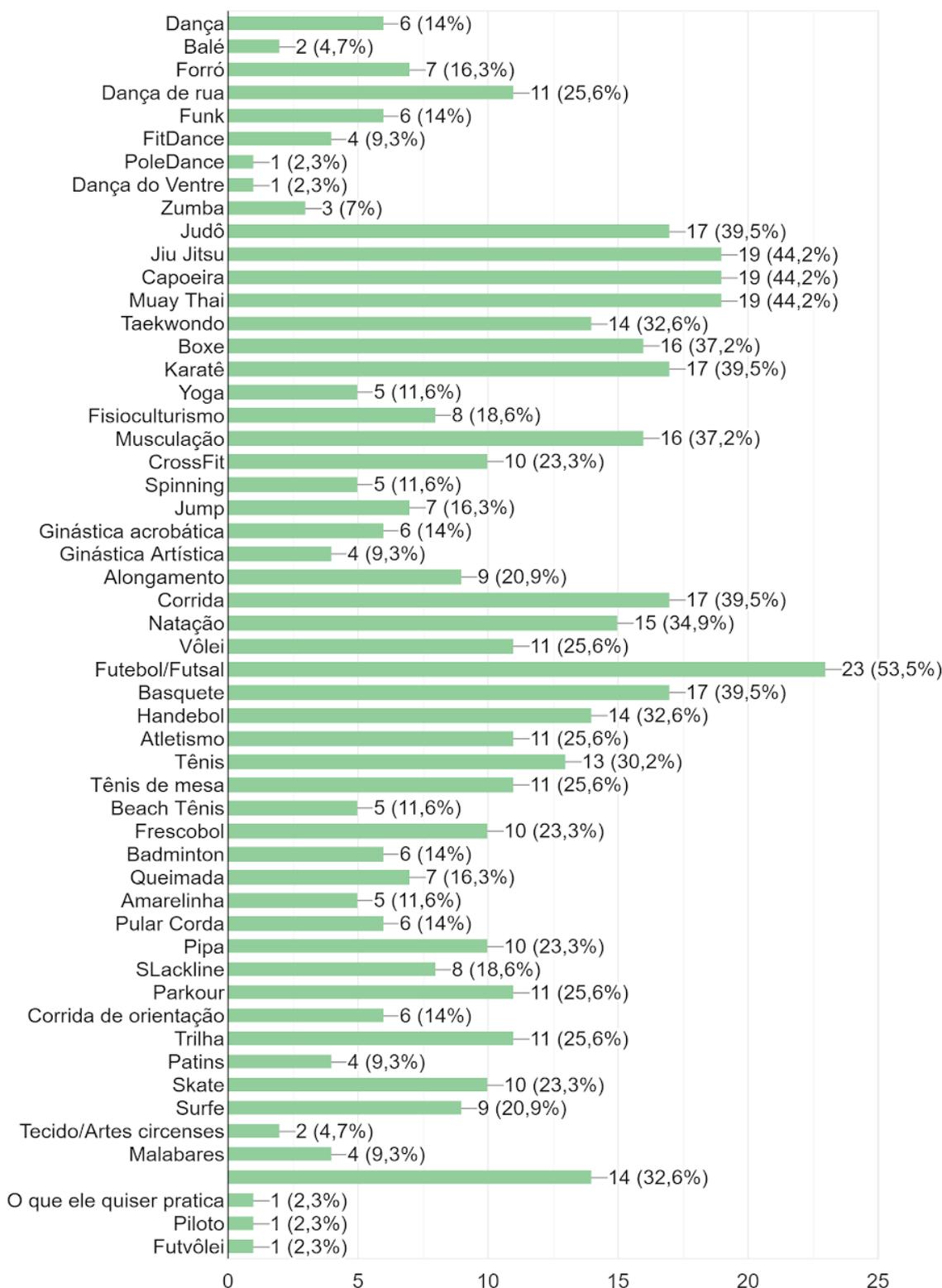
Fonte: Questionário (Apêndice 1)

Elaboração própria.

Gráfico 10. Práticas corporais para meninos

Quais dessas práticas corporais são adequadas para meninos? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

43 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

No momento de alguns questionamentos em relação a existir práticas corporais para mulheres ou para homens (Figura 2), a maioria dos/as alunos/as concorda que ambos os gêneros podem fazer tudo. Destacamos um aluno ao dizer que, na realidade da escola, é comum ver os meninos jogarem futebol e as meninas queimada, alinhando com os dados do questionário.

Figura 2. Dinâmica “menino veste azul, menina veste rosa”.



Fonte: Acervo da autora

No que diz respeito às tarefas de casa, se existem atribuições que são realizadas por mulheres e outras somente por homens, uma aluna colocou: “um homem não vai deixar de ser homem se lavar louça e uma mulher não vai deixar de ser mulher se pegar num cabo de uma enxada”. Observamos, nessa menção, que já aparecem sinais de um rompimento com o patriarcado, o homem que começa a ocupar lugares e desenvolver tarefas que historicamente e culturalmente eram desempenhadas por mulheres. Assim, indiscutivelmente, é um grande avanço ouvir de adolescentes esse tipo de posicionamento, pois desde a infância as crianças são educadas para o gênero feminino e masculino, como afirma Bento (2011, p.551),

Uma criança que recebe de presente bonequinhos para cuidar, dar de mamar, fogõezinhos e panelinhas onde predomina a cor rosa está sendo preparada para o gênero feminino (passiva, cuidadosa, bondosa) e terá na maternidade o melhor e único lugar para exercer esses atributos. Ou então, se essa criança ganha revólveres, carros, bolas e outros brinquedos que estimulam a competição e exigem esforços mentais e corporais está em curso o trabalho de fabricação do corpo para o mundo público.

Nessa citação, é percebido que a construção do gênero, como dito anteriormente, ocorre desde a infância, quando as crianças recebem determinados presentes, bem como ensinamentos do que é adequado para ela ou não. O relato da estudante corrobora essa ideia, ao afirmar que sua família é religiosa e por essa razão eles consideram que as danças são apenas para meninas, lutas para meninos, assim como o futebol é apenas para meninos, divergindo do discurso dos/as alunos/as. Esse posicionamento surgiu quando a turma foi questionada se a família ou o seu círculo de amizade pensavam como eles/elas. Nesse caso, o comentário chamou atenção, pois mesmo a família sendo religiosa, a estudante consegue pensar para além daquela concepção e ainda faz sua reflexão. Todavia, normalmente é comum eles/elas reproduzirem como verdades as ideias aceitas no seio familiar, o que novamente nos faz pensar que algo está sendo rompido.

É possível perceber um novo olhar da maioria dos/as alunos/as em relação ao que sempre foi dado como natural e correto, ultrapassando as fronteiras impostas desde o nascimento. O pensamento deles/delas ainda pode ser considerado por muitas pessoas como irrelevante e ser colocado à margem e não no centro das discussões. Concorda-se com Louro (2010, p.49) que “o grande desafio talvez seja admitir que todas as posições podem se mover, que nenhuma é natural ou estável e que mesmo as fronteiras entre elas estão se desvanecendo”.

Fazer a travessia de uma fronteira para outra ou se quer mover-se da margem em direção ao centro é bastante desafiador quando se trata dos gêneros. Sabemos que essas posições não são naturais, pois foram construídas socialmente e culturalmente, sendo, portanto, suscetíveis a mudanças. Mas em alguns ambientes educacionais não encontramos facilmente as possibilidades de transformações desse cenário; ao contrário, de um modo geral muitas escolas reproduzem cada vez mais a sociedade em que vivemos.

Ainda no que se refere ao pensamento da família ou do círculo de amizade dos/as alunos/as ser ou não semelhante a eles/elas, chama a atenção uma aluna dizer que o pai acha que se ela der uma boneca para um menino, ela está influenciando-o a ser gay. Em resposta a essa colocação, um aluno se opôs, uma vez que, segundo ele, é homossexual apesar de nunca ter brincado de boneca. Ainda foi mencionado durante a aula que, “não é o brinquedo que vai determinar, será macho se quiser”. Essa última fala nos revela uma ambiguidade no discurso, apesar de ser positivo do ponto de vista da compreensão que não é um brinquedo

que determina a orientação sexual do sujeito, relacionando de modo equivocado identidade de gênero com orientação sexual e de forma pejorativa, para essa pessoa um homem que sente atração por outro homem não é macho.

A palavra 'macho', empregada no discurso, carrega uma série de atributos que um homem deve ter, como deve se comportar e, sobretudo, como deve pensar. Em relação a como as crianças devem se comportar, pensar e até que brinquedos podem usar, Bento (2011, p.552), nos diz que existe um heteroterrorismo ligado a isso, vejamos:

As reiteraões que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: "Pare com isso! Isso não é coisa de menino!". A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada "menino não chora!", "comporta-se como menina!", "isso é coisa de bicha!", a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiteraões é minada.

Esse heteroterrorismo, mencionado por Bento (2011), funciona como um mecanismo de controle, e para essa vigilância não faltam instrumentos. Pode-se associá-lo à ideia de panoptismo de Foucault (2013), um dispositivo que permanentemente vigia as condutas humanas, que pouco se percebe ou sequer se nota. Há, culturalmente determinados, como vimos até agora, comportamentos aceitáveis para cada corpo e para aqueles que se desviam, mas logo surgem seus algozes. No próximo tópico falaremos mais sobre essa condição de constante vigilância e as diversas instituições que trabalham para cumprir esse papel.

3.1. "Ah, Meu Deus do Céu!": Relações possíveis entre Heteronormatividade e a Educação Física Escolar

A sociedade é marcada fortemente pela heteronormatividade e, segundo Lionço e Diniz (2009, p.54), "A heteronormatividade se fundamenta no discurso sobre a biologia humana, de modo a naturalizar os corpos e a relação sexual. Não há referências à dimensão social e simbólica da sexualidade [...]". As instituições familiares, religiosas e educacionais reproduzem e reforçam essa construção.

Questionamos os/as alunos/as se eles/as conheciam alguém na escola que não está dentro dos padrões heteronormativos e a maioria respondeu que sim. Para

aprofundarmos a discussão e entendermos qual a percepção que eles/as tinham do tema, perguntamos: o que é uma sociedade heteronormativa? Um estudante respondeu, “é uma sociedade mais contida, uma sociedade que não é tão liberal”. Nesse momento, ele foi questionado sobre o que é proibido pela sociedade, já que não é liberal, o aluno riu e disse: “Ah, meu Deus do céu!”. Em seguida, alunos/as colocaram:

[...] é uma pessoa que se encaixa dentro dos padrões que são mais conhecidos como correto.

[...] conviver com uma pessoa do sexo oposto. Uma sociedade conservadora, cheia de padrões tanto heterossexuais como LGBTs.

[...] está relacionada ao preconceito das pessoas em aceitarem apenas a mulher com homem ou homem com a mulher.

Não é difícil perceber a heteronormatividade na sociedade e, dentro das escolas, como apontam Lionço e Diniz (2009, p.52):

Nossa sociedade é não apenas heterossexual, mas marcadamente heteronormativa. Nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e de organizações familiares, nos discursos sobre os afetos e também na ausência do tema da diversidade sexual.

Há um conjunto de normas que pairam na sociedade e que tendem a determinar o comportamento dos corpos e do pensamento coletivo, alocando-os em padrão aceitável socialmente. A heterossexualidade não é uma das opções, é a única, enquanto a homossexualidade permanece sendo o inesperado e o indesejado.

O desconforto que a presença de homossexuais causa cria algumas ações muito negativas no ambiente escolar, é o que apontam os/as estudantes. Quando a turma foi questionada se já haviam presenciado alguma situação em que alguém teve seu direito de participar da aula de Educação Física negado devido a sua orientação sexual, uma estudante citou o caso de um colega gay que deixou de participar das aulas de Educação Física em outra escola, somente por ter assumido sua homossexualidade. Segundo a estudante, ele não participava porque sentia vergonha, por constrangimento e, além disso, os alunos falavam que ele era menininha.

Em relação à pergunta presente no questionário a respeito da participação dos/as alunos/as que se declaram homossexuais ou que fogem às normas de

gênero nas aulas de Educação Física, a maioria respondeu “sim”, que eles/elas participam e apenas um/a aluno/a respondeu “não”, mas não justificou sua resposta.

O preconceito exclui, segrega e anula qualquer comportamento que fuja às normas, aos padrões de gêneros, em todos os lugares, inclusive dentro das instituições escolares. Bento (2011, p.555) diz que,

[...] quando se fala de escola, tudo aparece sob o manto invisibilizante da evasão. Na verdade, há um desejo de eliminar e excluir aqueles que “contaminam” o espaço escolar. Há um processo de expulsão, e não de evasão. É importante diferenciar “evasão” de “expulsão”, pois, ao apontar com maior precisão as causas que levam crianças a não frequentarem o espaço escolar, se terá como enfrentar com eficácia os dilemas que constituem o cotidiano escolar, entre eles, a intolerância alimentada pela homofobia.

Essa primeira oficina nos possibilitou conhecer o perfil dos/das participantes através do questionário aplicado. Observamos que a maioria dos/das alunos/as é do gênero feminino, predominando a heterossexualidade entre eles/elas. No entanto, é importante destacar que há uma quantidade significativa de estudantes que assumem a bissexualidade e homossexualidade como orientação sexual. A idade predominante é de 15 e 16 anos e a maioria reside próximo à escola. A maioria dos discentes não trabalha e possui renda familiar de até dois salários mínimos.

Foi possível também fazer um levantamento do conhecimento prévio dos estudantes e conhecer suas concepções sobre os gêneros e sexualidades, através da realização da dinâmica “menino veste azul, menina veste rosa” e do questionário, se compreendeu um pouco de suas realidades. Notou-se que os/as alunos/as sentem a necessidade de se expressar livremente e se percebeu que o pensamento da maioria rompe com o senso comum, pois suas falas defendem o corpo livre, divergindo de muitas famílias, que ainda acreditam e defendem a divisão social dos gêneros.

Além disso, quando os/as alunos/as foram questionados sobre o que gostariam de aprender mais, mencionaram “orientação sexual”; “discutir sobre as piadas que acontecem nas aulas”; “as situações constrangedoras”; “a sociedade heteronormativa” e “conscientizar que meninos e meninas podem fazer tudo”. Ainda nessa primeira oficina, dois alunos já fizeram uma proposta de ação para a escola, relacionada à questão dos gêneros envolvendo outras turmas, e outra aluna sugeriu trabalhar com atividades em dupla nas aulas, sendo formada por menino e menina, para mostrar que as meninas também conseguem participar.

Percebeu-se que os/as estudantes se envolveram bastante nas discussões sobre os gêneros, um tema muito presente na sociedade, na educação, na escola e não tiveram dificuldades para debater, demonstrando conhecimento e nos despertando sobre a importância de problematizar essas questões na educação.

4. PROBLEMATIZANDO A RELAÇÃO SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO FÍSICA

A prática pedagógica dos/as professores/as, ou seja, as ações explícitas e implícitas que o/a docente faz ou deixa de fazer no meio educacional é influenciada por sua formação inicial, continuada pelas condições de trabalho, e ainda pela formação pessoal, pelo meio cultural e o seu contexto social. Pode-se, com isso, perceber que o conhecimento do/a professor/a provém de várias fontes diferentes, como afirma Tardif (2007, p. 21), que

[...] o saber dos professores não provém de uma fonte única, mas de várias fontes e de diferentes momentos da história de vida e da carreira profissional, essa própria diversidade levanta o problema da unificação e da recomposição dos saberes no e pelo trabalho.

É dessa diversidade de conhecimentos, advindos de várias origens, que a prática pedagógica é construída, e é extremamente relevante para formar cidadãos críticos e reflexivos. Essa multiplicidade de saberes também é importante para a atuação do docente na Educação Física Escolar, contribuindo para o enfrentamento dos desafios da realidade.

Partimos da compreensão que a Educação Física, assim como os outros componentes curriculares, precisa buscar ensinar considerando todos os conhecimentos necessários ao ambiente educacional. A Educação Física enquanto componente curricular precisa ser legitimada na escola a partir de uma visão que não priorize apenas os conhecimentos relacionados à aptidão física e aos exercícios físicos, por exemplo. De acordo com Betti e Zuliani (2002, p. 75),

a Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida.

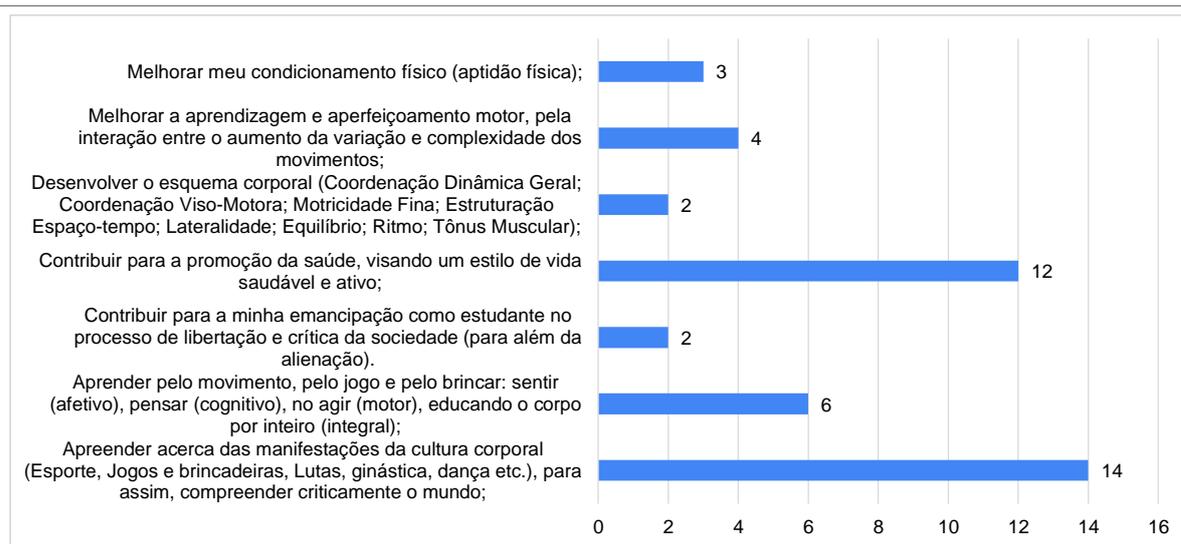
A história da Educação Física nos revela que “No Brasil, especificamente nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional, a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 53). Cesário e Reali (2011, p.346), reconhecem ainda hoje a

influência militar “nos conteúdos escolares dos diferentes níveis e modalidades de ensino do país”. Diante disso, precisamos observar, nas nossas aulas, os vestígios das instituições militares ainda presentes nas nossas práticas, tentando superá-los.

A ginástica e o esporte, por muito tempo, foram os conteúdos que se destacaram nas aulas de Educação Física. A partir da década de 80, as discussões na área se intensificaram, surgindo, assim, várias concepções pedagógicas da Educação Física que começaram a considerar outros aspectos a serem discutidos, como a importância de contemplar saberes que não sejam exclusivamente práticos, e outras práticas corporais como a luta, dança e jogos (DARIDO; RANGEL, 2008).

Dentre as várias concepções que surgiram, destacamos a crítica-superadora, no livro “Metodologia do Ensino de Educação Física”, que compreende a Educação Física como “[...] uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.50).

A opção que situa a Educação Física na concepção crítica-superadora foi a mais escolhida pelos/as estudantes no questionário em relação à finalidade da Educação Física na escola, “Apreender acerca das manifestações da cultura corporal (Esporte, Jogos e brincadeiras, Lutas, ginástica, dança etc.), para assim, compreender criticamente o mundo” com 32,6% (14 respostas), como se pode ver no gráfico 11.

Gráfico 11. Finalidade da Educação Física

**Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.**

A alternativa “Contribuir para a promoção da saúde, visando um estilo de vida saudável e ativo” foi escolhida por 27,9% (12 respostas). Ressalte-se que esse pensamento foi muito forte em outras épocas e se faz presente até os dias de hoje, sendo representada pela concepção Saúde Renovada, na obra “Atividade Física, Saúde e Qualidade de Vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo” (Nahas, 2001).

A alternativa “Aprender pelo movimento, pelo jogo e pelo brincar: sentir (afetivo), pensar (cognitivo), no agir (motor), educando o corpo por inteiro (integral)” teve 14% (6 respostas) de adesão, menor que as opções anteriores, que enfatiza o jogo como um dos principais conteúdos da Educação Física escolar, defendido pela concepção Interacionista-Constructivista e de acordo com Behmoiras (2005, p.11) “Essa tendência que tem como maior representante o professor João Batista Freire e é explicitada, inicialmente, no livro Educação de Corpo Inteiro, de 1989”.

A opção “Melhorar a aprendizagem e aperfeiçoamento motor, pela interação entre o aumento da variação e complexidade dos movimentos” ficou com 9,3% (4 respostas), responsável pela concepção desenvolvimentista, originária da obra “Educação Física Escolar: Fundamentos de uma Abordagem Desenvolvimentista” do autor Go Tani publicada em 1988 (BEHMOIRAS, 2005).

A alternativa “Melhorar meu condicionamento físico (aptidão física)” teve 7% (3 respostas) da tendência da Aptidão física, que segundo Behmoiras (2005)

podemos situar na obra “Educação Física: da pré-escola à Universidade” de Borsari et al, publicada em 1980 e ainda tem representatividade na escola, possuindo como referencial às disciplinas como anatomia, fisiologia e biomecânica.

A opção “Contribuir para a minha emancipação como estudante no processo de libertação e crítica da sociedade (para além da alienação)” teve 4,7% (2 respostas) da concepção crítica-emancipatória, mencionada por Behmoiras (2005) tendo como principal livro “Transformação Didática Pedagógica do Esporte”, de autoria de Elenor Kunz, publicada em 1994.

A alternativa “Desenvolver o esquema corporal (Coordenação Dinâmica Geral; Coordenação Viso-Motora; Motricidade Fina; Estruturação Espaço-tempo; Lateralidade; Equilíbrio; Ritmo; Tônus Muscular)” teve 4,7% (2 respostas), situada na teoria da psicomotricidade de Le Boulch na obra “Psicocinética” publicada em 1986.

Percebe-se, na verdade, que quando se fala em Educação Física escolar ainda não há uma compreensão única, há polissemia, não havendo predominância de pensamentos, o que possibilita ao professor ter acesso a todas e escolher uma ou mais para orientar sua prática pedagógica.

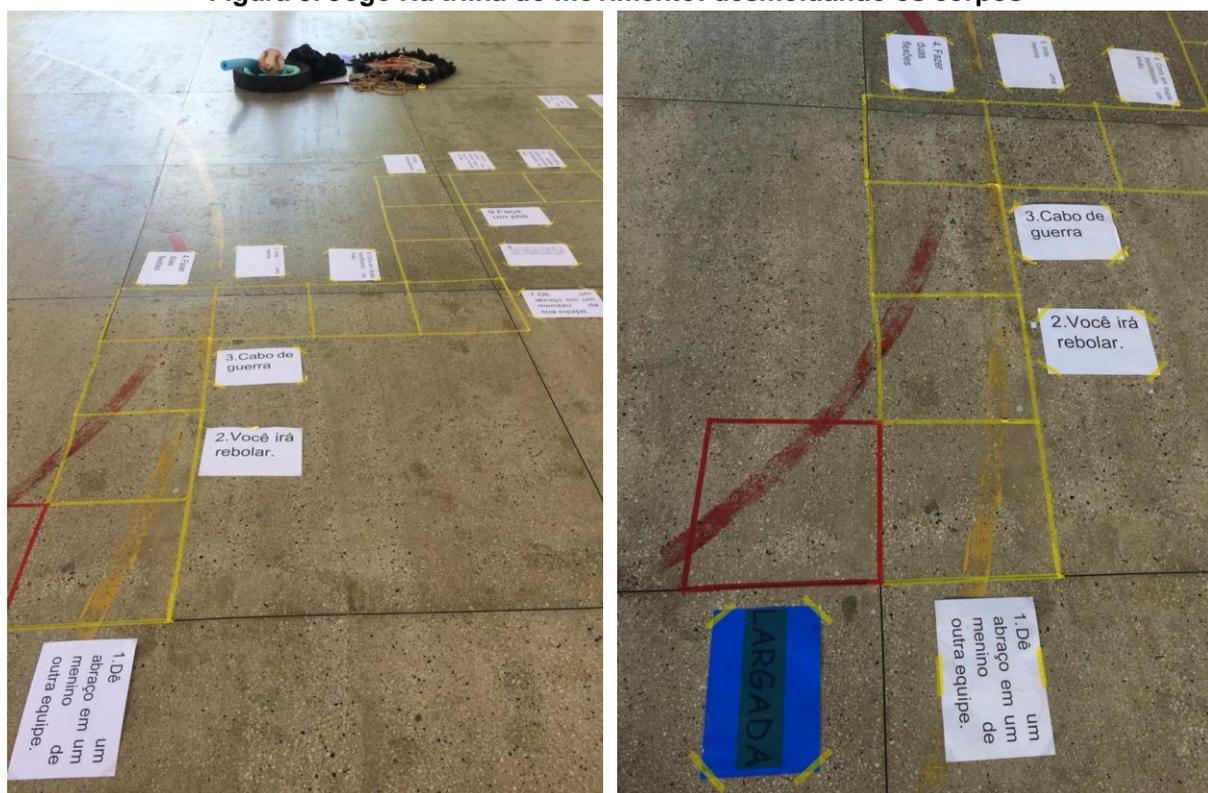
O jogo é um dos conteúdos bastante utilizados nas aulas de Educação Física e que se apropria muito dele para desenvolver a segunda oficina pedagógica, pois, de acordo com o Coletivo de Autores (1992, p.65 e 66), “o jogo (brincar e jogar são sinônimos em diversas línguas) é uma invenção do homem, um ato em que sua intencionalidade e curiosidade resultam num processo criativo para modificar, imaginariamente, a realidade e o presente”. Nessa segunda oficina, pensou-se em trazer para um único jogo os conhecimentos da cultura corporal relacionada à dança, à ginástica, à luta, ao esporte, ao jogo e a outras “atividades expressivas corporais” como menciona o Coletivo de autores (1992, p.50).

Nessa oficina, buscou-se compreender que o preconceito pode interferir negativamente na vida do outro, afastando os estudantes das aulas de Educação Física; assim como problematizar a sexualidade, o gênero, a orientação sexual, a homofobia, o machismo e a heteronormatividade a partir da cultura corporal; identificar comportamentos homofóbicos através das práticas corporais e respeitar as características individuais, buscando não excluir ninguém de participar das aulas de Educação Física.

Foi iniciada a oficina organizando os/as alunos/as para participarem do jogo “Na trilha do movimento: desmoldando os corpos”. A turma foi dividida em duas

equipes e não houve regras para a organização das equipes. Para definir quem começava jogando, cada membro de um grupo jogou o dado e quem tirou o número maior começou. O dado tinha apenas 3 números, sendo que cada um se repetia duas vezes. As numerações das faces eram 4, 5 e 6. Pensamos em usar apenas numerações maiores em virtude do tempo, possibilitando uma quantidade maior de alunos/as em cada jogada e proporcionando a participação de todos.

Figura 3. Jogo Na trilha do movimento: desmoldando os corpos



Fonte: Acervo da autora

Na vez de cada equipe jogar, o dado era utilizado para definir a quantidade de jogadores que participariam naquele momento e a quantidade de casas percorridas na trilha. Por exemplo, se o número 5 foi o que apareceu quando o dado foi jogado, cinco alunos/as da equipe iriam jogar e percorriam cinco casas no jogo, cada aluno/a ocupando uma. A equipe voltava uma casa, se um ou mais alunos/as não cumprissem o desafio que estava na sua casa, após finalizar a sua vez. Cada desafio estava relacionado com as práticas corporais ou outras formas de expressividade, como abraçar o/a colega ou imitar um/a menino/a.

Todos os membros da equipe tinham que participar e cada equipe possuía um cone, marcando o seu lugar no jogo da trilha. A cada jogada, o cone se movia

em direção à casa de chegada. Após a realização do jogo da trilha, problematizamos algumas situações ocorridas e que mais à frente, no tópico “Cabo de Guerra e o machismo nosso de cada dia”, apresentar-se-á e aprofundar-se-á a discussão¹⁵.

4.1 “O movimento é sexy”: sexualidade e educação

Os debates sobre sexualidade dentro do ambiente escolar é muito importante e sabe-se que essa dificuldade existe há muito tempo, pois desde o século XVII, Foucault (1988) menciona a repressão em torno do sexo em vários âmbitos da sociedade, inclusive na educação. Vejamos:

Novas regras de decência, sem dúvida alguma, filtraram as palavras: polícia dos enunciados. Controle também das enunciações: definiu-se de maneira muito mais estrita onde e quando não era possível falar dele; em que situações, entre quais locutores, e em que relações sociais; estabeleceram-se, assim, regiões, senão de silêncio absoluto, pelo menos de tato e discrição: entre pais e filhos, por exemplo, ou educadores e alunos, patrões e serviçais (FOUCAULT, 1988, p.21 e 22).

A repressão acerca das sexualidades ainda está muito presente na sociedade atual e, conseqüentemente, em muitas escolas. No entanto, esse trabalho busca tentar romper com o silêncio para criar situações favoráveis à discussão sobre as sexualidades. Segundo Castro, Abromovay e Silva (2004, p.29),

A sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve, gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução. É experimentada ou expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, atividades, práticas, papéis e relacionamentos. Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência, em abordagens teóricas, de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Assim, é a própria vida. Envolve, além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura.

Diante desse conceito, percebemos que discutir sexualidades envolve outros aspectos significativos para um povo, como a história, os costumes e a cultura. Sendo assim, buscou-se no jogo da trilha trazer vários elementos que ajudasse a pensar e refletir situações que ocorrem nas aulas de Educação Física, que nos permitem problematizá-las com os/as estudantes.

¹⁵ Para entender mais consulte o segundo plano de oficina no apêndice II.

Uma dos desafios do jogo da trilha era escolher um objeto (bola, bambolê ou corda) para fazer algum movimento. Em uma dessas situações, destacamos a atitude de um estudante ao cantar um trecho da música “Bomba” do grupo Braga Boys, enquanto assistia. Ele cantou “o movimento é sexy” no momento em que a colega realizou o desafio de pegar o bambolê e girar no braço. O movimento com bambolê normalmente é realizado na cintura, mas a aluna fez no braço. Talvez essa premissa tenha impulsionado o colega a cantar a música, pois ele aguardava um movimento mais sensual.

Outras duas situações no jogo da trilha chamaram atenção inicialmente: a primeira foi um aluno no desafio de imitar uma menina. O referido estudante desfilou pela quadra rebolando enfaticamente sua cintura e fazendo movimentos de virar a mão, denotando sensibilidade e futilidade nesse gesto. Nesse momento, a turma começou a gritar e bater palmas, e alguém disse “eita!” Então, uma aluna lhe disse: “nunca tinha visto você desse jeito”. E a segunda, foi o desafio de dar um abraço em um menino de outra equipe, que foi realizado por um aluno e o menino que recebeu o abraço disse: “eu sou mulher”.

Percebeu-se que os dois alunos estão quebrando tabu ao se posicionarem dessa forma, pois em algumas escolas é algo proibido e considerado inapropriado para se debater nesse espaço. Os alunos aproveitaram o momento do jogo para expressar através da fala e do corpo suas vontades, se manifestando e se confessando.

A confissão, desde o século XVIII, se tornou, no Ocidente, uma técnica utilizada na medicina, na igreja católica, na psiquiatria e na psicologia para produzir a verdade, confessar tudo (FOUCAULT, 1988).

[...] nossa sociedade constituiu uma *scientia sexualis*. [...] A *scientia sexualis*, desenvolvida a partir do século XIX, paradoxalmente, guarda como núcleo o singular rito da confissão obrigatória e exaustiva, que constituiu, no Ocidente cristão, a primeira técnica para produzir a verdade do sexo. (FOUCAULT, 1988, p.66 e 67).

A técnica da confissão existe há muito tempo, mas, às vezes, não é tão simples confessar a verdade, inclusive, se essa verdade for relacionada à sexualidade de cada ser humano, dependendo da sua orientação sexual, ela pode não ser respeitada.

Notou-se que, apesar de gestos ainda tímidos, a exemplo da estudante que utilizou o bambolê no braço, eles/elas aproveitaram o momento para lidar com

questões relacionadas às sexualidades de forma lúdica. Como mencionamos anteriormente, quando se trata de sexualidades, não há fala, há confissão. A expressão popularmente conhecida, “sair do armário”, nos diz muito sobre isso, pois assumir a experiência de uma sexualidade diferente da heterossexual não é tido como algo comum, como se falará no próximo tópico.

4.2 “Tem que se assumir”: orientação sexual e juventude

Vive-se em uma sociedade em que a maioria das pessoas parte de um pressuposto de que todos os sujeitos deveriam ser heterossexuais e conseqüentemente não encoraja e nem aceita uma orientação sexual contrária ou diferente da heterossexualidade. Com isso, as pessoas que contrariam as normas e desejam viver plenamente sua sexualidade são forçadas a viver em um ambiente hostil. Há também uma necessidade descomunal de classificar as relações das pessoas, como se precisassem separar os indivíduos em determinados grupos para que cada um tenha o tratamento específico que merece.

Nas oficinas, tivemos um exemplo nítido dessa questão, quando ocorreu a realização do jogo da trilha, no momento em que os/as alunos/as iam até as casas do jogo e escolherem em qual entravam. Um aluno falou direcionado a um colega que ele era bissexual e, por esse motivo, deveria entrar em uma determinada casa, esse, por sua vez, concordou dizendo, “tem que se assumir no jogo mesmo”.

Notou-se que a orientação sexual de um colega induziu o outro a querer que ele ficasse em uma casa específica, assumindo uma determinada postura. Assumir-se no jogo ou na vida pode trazer muitas implicações no dia a dia, pois significa revelar aquilo que é rotulado como “errado” e “anormal”, mas, mesmo assim, o aluno não se intimidou. Segundo Louro (2018, p.16), algumas pessoas se atrevem a subverter as normas, quando afirma:

[...] Arriscar-se por caminhos não traçados. Viver perigosamente. Ainda que sejam tomadas todas as precauções, não há como impedir que alguns se atrevam a subverter as normas. Esses se tornarão, então, os alvos preferenciais das pedagogias corretivas e das ações de recuperação ou de punição. Para eles e para elas a sociedade reservará penalidades, sansões, reformas e exclusões.

O mesmo aluno que concordou em se assumir no jogo, em outro momento disse ter entrado em determinada casa do jogo para imitar um homem, da mesma forma que também entrou em outra casa para imitar uma mulher. Destacou-se aqui a maneira como a menina e o menino foram representados, através da imitação do aluno. Ele virou sua mão (uma atitude conhecida como *desmunhecar*) e rebolou enquanto desfilava para imitar uma menina, quando imitou um menino flexionou o braço mostrando sua força e depois os esticou paralelo ao corpo fazendo outro movimento para demonstrar força. É interessante observar, nessas duas representações, que a menina foi desenhada de maneira sensível, delicada, ao mesmo tempo em que exaltava também sua sensualidade. Enquanto na figura do menino, foi enfatizada a força, que é sinônimo de virilidade, e essa concepção é consenso para a maioria das pessoas (que o homem é mais forte).

Segundo Louro (1997, p. 21), o que falamos e pensamos constitui o que é feminino e masculino, vejamos:

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico.

Percebemos que a representação do masculino e o feminino é construída historicamente e pode mudar dependendo da região e do povo. As questões de sexualidades também sofrem mudanças de uma sociedade para outra e quando se trata de não aceitar a heterossexualidade imposta como a única possibilidade de se relacionar com o outro, algumas sociedades são mais acolhedoras, outras menos e há aquelas que não admitem de forma alguma, matando os indivíduos que não seguem a heteronormatividade, como por exemplo os países da Arábia Saudita, Irã, Nigéria e outros.¹⁶

As sociedades que não aceitam outras formas de relações afetivas entre as pessoas terminam oprimindo os desejos e individualidades das pessoas. Em relação a isso, os/as alunos/as têm algumas opiniões, pois quando foram questionados durante a oficina sobre as pessoas que não são heterossexuais e que se sentem obrigados/as a namorarem com alguém do sexo oposto porque a sociedade coloca

¹⁶ALFAGEME, Ana. Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. **EL PAÍS**, [S. l.], 22 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html. Acesso em: 3 out. 2019.

como correto, alguns/mas se posicionaram dizendo: “Ridículo”, outros colegas também reforçaram. Um estudante falou, “a pessoa se prende a uma coisa que não é”. Em seguida outra aluna mencionou: “é a pessoa que tem vergonha de mostrar o que é por causa das pessoas”.

Como visto nas falas, muitas pessoas se sentem forçadas a manter uma relação convencional, pois se sabe que não é fácil ir contra uma sociedade que admite uma única forma de desejo, como afirma Butler (1993) apud Louro (2018, p.15), isso é um processo:

[...] baseado em características físicas que são vistas como diferenças e às quais se atribui significados culturais. Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade. O ato de nomear o corpo acontece no interior da lógica que supõe o sexo como um “dado” anterior à cultura e lhe atribui um caráter imutável, a-histórico e binário. Tal lógica implica que esse “dado” sexo vai determinar o gênero e induzir a uma única forma de desejo. Supostamente, não há outra possibilidade senão seguir a ordem prevista.

Aparentemente, os/as alunos/as deveriam obedecer às normas culturais e seguir a ordem imposta, porém, como vimos nos parágrafos anteriores, há estudantes que transpassam as regras e rompem com as expectativas da família, da escola e de outras pessoas em relação a como devem se comportar.

Esse comportamento relacionado às sexualidades, no que se refere a quem diz o que se deve seguir e quais instituições também apontam, os/as estudantes mencionaram “a escola”, “a religião”, “os pais e as mães”, “as tias”, “a imprensa”, “Deus”, “a bíblia”, “os pais” e “o presidente”. Na hora que foi dito o presidente, os/as alunos/as aplaudiram. Um aluno disse, “querendo ou não, os militares também oprimem muito”. Observou-se que os/as estudantes têm clareza de onde vem o controle exercido na sociedade, quando mencionam a família, a religião, a escola, os militares e o presidente, por esse último leia-se o Estado.

Os debates sobre as sexualidades, sobre os gêneros, e sobre a homofobia, que transitam na nossa sociedade e fazem parte da realidade social dos/as alunos/as, devem ser inseridos na escola. Em relação a abordar essa temática no meio educacional, Lionço e Diniz (2009, p.13) dizem que:

A diversidade sexual não é um tema a ser forçosamente discutido em sala de aula devido a concepções teóricas sobre o ser humano e a sexualidade: é um tema a ser discutido porque se faz presente na realidade social, e sua presença é marcada por uma moralidade hegemônica heteronormativa, que se desdobra em sérios prejuízos sociais e violação de direitos para muitos.

Além de discutir sobre a sexualidade na escola, é importante valorizar aspectos que não caracterizam a “moralidade hegemônica heteronormativa” como aponta as autoras, desnaturalizando a única maneira imposta de viver a sexualidade, pois existem múltiplas formas de vivê-la, sendo todas de direito, merecedoras de respeito.

4.3 Cabo de guerra e o machismo nosso de cada dia

O cabo de guerra foi um dos desafios presentes no jogo da trilha e os/as alunos/as se envolveram bastante. Cada equipe foi composta por três alunos/as. A estudante que estava na casa do jogo com o desafio do cabo de guerra escolheu três meninas para competir com ela e para a sua equipe escolheu dois meninos para se juntar com ela. A equipe formada apenas por meninas venceu, o que gerou muitos gritos, por parte dos estudantes. Uma aluna da equipe vencedora provocou, dizendo: “esperava mais da outra equipe”.

Figura 4. Cabo de Guerra



Fonte: Acervo da autora

Quando o cabo de guerra mais uma vez foi realizado por outra equipe, houve novamente uma discussão. No momento dos comentários, após o jogo da trilha, uma aluna disse que, na vez da sua equipe, as meninas convidaram meninas para a prova para ficar equilibrado e quando foi a vez da outra equipe, os meninos

convidaram as meninas, visando ganhar. Foi questionado se os meninos ganharam, e a aluna respondeu “claro”.

A resposta enfática da aluna (*claro*) é carregada de sarcasmo e revolta, que conduz ao relato de Daolio (1995) sobre sua experiência nas aulas de Educação Física, quando afirma que as meninas se sentem “antas” por sua inferioridade motora em comparação aos meninos, ao realizarem atividades que requer força, velocidade e destreza. Daolio (1995, p.101) explica que “[...] há uma construção cultural do corpo feminino diferente da construção do corpo masculino [...]”, e por isso algumas meninas se sentem inferior que os meninos no que se refere ao aspecto motor.

Destacam-se duas, dentre essas três situações que ocorreram durante a realização do cabo de guerra no jogo da trilha, pois representam muito bem a ideia que se tem da mulher que prevalece na nossa cultura: um corpo frágil, com limitações de força. Na primeira descrição, o resultado surpreendeu a todos, pois foi à contramão dessa concepção. Na terceira, é importante ressaltar a reação da aluna ao admitir que não haveria outro resultado possível, reforçando mais uma vez nosso apontamento. Porém, o cabo de guerra mencionado anteriormente trouxe um resultado divergente do pensamento da aluna.

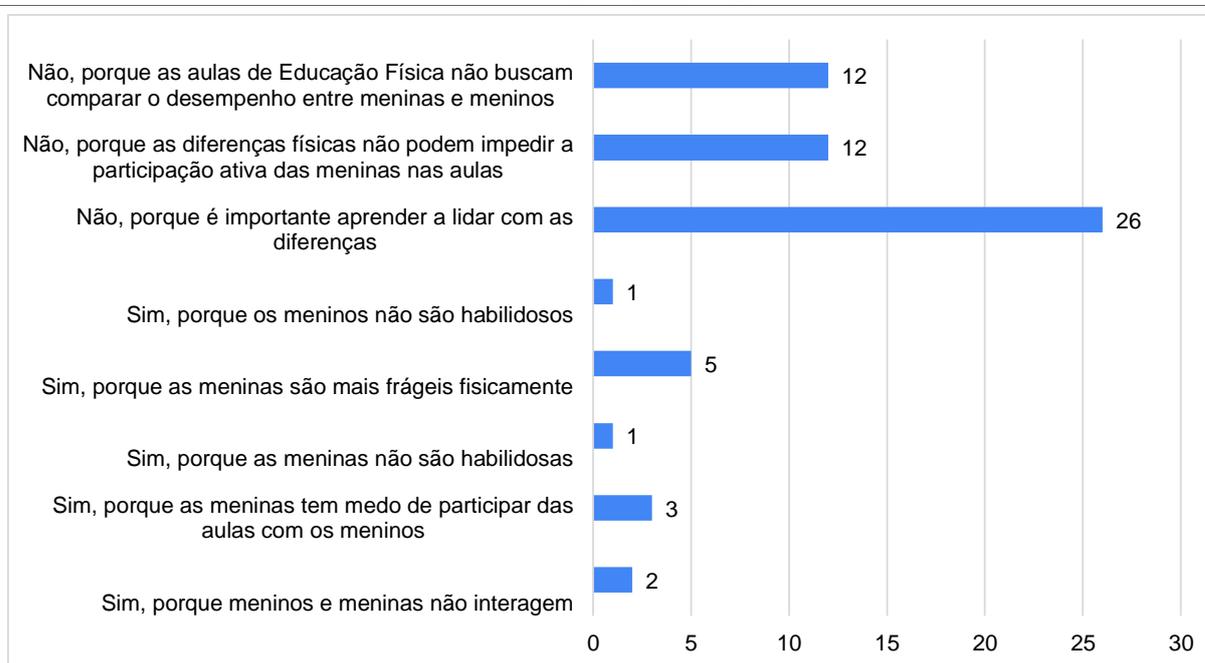
Em relação a isso, é comum nas aulas de Educação Física surgirem situações relacionadas à questão dos gêneros. É frequente, por exemplo, generalizarem que meninas são menos habilidosas que meninos em determinadas atividades ou esportes. No que se refere a isso, Souza Júnior (2018, p.9) diz que,

Na realidade a conjugação entre estímulos à *ousadia física* e oferta de um leque maior de experiências motoras aos meninos compõem o cenário que os torna menos propensos a serem considerados inaptos às práticas corporais de uma maneira geral.

De acordo com Souza Júnior (2018), observa-se que o fato de os meninos terem mais habilidades do que as meninas não são diferenças naturais. Essas diferenças são construídas desde a infância e reforçadas ao longo do tempo. Isso também não deve ser motivo para que as aulas de Educação Física sejam separadas pelos gêneros, algo muito corriqueiro há algumas décadas atrás, mas que ainda está presente em algumas escolas atualmente.

A respeito disso, no questionário aplicado aos alunos/as, foi perguntado: você acha que nas aulas de Educação Física os meninos deveriam ser separados das meninas? Conforme descrito no Gráfico 12.

Gráfico 12. Separação por gênero



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

A maioria respondeu “Não, porque é importante aprender a lidar com as diferenças” (26 respostas). Duas opções ficaram empatadas como a segunda resposta mais escolhida, que foram: “Não, porque as diferenças físicas não podem impedir a participação ativa das meninas nas aulas” (12 respostas) e “Não, porque as aulas de Educação Física não buscam comparar o desempenho entre meninas e meninos” (12 respostas).

Diante das respostas mais escolhidas pelos/pelas alunos/as, percebeu-se que predominou a opinião de não se separar meninos e meninas nas aulas de Educação Física, como aponta Souza Júnior (2018, p.9 e 10),

[...] Assim como os corpos de meninos têm performances distintas dos corpos femininos, as *performatividades* entre os meninos e entre as meninas também compreendem diferenças significativas. Tais diferenças não devem ser tomadas como impeditivas ou restritivas ao convívio entre os gêneros, mas, sim, como possibilidade de aprendizagens significativas no que tange o respeito às diferenças e equidade de gênero.

Porém, os/as alunos/as também optaram por respostas favoráveis a separação de meninos e meninas nas aulas e a alternativa “Sim, porque as meninas são mais frágeis fisicamente” (5 respostas) foi a mais escolhida para justificar a separação dos/as estudantes. De acordo com Souza e Altmann (1999, p.56)

Não se pode concluir que as meninas são excluídas de jogos apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas por serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Ademais, meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores frequentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor frequência até mesmo do que algumas meninas.

O fato de as alunas serem consideradas mais fracas de um modo geral, apesar de haver meninas habilidosas, se tornou um motivo para que alguns/mas estudantes desejassem a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física. Porém esse número de alunos/as foi pequeno, demonstrando que a maioria compreende que não deve haver separação de alunos/as por gêneros. Essa compreensão da maioria deles/as é muito importante, pois precisamos considerar o que Daolio (1995, p.100), nos diz:

sejamos justos: nem todas as meninas são inábeis, nem todos os meninos são hábeis. Existe uma enorme gradação entre o mais hábil e o menos hábil, tanto para as meninas quanto para os meninos. Além disso, essa gradação pode se modificar dependendo da atividade realizada [...].

A ausência de habilidade motora em estudantes pode influenciar a separação das turmas por gênero, assim como pode motivar a oferta de conteúdos diferentes para meninos e meninas nesse componente curricular. O gráfico 13 mostra o que os/as alunos/as pensam sobre essa questão.

Gráfico 13. Separação de conteúdo por gênero

Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

Quando questionados se as aulas de Educação Física deveriam ter conteúdos específicos/diferentes para meninos e meninas, a maioria dos/as alunos/as respondeu “Não, porque todos os/as alunos/as têm direito de ter acesso aos mesmos conteúdos da Educação Física” (26 respostas) e a segunda opção mais escolhida foi “Não, porque as aulas devem incluir todos os/as alunos/as” (20 respostas).

Se não fossem oferecidos os mesmos conteúdos para meninas e meninos, contribuir-se-ia para reforçar os estímulos diferentes que são dados a eles e a elas desde a infância, o que justifica a falta de habilidades de algumas meninas em determinadas práticas corporais. Em relação às diferenças das habilidades entre meninos e meninas, Altmann (2011, p.493) mostra que “[...] se durante algum tempo tais diferenças foram consideradas inatas e decorrentes de razões biológicas, as pesquisas de gênero contribuíram para compreender que elas são histórica e socialmente construídas”.

Observa-se como a construção histórica e social do gênero feminino é muito marcada pelos traços da sensibilidade e fragilidade física, pois, mais uma vez, os/as alunos/as apontaram dentre os grupo de opções “sim” para a pergunta: “As aulas de Educação Física deveriam ter conteúdos específicos/diferentes para meninos e meninas?” E a resposta escolhida por alguns/mas estudantes foi: “Sim, porque as meninas são mais sensíveis e frágeis fisicamente” (9 respostas), por acreditarem

que é necessário ofertar conteúdos específicos a cada gênero. A ideia de determinado gênero poder ou não estudar alguns conteúdos está relacionado com o machismo, pois algumas pessoas ainda acreditam que há atividades adequadas para mulheres e outras para os homens.

Os/as alunos/as foram questionados se no jogo de trilha teve alguma situação homofóbica e uma aluna disse que sim. Ela continuou explicando sua afirmação, quando um menino imitou uma menina, e outro aluno disse “gostosa”. Este aluno justificou estar apenas brincando e corrigiu sua fala a chamando de “coisa linda”. Compreendeu-se o comentário da estudante ao considerar a situação homofóbica, pois foi entendido, em sua fala, uma dose de machismo, quando ele disse “gostosa” e “coisa linda”. Muitos homens pensam ter o direito sobre a mulher, de assediá-la em qualquer situação ou lugar.

Os/as estudantes foram questionados se nas aulas de educação física alguém poderia dizer isso sem ser brincadeira e responderam não. Uma aluna disse: “todos são amigos”, e o aluno que tinha sido citado anteriormente pela brincadeira homofóbica afirmou que não é preconceituoso.

Diante do exposto nesse capítulo, observou-se que problematizar a relação entre sexualidade e educação é muito importante e que essas discussões surgem no desenvolver da prática pedagógica do docente através de uma multiplicidade de saberes indispensáveis para a atuação do/a professor/a de Educação Física. Essa área de conhecimento, por muito tempo, ao longo da sua história, priorizou conteúdos apenas como a ginástica e os esportes. No entanto, dentre as várias abordagens que inclui outros conteúdos, optou-se pela abordagem crítico-superadora, que se apropria, além dos esportes e da ginástica, dos jogos, das lutas, das danças e das outras formas corporais de se expressar.

Através do jogo “Na trilha do movimento: desmoldando os corpos”, foi possível trazer a discussão sobre sexualidades para as aulas de Educação Física e, para a escola, questões que, às vezes, passam despercebidas ou sem a devida atenção. Notou-se que o comportamento dos/as estudantes, ao romper alguns tabus, na primeira oficina, teve continuidade nessa, pois eles/elas externaram seus pensamentos e sentimentos livremente, em alguns momentos sendo subversivos às normas que delimitam as condutas das pessoas e não se intimidaram com as normas sociais que não incentivam outras formas de viver a sexualidade, se restringindo apenas às relações heterossexuais.

Ficou evidente que a representação da mulher e do homem que existe na sociedade, representada pela menina/mulher frágil, sensível e delicada e o menino/homem forte e viril, ainda está presente nas atitudes e no pensamento de vários/as estudantes. Tais representações estão associadas à construção histórica, cultural e social dos gêneros que influencia a maneira como alguns/mas alunos/as acreditam que deveriam ser as aulas de Educação Física, separando meninos e meninas e com conteúdo diferente para cada gênero. Mas, felizmente esse pensamento não pertence à maioria.

5. A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS NA APREENSÃO CRÍTICA DO CONHECIMENTO

A Educação Física, na escola, não só tem o papel de desenvolver os conteúdos específicos da sua área (cultura corporal), mas também articulá-los à realidade dos/as estudantes para que sejam capazes de intervir e transformar as práticas sociais dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. De acordo com Saviani (1999, 2011), o papel social da escola é garantir acesso e a apreensão crítica de todo o conhecimento acumulado pela humanidade ao longo da História (socialização do conhecimento), garantindo, dessa forma, a universalidade do direito à educação, acolhendo todos os sujeitos, independentemente de cor, raça, gênero, orientações sexuais, religião e classe social.

Acredita-se que através da apreensão crítica do conhecimento, os/as estudantes podem contribuir para a transformação da realidade. Uma forma de educar que não transforma a realidade é a “educação bancária”, criticada por Paulo Freire (2005), pois menciona que esta forma de ensinar está a serviço dos opressores, daqueles que detém o poder, eliminando as oportunidades de libertação e de luta dos oprimidos. A “educação bancária” é compreendida como sendo:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (PAULO FREIRE, 2005, p.66).

Dessa forma, se o/a aluno/a é um/uma mero/a receptor/a de conteúdo, se não problematiza a realidade com o professor, não tem voz e nem vez no seu próprio processo educacional, dificultando que este sujeito tenha liberdade, seja crítico e se reconheça como alguém capaz de transformar a realidade.

Para o/a educando/a progredir, o diálogo é indispensável entre ele/ela e o/a educador/a. O diálogo é uma característica fundamental da concepção problematizadora, mas de acordo com Paulo Freire, para existir diálogo, precisa ter

amor, humildade, esperança, confiança e fé no homem. Além de dialogar, o educador/a problematizador/a revela ao educando a realidade, possibilitando ao/à educando/a mergulhar e enxergá-la criticamente, bem como oportunizando a criatividade, a reflexão, reforçando a mudança, pois nessa perspectiva a sociedade não é compreendida como imutável e sim em processo de transformação (FREIRE, 2005).

O histórico da Educação Física não é marcado pelas possibilidades de discussões dentro dos ambientes educacionais. Essa ausência de debates está tão enraizada no componente curricular que, atualmente, ainda encontramos muita resistência dos/as estudantes para estabelecer momentos de diálogo nas aulas, pois a maioria deles/las só desejam o ensino dos movimentos. Segundo Darido (2018, p.4) “[...], na perspectiva tradicional, não cabia na Educação Física o ensino de conceitos sobre as práticas corporais, e sim o ensino dos movimentos, a vivência dessas práticas”. Ao longo de sua História, a Educação Física na escola priorizou a dimensão procedimental e não considerou relevante contemplar todas as dimensões dos conteúdos, ou seja, a dimensão conceitual e atitudinal (DARIDO; RANGEL, 2008).

A dimensão atitudinal do conteúdo também é muito relevante, pois está relacionada com o respeito aos colegas; com a solução dos problemas; com atitudes de diálogos e não violência; com o envolvimento em atividade em grupos, cooperando e interagindo com a valorização de atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião e outras (DARIDO; RANGEL, 2008).

A valorização de atitudes não preconceituosas referente às sexualidades caberá aos professores/as desenvolver nas aulas. De acordo com Lionço e Diniz (2009, p.65 e 66), “a ausência da afirmação democrática da diversidade sexual no material pedagógico atribui à professora, ao professor e à direção das escolas a total responsabilidade de trazer o tema de modo crítico à sala de aula”.

A proposta da terceira oficina foi trabalhar os conceitos de homofobia, identidade de gênero, orientação sexual, machismo, heteronormatividade, transfobia, transexual, bissexual, homossexual e heterossexual, apresentando dados sobre a homofobia no país, com o objetivo de sensibilizar os estudantes acerca da violência sofrida por homossexuais e valorizar atitudes não preconceituosas referentes às sexualidades, respeitando a escolha e o direito de cada um viver sua sexualidade livremente.

Para trabalhar os conceitos e os dados sobre homofobia, organizaram-se os/as alunos/as em círculo para a realização da brincadeira que foi denominada “bola atômica”. A bola foi construída com várias folhas de papéis e em cada folha era apresentando os conceitos citados anteriormente. Nas folhas também havia alguns dados sobre a homofobia no país e no mundo, sendo apresentados pela frase: “Você sabia que...” e logo em seguida a informação em forma de pergunta, por exemplo: Você sabia que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passou a ser considerada crime? (Quadro 2)

Quadro 2. Você sabia?

Você sabia que estudo da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República/SDH-PR, divulgado no ano de 2012, expõe que, de janeiro a dezembro de 2011, registraram-se 6.809 violações de direitos humanos contra essas populações, o que se traduz em uma média diária de 4,69 pessoas vitimadas por bi/homo/lesbo/transfobia. Entre tais pessoas, 67,5% se identificaram com o gênero masculino (BRITO, 2017)*

Você sabia que o estudo *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*, realizado em 2009 em 150 municípios do Brasil, aponta que a maioria dos 423 entrevistados que se colocaram como homossexuais identificou a escola como o ambiente de maior ocorrência de práticas de discriminação, tanto por parte de estudantes, como pelos adultos que circulam nesse espaço?*

Você sabia que o Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas e já foram registradas 141 mortes de pessoas LGBT de janeiro a 15 de maio deste ano?***

Você sabia que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passou a ser considerada um crime?***

Fonte:

* Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa> Acesso em 28 mar. 2019.

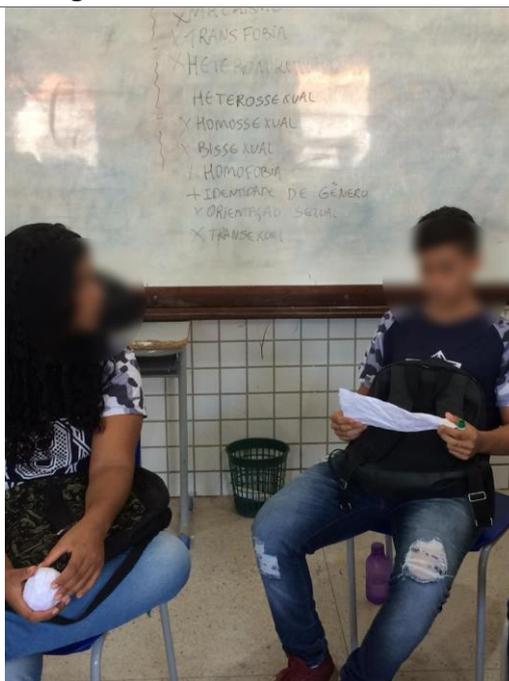
** Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/saopaulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml> Acesso em 28 mar. 2019.

*** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924> Acesso em 28 mar. 2019.

Elaboração própria

No círculo, cada um/uma passava a bola de papel para o/a colega que estava a sua direita e, enquanto o objeto circulava, tocava uma música. Quando a música parava, o/a aluno/a que estava com a bola de papel retirava a primeira camada de papel e fazia a leitura do que estava escrito.

Figura 5. Brincadeira Bola Atômica



Fonte: Acervo da autora

Ao se tratar dos conceitos, a folha só continha sua definição, sem o termo (ver Quadro 3). O/a aluno/a, após ler a afirmação, precisava relacionar a informação ao termo e fazer referência, pois no quadro da sala estavam listados todos os termos. Além de responderem a que termo estava relacionada a definição, em alguns momentos os/as estudantes tiveram a oportunidade de se posicionar em relação a informação no papel.

Quadro 3. Conceitos apresentados na brincadeira

Heteronormativo - padrão heterossexual socialmente construído, incluindo prática sexual, expressão de gênero e comportamento, no qual se legitima como sendo o único, o natural ou correto. Tudo o que se distancia do padrão heteronormativo é considerado desviante ou antinatural. (JESUS, 2012)

Heterossexual - pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas do gênero oposto. (BORTOLINI, 2008)

Homossexual - pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de mesmo gênero. (BORTOLINI, 2008)

Bissexual - pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por ambos os gêneros, masculino e feminino. (BORTOLINI, 2008)

Homofobia - Termo usado para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual (PEREIRA; BRANDT, 2009).

Identidade de gênero – identificação, pessoal, como homens ou mulheres, independe do sexo biológico ou conformação genital. É a percepção que a pessoa tem de si, através de vivências diárias, de que faz parte de um gênero: masculino ou feminino, independente do gênero que lhe foi atribuído ao nascimento.

Orientação sexual – diz respeito à atração, ao desejo sexual e afetivo que uma pessoa sente por outras (BORTOLINI, 2008). A pessoa é aquilo que se declara. Pode haver modificações e fluidez em relação ao desejo, ao longo da vida.

Transexual - termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe

foi atribuído quando de seu nascimento. O adequado é sempre nos referirmos à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica. (JESUS, 2012).

Transfobia - preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. (JESUS, 2012).

Machismo – representa, articula (relações reais e imaginárias) da dominação do homem sobre a mulher na sociedade, produzindo duas linguagens, uma masculina e uma feminina (DRUMONT, 1980)

Elaboração própria

Figura 6. Brincadeira Bola Atômica



Fonte: Acervo da autora

Paralelo à brincadeira, foi feita a leitura do texto intitulado: “Faca sem ponta galinha sem pé”¹⁷, de Ruth Rocha, pensado para o momento em que surgiu o conceito de identidade de gênero na brincadeira, e o vídeo denominado “Invisible Players”¹⁸ para a ocasião em que apareceu o conceito do machismo. Ambos abordam as questões de gênero e o machismo. E para finalizar, como tarefa

¹⁷ Na história, duas crianças (irmãos) sofrem por serem impedidos de expressarem seus sentimentos e movimentos livremente, ambos precisam estar sempre dentro de suas caixas, presos a determinações do que é para menino e para menina.

SILVA, Vandcleide Monteiro da; SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos. **Oficinas pedagógicas: discutindo gênero e diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: CAP/UERJ, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430783/2/Oficinas%20Pedagogicas%20-%20Discutindo%20genero%20e%20diversidade%20sexual.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

¹⁸ Posteriormente o vídeo “Invisible Players” será contextualizado.

de casa e encaminhamento da oficina seguinte, foram entregues quatro reportagens para serem encenadas no próximo momento¹⁹.

5.1. Violência e preconceito: dados e conceitos

O preconceito contra as pessoas LGBTQI+ é preocupante, pois muitas vezes concretiza-se em forma de violência verbal, psicológica e física, podendo ocorrer em todos os lugares, como por exemplo, nas aulas de Educação Física, quando a brincadeira iniciou e a bola de papel parou em um menino e um aluno disse “só podia parar no gay mesmo”. Piadas como essa ocorrem frequentemente nas aulas de Educação Física e, devido ao tom pejorativo, pôde-se considerar uma situação discriminatória e preconceituosa. De acordo com Oliveira, Godoi e Santos (2014, p.2) afirmam que

discriminação é uma atitude ou uma ação que objetiva diferenciar, distinguir e, em geral, prejudicar um grupo, tendo por base ideias preconceituosas. É o que ocorre com alguns alunos por apresentarem comportamento “diferente”, sofrendo humilhações, brincadeiras preconceituosas, piadinhas, agressões físicas e verbais [...], interferindo negativamente no aprendizado e podendo até levar esses alunos a se evadirem da escola.

Foi possível perceber que alguns alunos/as se recusaram a participar, por receio, como se somente o fato de participar de uma discussão colocasse em risco a heterossexualidade deles/as. Uma dessas recusas foi o momento em que a bola de papel parou em um determinado estudante e este não quis participar da brincadeira, entregando a bola para o colega do lado, que leu o que estava escrito. Na folha havia a definição de homofobia e muitos/as alunos/as acertaram falando “homofobia”. Nesse momento, eles olharam para o colega que havia recusado, sugerindo que ele era homofóbico.

A homofobia “pode ser definida como a hostilidade geral, psicológica e social contra aquelas e aqueles que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos de seu próprio sexo” (BORRILLO, p. 34, 2010). Esse mesmo

¹⁹ Para compreender melhor a terceira oficina ver o planejamento no apêndice II.

aluno e outros/as não aceitaram participar da pesquisa e se recusaram a se envolver especificamente nessa atividade. É importante ressaltar que provavelmente os/as colegas fizeram essa insinuação não apenas por o aluno não querer participar, mas provavelmente por outras experiências anteriores, pois a convivência na sala de aula pode revelar determinados comportamentos.

Após o surgimento da definição de identidade de gênero, foi realizada a leitura do texto “Faca sem ponta galinha sem pé” de Ruth Rocha. Na história, duas crianças (irmãos) sofrem por serem impedidos de expressarem seus sentimentos e movimentos livremente, ambos precisam estar sempre dentro de suas caixas, presos a determinações do que é para menino e para menina. Paralelo à leitura, alguns estudantes teceram comentários. Um aluno disse que chorava também e uma aluna comentou: “eita, eu sou menino”.

Seguem os trechos do texto relacionado com as falas dos/as estudantes: “[...] Joana implicava com o irmão, por ele, às vezes, ter “atitudes femininas”, como “chorar por causa de um filme triste” e “Filho meu não foge! Volte pra lá já já e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!”.

Notamos que os estudantes se identificaram com o gênero oposto, pois a aluna se viu na conduta do menino e o menino no papel da menina. Podemos justificar isso a partir do pensamento de Saraiva (2005, p.113), pois

[...] ambos os sexos podem não internalizar totalmente as características e os modelos de comportamentos existentes, que de forma alguma são imutáveis e livre de contradições. Homens e mulheres podem modificar tais modelos no enfrentamento ativo com os mesmos.

Ainda em relação ao texto, alguns/mas alunos/as disseram que não tinham entendido, pois um deles disse: “o texto está tentando mostrar que não existe coisa de menino e menina. Cada pessoa pode tudo que quiser”, explicou. Outro estudante ainda mencionou que era para um se sentir na pele do outro. Quando se planejou a utilização desse texto, o intuito foi sensibilizar os/as estudantes, como aponta Goellner (2009, p.84)

Para propor uma intervenção que evite a desigualdade de gênero e respeite a diversidade, torna-se importante proporcionar atividades cujo desenvolvimento estimule tanto a sensibilização para esses temas como ainda a vivência de situações inclusivas.

A inclusão é importante para todas as pessoas e, muitas vezes, para que ocorra, é necessário fazer um trabalho de sensibilização. Podemos pensar também

nas questões relacionadas ao machismo, pois frequentemente nos deparamos com situações em que as mulheres não têm os mesmos direitos e as mesmas condições em diferentes campos de atuação.

A definição sobre machismo estava entre as demais na atividade e quando o aluno começou a ler, já falou: “Machismo!”. Questionou-se o que o levou a identificar rapidamente e ele respondeu ser a menção do homem ter mais voz que a mulher na sociedade. Usamos o conceito de Drumont (1980), que revela: o machismo “representa, articula (relações reais e imaginárias) da dominação do homem sobre a mulher na sociedade, produzindo duas linguagens, uma masculina e uma feminina”. Em relação a essa questão, as mulheres nascem e se habitam a uma cultura onde constantemente as ações dos homens são mais valorizadas e prestigiadas. Segundo Saraiva (2005, p.64)

Esse destino, para a mulher – com gradativas diferenças conquistadas no mundo ocidental desenvolvido, à medida que percorreu o caminho desde a submissão até a resistência e a emancipação – tem sido o mesmo, em quase todos os campos de atuação, como trabalho, lazer, esporte, família, escola, etc.: o da submissão ao homem, senhor de todas as decisões e protótipo da produtividade.

Nos esportes, a diferença é gritante e a dominação masculina prevalece. Por exemplo, apresentamos aos estudantes o vídeo intitulado “Invisible Players”²⁰ (Jogadoras Invisíveis), e, ao fim da exposição, a turma aplaudiu o vídeo. O material faz parte de uma campanha de valorização da figura feminina no esporte, promovida pelo Canal de TV por assinatura ESPN. O vídeo apresenta imagens de lances de futebol, basquete e de uma pessoa surfando, reproduzidas em forma de animação e exibidas a um grupo de pessoas que foram indagadas sobre quem seria naquela imagem, todos deram nomes de atletas homens, nenhum nome feminino foi mencionado.

Quando questionados sobre o que acharam do conteúdo e das questões abordadas, uma aluna falou: “mostra que muitas pessoas ainda são machistas”. Um aluno perguntou: “Machista vem de que palavra?” Respondemos que essa palavra é derivada de “macho”. O aluno indagou: “Porque as mulheres tiveram a mesma

²⁰ INVISIBLE Players. Direção: Ale Paschoalini e Leonardo Liberti. Produção: Bando Studio e Libertà Filmes. Roteiro: Angerson Vieira e Juliana Uchoa. Fotografia de Gabriel Bianchini e Eduardo Ohara. [S. l.]: ESPN Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqjo>. Acesso em: 5 out. 2019.

ideia?” Ele questiona o porquê de até as mulheres dizerem se tratar de homens nas cenas; nesse momento questionamos as alunas. Uma delas respondeu: “é porque existe na sociedade e as pessoas não percebem”, esta mesma citou a fala de uma mulher no vídeo que disse ter ficado decepcionada com ela própria, por não ter imaginado que as cenas esportivas eram de mulheres. O comportamento do aluno demonstrou que ele estava descontente por os homens estarem sendo responsabilizados pela falta de visibilidade das mulheres. Quando o aluno diz: “Porque as mulheres tiveram a mesma ideia?”, ele tenta minimizar essa situação.

O mesmo aluno continuou dizendo que nós nascemos com os preconceitos de racismo, homofobia e outros. Foi colocado para a turma e questionado se nascemos ou nos tornamos preconceituosos, e a maioria respondeu que nos tornamos. Foi dito que quando se nasce não se tem preconceito, ele é adquirido com as convivências na sociedade, com a cultura, com a família, e com os amigos. A Maioria da turma compreende que se tornam preconceituosos.

Em relação ao dado divulgado em 2012 pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República/SDH-PR expondo que, de janeiro a dezembro de 2011, “[...] registraram-se 6.809 violações de direitos humanos contra essas populações, o que se traduz em uma média diária de 4,69 pessoas vitimadas por bi/homo/lesbo/transfobia. Entre tais pessoas, 67,5% se identificaram com o gênero masculino” (BRITO; LEITE, 2017, p.483), a turma, ao ser questionada, uma aluna disse: “porque o homem diz que tem que ser homem”. Outro aluno apontou que desde cedo a sociedade começa a exigir muito dos homens, um comportamento machista, desde quando nascem, e quando se revelam homossexuais sofrem preconceito.

De acordo com a pesquisa realizada pela Unesco (2001, apud CASTRO; ABROMOVAY; SILVA, 2004, p.303), os homens são mais preconceituosos do que as mulheres em relação à convivência com os homossexuais, pois os/as alunos/as foram questionados “se não gostaria de tê-los como colegas homossexuais, o percentual de respostas afirmativas varia entre as capitais, em cerca de 45%, em Vitória, e 34% em Belém, para os meninos e entre 22% em Recife, e 10% no Rio de Janeiro, para as meninas”. A mesma pesquisa aponta que,

Quando solicitados a indicar cinco das formas mais graves de violência, rapazes e moças selecionam os mesmos itens, mas com uma singular exceção: a questão da agressão a homossexuais. *Bater em homossexuais* é classificado pelas jovens como a terceira violência mais grave, enquanto

que para os rapazes ela ocupa a sexta posição (UNESCO, 2001, apud CASTRO; ABROMOVAY; SILVA, 2004, p.303).

Percebe-se que, para os homens, agredir um homossexual não é tão grave, pois para a maioria deles é necessário manter os traços masculinos aparentes e se algum foge a norma, há um custo a pagar. Como foi visto no estudo da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República/SDH-PR (2012), citado anteriormente, as ocorrências de violação de direitos são mais frequentes com os homens, pois a sociedade é machista e ainda caracteriza o que é ser homem e ser mulher a partir de determinados padrões. Assim, o homem que não segue as regras têm seus direitos violados. Sharma (2008, p.115) menciona que

Em contextos mais liberais, há quem aceite as e os homossexuais como pessoas cujos direitos não devem ser violados. Entretanto, mesmo neste caso, se o desconforto e o julgamento moral contra o desejo por pessoas do mesmo sexo não são confrontados, uma mera afirmação dos direitos não será suficiente. Não existe alternativa ao enfrentamento das crenças e valores subjacentes que alimentam a hostilidade.

É muito difícil combater a hostilidade contra a população LGBTQI+, porque culturalmente uma parte da população entende que eles/elas não possuem direitos, devendo ser menosprezados/as e discriminados/as de algum modo. E isso é feito de diversas formas: uma delas aparece no relato de uma aluna que comentou conhecer alguns/mas alunos/as que fazem piada e xingam os colegas usando palavras como “veado e gay” na intenção de ofendê-los. Por exemplo, um aluno falou para uma menina, “Ela é lésbica”, irritando-a. No decorrer da oficina, os/as alunos/as falaram que há piadas e xingamentos nas aulas feitos com a intenção de ofender os outros e citaram o caso dessa aluna. Disseram que todo mundo a chama de lésbica, mas ela não é. A própria aluna, nesse momento, afirmou que eles a chamam, mas ela não é lésbica.

Essa informação converge com os dados do questionário, pois, ao responderem a pergunta: Quando você quer ofender uma menina quais as principais palavras que você diz? Eles/elas responderam:

Quadro 4. Ofensas

Quando você quer ofender um menino quais as principais palavras que você diz?			Quando você quer ofender uma menina quais as principais palavras que você diz?		
“Ofensa”	Quantidade	Quantidade agrupada	“Ofensa”	Quantidade	Quantidade Agrupada
Filho da puta	10	14	Rapariga	10	19
Filho de rapariga	4		Puta	9	
Corno	8	8	Amancebada	2	
Gay	5	10	Fresca	2	
Fresco	3		Amostrada	2	
Veado	2		Sapatão	1	
Dá o cú	3	15	Nenhuma	7	
Tomar no cú	2				
Arrombado	5				
“Saca bosta”	1	1			

Fonte: Elaboração Própria

Notamos que as palavras “gay”, “veado”, “fresco” e “sapatão” são usadas frequentemente para ofender as outras pessoas. Esses termos, de acordo Borrillo (2010, p.24), estão “presentes nos insultos, nas piadas, nas representações caricaturais, assim como na linguagem corrente, a homofobia descreve os gays e as lésbicas como criaturas grotescas, objetos de escárnio”. É importante também elucidar que as expressões “tomar no cú”, “dá o cú”, “arrombado” e “saca bosta” são carregadas de preconceitos, denota machismo e homofobia. Essa última, “Saca bosta” trata-se de uma expressão utilizada por eles/elas para dizer que o outro tem relações sexuais com pessoa do mesmo sexo. As expressões “rapariga”, “puta”, “filho de rapariga” e “filho da puta” denigrem a figura feminina, caracterizando, portanto, um ato de misoginia.

5.2. Homofobia mata

A homofobia exclui, humilha, desrespeita a singularidade de cada um e mata duplamente, pois as pessoas homossexuais são vítimas de violência que em alguns casos levam à morte, além dos índices de suicídio entre esses jovens serem

considerados altos. Conforme pesquisa realizada pelo “American Journal of Public Health”, homossexuais de 13 a 18 anos de idade são sete vezes mais propensos a cometer suicídio, comparado a homossexuais masculinos da mesma idade. Os pesquisadores entenderam, a partir dos dados, que a razão pela qual esse índice é tão elevado se dá pelas ações discriminatórias sofridas por esse público. (Folha de São Paulo, 1997)²¹

O estudo *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*, realizado em 2009 em 150 municípios do Brasil, “[...] aponta que a maioria dos 423 entrevistados que se colocaram como homossexuais identificou a escola como o ambiente de maior ocorrência de práticas de discriminação, tanto por parte de estudantes, como pelos adultos que circulam nesse espaço” (BRITO; LEITE, 2017, p.483). Em relação a isso, os/as estudantes disseram que isso não deveria acontecer e falaram que “na escola tem muitas piadas e xingamentos”, em seguida declararam: “acontece coisa pior”. Foi solicitado um exemplo e mencionaram: “começa com as piadas na escola e termina em briga e violência fora da escola”. De acordo com Junqueira (2009, p.17), na escola há

Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBT. Essas pessoas vêem-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, constituída de piadas, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes – poderosos mecanismos de silenciamento e de dominação simbólica.

Ainda em relação a isso, os/as alunos/as disseram também que nas aulas de Educação Física acontece homofobia através das brincadeiras. Uma aluna mencionou: “ficam ambos chamando de veado”. Outra disse: “quando um homem chama o outro de veado é porque ele valoriza, curte isso também”. Algumas escolas contribuem para a manutenção das práticas de discriminação, pois a direção, o corpo docente e funcionários, muitas vezes, não se preocupam e são alheios às piadas e xingamentos relacionados à sexualidade.

De acordo com Bento (2011, p.555), “a escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade”. A escola reproduz o padrão heteronormativo e as pessoas que

²¹ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe290803.htm>

não o seguem sofrem consequências. A homofobia pode estar em todos os lugares. A informação de que ainda há países com pena de morte para atos sexuais consentidos entre adultos do mesmo sexo surpreendeu e chocou os estudantes. Recentemente o site EL PAÍS²² publicou uma matéria apontando países em que a homossexualidade pode ser punida com morte, conforme mostra o mapa.

Figura 7. Mapa Mundial da Homofobia

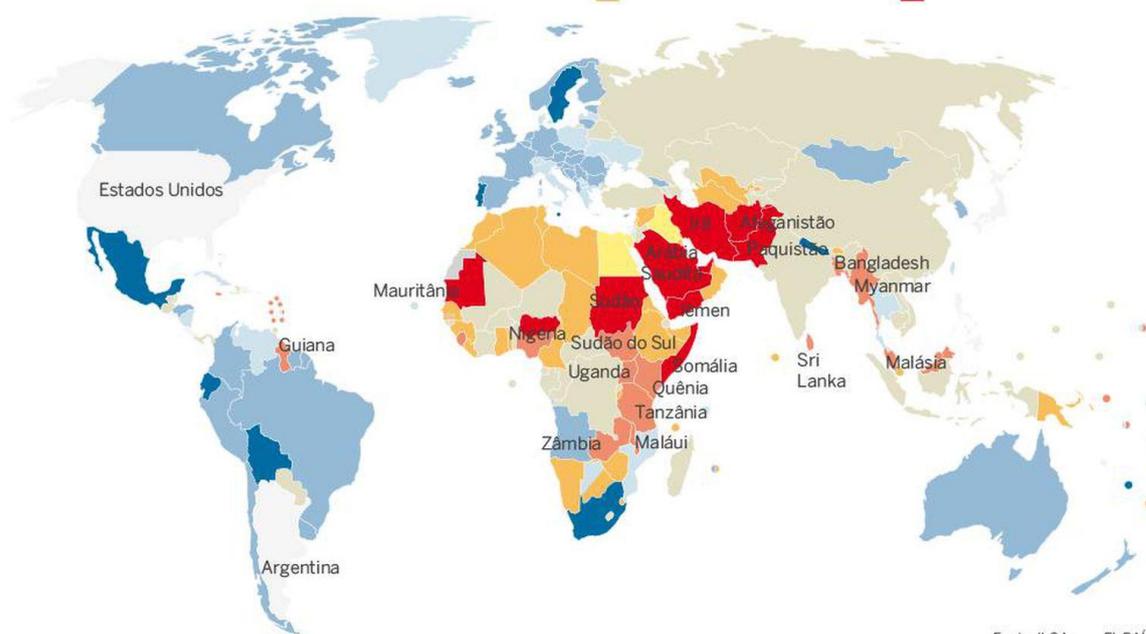
LEIS SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL NO MUNDO

Proteção contra a discriminação por orientação sexual

 Proteção constitucional	 Proteção limitada
 Proteção ampliada	 Sem proteção
 Proteção no trabalho	

Criminalização de atos sexuais consentidos entre adultos do mesmo sexo

 Criminalização de fato	 Entre 10 anos até prisão perpétua
 Até oito anos de prisão	 Pena de morte



Fonte: ILGA EL PAÍS

Fonte: El país

Embora no Brasil não exista pena de morte para os homossexuais, os índices de morte por homofobia são altos. Os/as estudantes não sabiam que o Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas e já foram registradas 141 mortes

²² ALFAGEME, Ana. Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. **EL PAÍS**, [S. l.], 22 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html. Acesso em: 3 out. 2019.

de pessoas LGBT de janeiro a 15 de maio do ano de 2019²³. Quando questionados/as sobre o que acharam desse dado, disseram: “é lamentável, um absurdo”. Porém um aluno comentou que não concordava com isso, “mas que muita gente que sofre homofobia provoca através do assédio a outra pessoa.. [...] quem sofre mais com isso são os LGBT [...]”. É possível observar que o aluno está responsabilizando a vítima que sofre homofobia, pois ele aponta que os LGBTQI+ provocam através do assédio. Esse pensamento é corriqueiro entre a maioria das pessoas, assim como é comum, quando uma mulher é sexualmente violentada, ouvir comentários de que essa referida mulher pediu para ser estuprada, pois usava uma roupa curta ou estava sozinha em determinado local.

Outro aluno contrapôs imediatamente, afirmando que: “não seria certo uma mulher mandar matar um homem porque sofreu assédio na rua e também não é certo cometer homofobia por causa de assédio”. Outros alunos se posicionaram: “nada justifica”, “realmente os LGBTs provocam, mas quando os casos são investigados, se descobre que não foi por provocação, foi homofobia”. Não foi mencionado entre eles que tipo de provocação é essa, esse pensamento tem origem no senso comum, e muitos acreditam que pessoas homossexuais provocam a violência que sofrem; a verdade é que sua própria condição já é uma provocação.

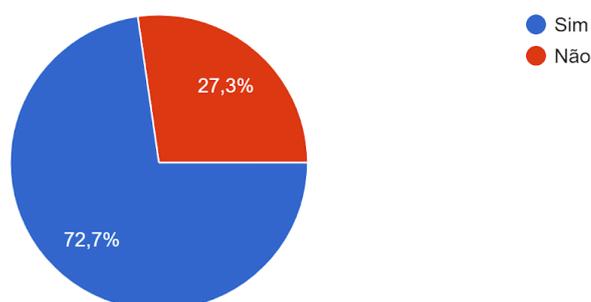
Plumm et al (2010, apud Costa e Nardi, 2015, p. 721), ao discutirem sobre o papel dos estereótipos na culpa atribuída às vítimas que sofrem homofobia, dizem que “no caso das orientações não heterossexuais, um estudo mostrou o papel dos estereótipos na manutenção do preconceito através da técnica do júri simulado para investigar a culpa atribuída à vítima em casos de crimes motivados por orientação sexual”. Costa e Nardi (2015, p. 721) reforçam que “quanto mais negativas as atitudes do júri em relação a orientações não heterossexuais, maior foi a atribuição de culpa à vítima, quando ela era homossexual”. O mesmo aluno, que responsabilizou as próprias vítimas de homofobia, perguntou qual o estado com mais casos de homofobia, quando soube que é o estado de São Paulo, colocou a mão no rosto demonstrando surpresa e decepção. Sua reação está relacionada ao fato de São Paulo ser o estado que residiu antes de vir para o Rio Grande do Norte.

²³ SOUSA, Viviane; ARCOVERDE, Léo. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT. **G1**, São Paulo, 17 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2019.

Em relação à violência, foi perguntado no questionário: Você já presenciou algum tipo de violência (física, verbal, psicológica, etc.) contra alunos/as, apenas por orientação sexual (ou que aparentam ser homossexuais segundo a sua percepção)? Os/as estudantes revelaram que 72,7% deles/delas já presenciaram algum tipo de violência e 27,3% não, como podemos ver no gráfico 14.

Gráfico 14. Violência contra homossexuais

Você já presenciou algum tipo de violência (física, verbal, psicológica, etc.) contra alunos/as, apenas por orientação sexual (ou que aparentam ser homossexuais segundo a sua percepção)?
44 respostas



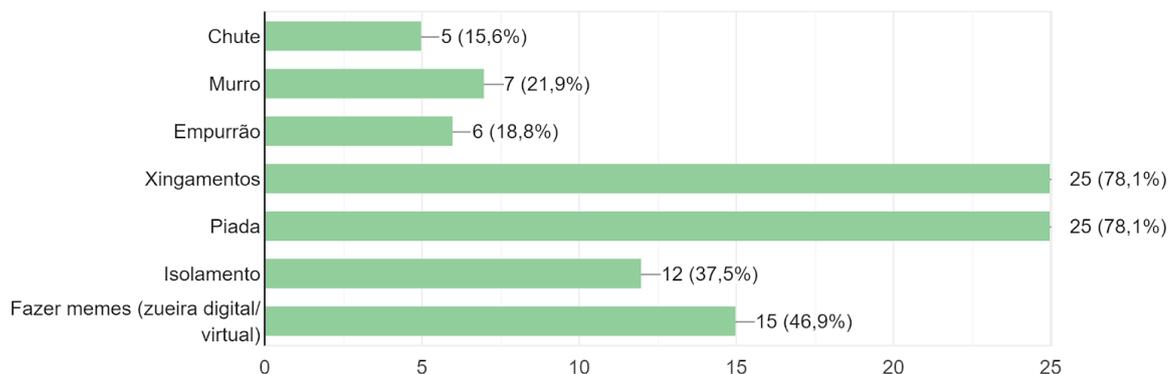
Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

Os/as que presenciaram algum tipo de violência (física, verbal e psicológica), a maioria respondeu piada e xingamentos, com 25 respostas cada. Depois fazer memes (zueira digital e virtual) com 15 respostas, isolamento com 12 respostas, murro, com 7 respostas, empurrão, com 6 respostas e chute, com 5 respostas, como mostra o Gráfico 15.

Gráfico 15. Tipificação da violência

Se sua resposta anterior tiver sido sim, marque o que você já presenciou? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

32 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

O questionário revelou que a piada e o xingamento foram os tipos de violência que a maioria respondeu, convergindo assim com muitas questões já colocadas no decorrer do trabalho sobre as “brincadeiras” que os/as estudantes fazem ou narraram acontecer na escola e nas aulas de Educação Física. Essas brincadeiras são exemplos da homofobia no ambiente educacional. De acordo com Borrilo (2010), a homofobia é o ato de intitular o outro como contrário, anormal, inferior, podendo ser observado nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo efeminado e surge na vida cotidiana por injúrias e por insultos.

As piadas e xingamentos, muito presentes nas aulas, também são violências verbais, sendo considerada homofobia e crime. Foi colocado para os/as alunos/as se eles/elas sabiam que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passou a ser considerada crime, e a maioria mencionou que tinha conhecimento. As piadas e os xingamentos são muito comuns no cotidiano escolar, tão comum que já naturalizou entre eles/elas e praticamente ninguém discute que esses comportamentos reforça a homofobia na sociedade.

“Discutir sobre as piadas que acontecem nas aulas”, “as situações constrangedoras”, “a sociedade heteronormativa” e “conscientizar que meninos e meninas podem fazer tudo” foram os pontos colocados pelos/as estudantes na primeira oficina como algo que desejariam que fosse aprofundando. Visando abordar essas questões apontadas, o conhecimento foi traído através de diversos conceitos,

dados sobre a homofobia, um texto e um vídeo, garantindo que todos esses instrumentos se relacionassem entre si e possibilitasse aos alunos/as compreender a realidade em que estão inseridos.

Observou-se que a violência e o preconceito relacionados às sexualidades e gêneros estão presentes nas aulas de Educação Física nessa escola, principalmente através das piadas e xingamentos. Sensibilizar os/as estudantes foi uma tentativa para diminuir a discriminação, pois de acordo com os dados apresentados nesse capítulo, os índices de violência contra os homossexuais são altos, com ênfase no gênero masculino e de acordo com a pesquisa da Unesco (2001), os homens são mais preconceituosos.

Percebeu-se, pelas narrativas dos/as estudantes, que a homofobia nessa escola se apresenta desde a piada até a violência física. Os dados do questionário aplicado revelam que 72,7% dos/as alunos/as já presenciaram algum tipo de violência contra alunos/as, sendo a piada e o xingamento os mais citados, porém murro, empurrão e chute também foram mencionados. Além disso, as palavras “gay”, “fresco” e “veado”, aparecem no questionário quando querem ofender um menino e a palavra “sapatão” quando desejam xingar uma menina.

6. APRENDENDO E SOCIALIZANDO UM NOVO CONHECIMENTO

O conhecimento relacionado às sexualidades, gêneros e homofobia, que foi discutido em momentos anteriores, nessa quarta oficina, foi expresso pelos/pelas estudantes, demonstrando a compreensão deles/delas sobre os temas, relacionando-os com as práticas corporais. Conforme Gasparin (2012, p.123) “[...] chega o momento em que o aluno é solicitado a mostrar o quanto se aproximou das soluções, dos problemas anteriormente levantados sobre o tema em questão. Esta é a fase em que o educando sistematiza e manifesta que assimilou”. Os/as alunos/as respondem aos conteúdos disponibilizados através da prática pedagógica docente, aproximando-se da sua realidade, “na sua essencialidade concreta” como afirmam Lavoura e Martins (2017, p.535),

Quanto mais o trabalho educativo escolar disponibilizar aos alunos conhecimentos que possibilitem a eles responder tais questões de maneira não fantasiosa, não ilusória, não mistificada e não folclórica - ou seja, disponibilizar aos alunos instrumentos teóricos, por meio da mediação do conhecimento científico, artístico e filosófico, de forma tal que as respostas a essas perguntas cada vez mais tenham aproximação objetiva e concreta com o próprio real, o que exige um “método” adequado para tal -, mais nós estaremos contribuindo para a formação de uma concepção de mundo baseada não na aparência dos processos sociais e naturais da realidade, mas sim na sua essencialidade concreta.

É importante para o/a professor/a de Educação Física formar estudantes capazes de compreender a sua realidade, interferindo para transformá-la e não se restringindo a somente reproduzir o conhecimento da cultura corporal. Segundo o Coletivo de Autores (1992, p.62), “os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido/significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções/objetivos da sociedade”. Essa correlação com os conteúdos da Educação Física e as questões sociais é importante para promover o entendimento da realidade. De acordo com Coletivo de Autores (1992, p.63),

A reflexão sobre esses problemas é necessária se existe a pretensão de possibilitar ao aluno da escola pública entender a realidade social interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social. Isso quer dizer que/cabe à escola promover a apreensão da prática social. Portanto, os conteúdos devem ser buscados dentro dela.

Essa foi a pretensão da quarta oficina: possibilitar aos estudantes um momento em que expressassem o entendimento da realidade social através do conhecimento assimilado nas vivências anteriores e em outros momentos de aprendizagens, bem como discutissem as sexualidades como direito e pensassem e planejassem ações que contribuíssem para diminuir a homofobia nas aulas de Educação Física e na escola.

Foi proposta para os/as alunos/as, na oficina antecedente, a organização da turma em quatro grupos, para que cada grupo recebesse um texto jornalístico, apresentando o conteúdo através de encenações e colocando seu posicionamento. As quatro reportagens entregues foram: “Um manifesto tardio, porém necessário, do São Paulo contra a homofobia”; “Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação”; “A primeira transexual na Superliga feminina de vôlei, entre a ciência e o preconceito”; “Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados”²⁴.

Após as apresentações, houve um momento com toda a turma para a discussão das reportagens e encenações. Por fim, ocorreu o planejamento das ações que contribuíram para diminuir a homofobia nas aulas de Educação Física e na escola. Percebeu-se que os/as estudantes se envolveram bastante nessas atividades, pois tanto as encenações, como os posicionamentos dos grupos e o planejamento foram momentos riquíssimos para a formação suas²⁵.

6.1. Homofobia no futebol e no balé

Introduzir uma discussão em defesa da igualdade e da diversidade na escola, transpassando o silêncio, é fundamental, pois o menosprezo e a hostilidade que constituem a homofobia não visam apenas aos homossexuais, mas também, “aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade” (BORRILLO,

²⁴ O conteúdo de cada reportagem será apresentado no decorrer desse capítulo.

²⁵ Para entender melhor a quarta oficina, ver o planejamento no apêndice II.

2010, p.16). Ver-se-á que o simples fato de as pessoas não se encaixarem nas normas que regulam os gêneros e a possibilidade de viver sexualidades que não seja a heterossexual, se tornam motivos para gerar a homofobia em diferentes ambientes, como por exemplo, o esportivo.

A reportagem intitulada “Um manifesto tardio, porém necessário, do São Paulo contra a homofobia”²⁶ destaca que no dia Internacional do Orgulho LGBT, o clube do São Paulo se posicionou contra a discriminação por orientação sexual e Identidade de gênero, manifestando o seu repúdio ao preconceito. Um desses preconceitos é o São Paulo ser conhecido pelo apelido homofóbico de “time de bambi” pelas torcidas adversárias. A matéria aponta que a própria torcida organizada do São Paulo já perseguiu o jogador Richarlyson e uma parte da torcida reproduz o grito de “bicha”, muito comum em outros estádios quando goleiros adversários batem o tiro de meta. Esse comportamento já foi punido pela Conmebol, aplicando multa à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no jogo de abertura da Copa da América contra a Bolívia. A CBF já foi multada outras vezes devido às atitudes homofóbicas de torcedores, porém, evita adotar o mesmo rigor com clubes afiliados. O artigo destaca ainda que o clube do Internacional e o fluminense já fizeram ações contra a homofobia no futebol.

A cena iniciou com duas meninas, a aluna A1 estava com a bola de futsal nos pés e à sua frente estava a aluna A2. A1 convida uma amiga para jogar bola, dizendo que é muito legal. A2 fala que não pode jogar futebol, porque mulher não joga futebol. Com isso, A1 questiona por um motivo pelo qual a mulher não joga. A2 menciona que está errado, pois mulher brinca é de boneca e não de futebol. A1 pergunta de onde a amiga tirou essa ideia. A2 reafirma que não pode, pois está errado. A1 diz que isso é homofobia e questionou qual seria o problema e A2 apenas reafirmou que não podia. A1, afirmou que não há nenhum problema (Figura 8).

²⁶ PIRES, Breiller. Um manifesto tardio, porém necessário, do São Paulo contra a homofobia. **EL PAÍS**, São Paulo, 28 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/28/deportes/1561728455_693273.html. Acesso em: 1 out. 2019.

Figura 8. Encenação sobre homofobia no futebol



Fonte: Acervo da autora

Notou-se que a encenação foi improvisada pelo grupo e as duas alunas que atuaram enfatizaram as questões dos gêneros, não relacionando diretamente a apresentação com a reportagem que trata do esporte e a homofobia, dando a entender que talvez os/as alunos/as ainda confundam alguns termos e necessitem de mais tempo para assimilar os novos conhecimentos. Embora a aluna, na apresentação, afirme que há uma atitude de homofobia, entende-se que a apresentação trouxe a discriminação em relação ao papel da mulher e suas atribuições na sociedade. Nesse caso, jogar futebol não é apropriado para mulheres. Porém, depois da apresentação do grupo, uma aluna se posicionou muito bem trazendo a homofobia para o centro da discussão. Segue o relato:

As manifestações LGBT elas são sócio, político e cultura. Elas são a favor do conhecimento da diversidade sexual, elas são a favor de incluir na sociedade as pessoas LGBT, elas buscam o conhecimento e principalmente a aceitação que não existe muito, porque o Brasil é de fato um país preconceituoso. Elas lutam contra a homofobia. A homofobia está em todos os lugares: na escola, na rua, até mesmo dentro de casa, com os seus próprios parentes. Ela também está no futebol. Porque um homem não pode beijar outro homem, porque que tem que ter tanta hipocrisia. Pessoas dando opinião na vida dos outros. Isso é errado. As pessoas são livres para amarem quem elas quiserem, são livres para escolherem com quem elas vão ficar. A homofobia não só é dizer coisas ofensivas, mas também gera

mortes, muitos homossexuais morrem no Brasil, a cada minuto pode está acontecendo, não só homossexuais, mas também outras. As pessoas têm que parar com a ideologia que homem foi feito para mulher, tanto os homens como as mulheres e a comunidade LGBT são livres, as pessoas tem que aceitar isso, se não aceitam tenham pelo menos um pingo de respeito.

A turma aplaudiu veementemente a fala da aluna. Observou-se que ela fala da importância social, cultural e política das manifestações LGBTQI+, enfatizando no seu discurso a inclusão e a aceitação das pessoas na sociedade, como podemos verificar nesse trecho: “[...] elas são a favor de incluir na sociedade as pessoas LGBT, elas buscam o conhecimento e principalmente a aceitação que não existe muito, porque o Brasil é de fato um país preconceituoso [...]”. Em relação à luta por busca de reconhecimento, Almeida e Soares (2012, p.303) afirmam que “a homofobia é compreendida como um instrumental de dominação, por meio do qual sujeitos e grupos sociais disputam espaços de legitimidade e de reconhecimento e, portanto, de poder [...]”.

O enfrentamento contra a homofobia e a busca por legitimidade e reconhecimento é importante que ocorra em todos os lugares, pois como aponta a aluna na sua fala: “A homofobia está em todos os lugares, na escola, na rua, até mesmo dentro de casa, com os seus próprios parentes. Ela também está no futebol”, convergindo com o que menciona Almeida e Soares (2012, p.318): “[...] o estigma e a homofobia provocam violências no âmbito familiar, nas escolas e no emprego e em quaisquer espaços, como nas cenas sugeridas, no futebol”.

A violência causada pela homofobia abrange todos os tipos, desde a violência verbal a física, podendo causar a morte, como já foi dito aos estudantes na oficina anterior, em que se trouxe o conceito e os dados sobre a homofobia, sendo um deles a informação de que o Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas e já tinham sido registradas 141 mortes de pessoas LGBTQI+ de janeiro a 15 de maio do ano de 2019, segundo a matéria do jornal g1. Acreditamos que esse dado foi bem relevante para aluna, pois ela apresenta informações relacionadas ao que foi já colocado em outro momento, quando diz: “[...] A homofobia não só é dizer coisas ofensivas, mas também gera mortes, muitos homossexuais morrem no Brasil, a cada minuto pode está acontecendo [...]”.

Infelizmente, isso acontece devido a muitas pessoas não compreenderem nem aceitarem que os indivíduos são livres para escolher com quem desejam se relacionar. Outro posicionamento da mesma aluna que nos chamou atenção foi: “[...]”

As pessoas são livres para amarem quem elas quiserem, são livres para escolherem com que elas vão ficar [...]”. De acordo com Almeida e Soares (2012, p.314),

A luta contra a homofobia e a defesa da orientação sexual e da identidade de gênero passam não só pela defesa da liberdade da vida privada constituída e vivida no âmbito do privado; alcança a possibilidade real, material, de viver a liberdade da vida privada no espaço público sem vê-la aviltada, sem que a expressão pública da liberdade denigre a imagem coletiva do grupo a que se pertence e a imagem de si. Viver livremente passa pela ruptura definitiva da lógica hierarquizante da dignidade humana e pela garantia da pluralidade como elemento ordenador da vida humana e como um valor universal constituinte da própria humanidade.

Outra aluna também se posicionou mencionando que na reportagem o time do São Paulo foi citado. Nesse momento, alguns meninos começaram a rir e zombar de um colega que é são paulino. Os alunos reproduziram o que a reportagem dizia. Talvez não deram atenção ao que a aluna estava falando anteriormente, pois esses alunos não se envolveram com algumas atividades das oficinas, assim como fazem em outras aulas e outros componentes curriculares. A aluna retomou dizendo:

vocês estão fazendo a mesma coisa que está aqui. Isso está errado. O que tem na reportagem é justamente sobre isso, que os torcedores do São Paulo sofrem preconceito, que são chamados de time de bambi e outras coisas. Isso está muito errado, vocês têm que ter noção, respeito um pelo outro.

O desrespeito ao outro acontece nos locais esportivos de jogos e treinamentos, como também por parte do espectador, como revela Almeida e Soares (2012, p.305): “[...] tanto na prática de lazer, quanto nos estádios, a verbalização da negação do diferente se faz com frequência. Portanto, o território da prática, tanto como jogador, como espectador, está permeado de preconceito e de violência simbólica”. Esses alunos que foram desrespeitosos com o colega torcedor do São Paulo são alunos participantes dos jogos internos e frequentam regularmente a quadra poliesportiva da escola, por isso conhecem um pouco os dois lados, tanto o de jogar como de ser espectador. Sendo assim, reproduzem o que culturalmente foi naturalizado no ambiente esportivo, ou seja, um espaço masculinizado, onde os homens mostram a sua virilidade, não sendo aceitas outras formas que não sejam essas.

Quando há pessoas no ambiente esportivo que começam a romper com o tradicional, a homofobia é utilizada como meio para controlar e manter as mesmas estruturas. Por exemplo, na apresentação de outra turma sobre a mesma

reportagem os/as alunos/as reproduziram uma encenação bastante homofóbica (Figuras 9 e10).

Figura 9. Encenação sobre homofobia no futebol



Fonte: Acervo da autora

Figura 10. Encenação sobre homofobia no futebol



Fonte: Acervo da autora

A cena iniciou com os alunos/as jogando futebol e uma mulher trans querendo jogar. Não a deixaram participar e começaram a xingá-la de “veadinho”, “bicha”, “fresco”. Disseram também: “não vamos deixar você jogar porque é gay”. Além dos xingamentos, agrediram e jogaram a bola nela. Notamos que encenação converge com o apontamento feito por Almeida e Soares (2012, p.305)

[...] o futebol, que é considerado uma modalidade viril, não poderia ser praticado por aqueles que não possuam este sentido de virilidade típico do jogo. Ficando negado à prática, apenas podendo jogar aqueles jogos que não tenham contato, ou não necessitam deste atributo do "macho".

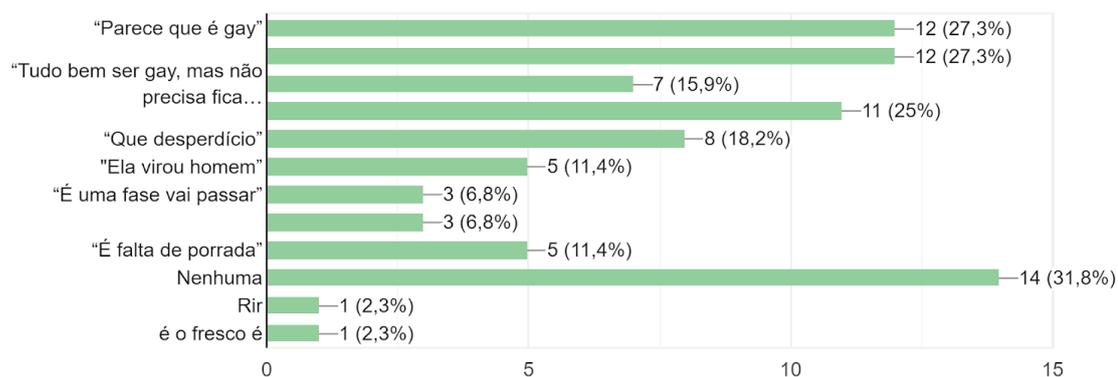
Uma aluna falou sobre a cena: “nós não deixamos ele jogar bola por ser gay, Não deixamos ele jogar por sentir nojo. Agimos de forma preconceituosa, agimos como os homofóbicos”. O grupo declarou que reproduziu a homofobia na encenação, mas que não defendem isso. Os/as estudantes salientaram que “independente da escolha de cada um, se deseja o gênero oposto ou o mesmo devemos respeitar”. Outra aluna disse: “em vez de julgar, devemos amar e respeitar o próximo”. Porém, como afirma Almeida e Soares (2012, p.306), “O avanço na sociedade de respeito às diferenças demonstra o caráter masculinizado desta modalidade, quanto mais a sociedade se constrói no respeito ao diferente, mais nítido fica a discrepância do aceite ao homossexual no futebol”.

Nas aulas de Educação Física, a homofobia deixa as suas marcas, pois quando os/as estudantes responderam a pergunta: “Qual dessas frases você já usou (ou já pensou em usar) para zoar com seus colegas ou xingá-lo nas aulas de Educação Física?” “Nenhuma” das frases foi a opção mais respondida pelos/as estudantes com 14 respostas, “Parece que é gay” e “Não tenho preconceito, tenho até amigos que são gays” 12 respostas cada, “Não tenho nada contra, mas...” com 11 respostas, “Que desperdício” com 8 respostas, “Tudo bem ser gay, mas não precisa ficar desmunhecando” com 7 respostas, “Ela virou homem” e “É falta de porrada” com 5 respostas cada, “É uma fase vai passar” e “É lésbica porque não conheceu o cara certo ainda” com 3 respostas cada e na opção de resposta “outro” mencionaram: “rir” e “é o fresco é” com 1 resposta cada, como podemos verificar no gráfico 16.

Gráfico 16. Frases ofensivas

Qual dessas frases você já usou (ou já pensou em usar) para zoar seus colegas ou xingá-lo nas aulas de educação física? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

44 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

A opção mais respondida foi "nenhuma" com 14 respostas, mas somando as outras respostas usadas para zombar ou xingar os/as colegas, ainda é significativa a quantidade de alternativas negativas escolhidas pelos/as estudantes e, ao somá-las, totalizam 68 respostas, sendo bem superior à quantidade da opção "nenhuma". Os seus comportamentos em utilizar frases homofóbicas como essas estão relacionados com a reprodução e manutenção da heteronormatividade, como afirma Bento (2011, p.554): "a produção de seres abjetos e poluentes (gays, lésbicas, travestis, transexuais, e todos os seres que fogem à norma de gênero) e a desumanização do humano são fundamentais para garantir a reprodução da heteronormatividade". Esse cenário ocorreu dentro da instituição escolar, nas aulas de Educação Física dessa escola e, para entender esse contexto, recorreremos a Bento (2011, p.555), que discorre:

[...] Para se compreenderem os motivos que fazem da escola um espaço destinado, fundamentalmente, a reproduzir os valores hegemônicos, é necessário sair desse espaço, ampliar nosso olhar para a própria forma como a sociedade produz as verdades sobre o que deve ser reproduzido, quais os comportamentos de gênero sancionados e por que outros são silenciados e invisibilizados, qual a sexualidade construída como "normal" e como gênero e sexualidade se articulam na reprodução social.

Para ocorrer a reprodução dos valores hegemônicos, tanto no campo esportivo como na escola, muitas pessoas utilizam vários artifícios e um deles é

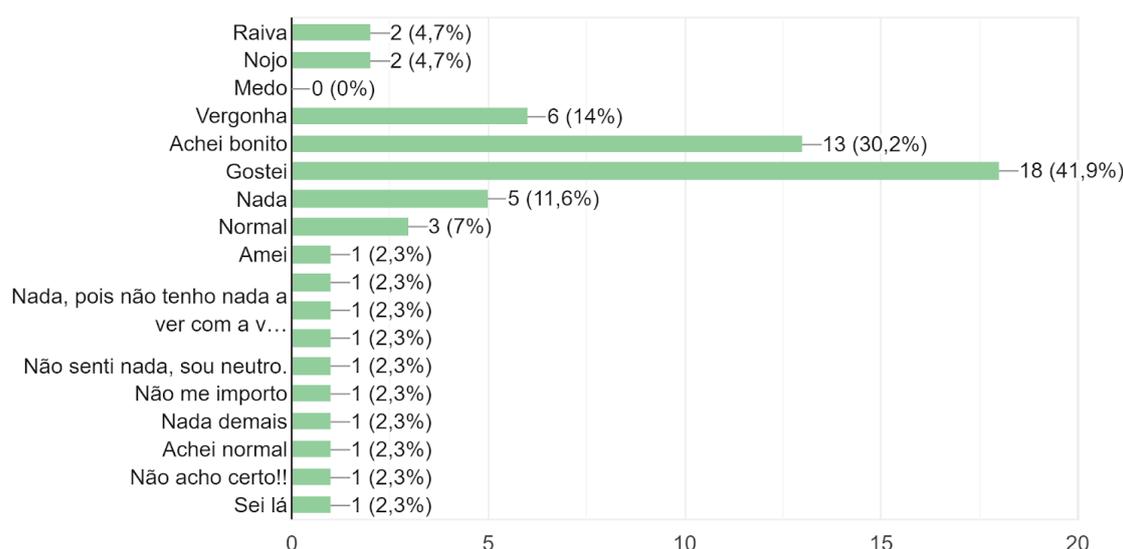
recorrerem a frases homofóbicas e às situações de constrangimento, visando silenciar e tornar invisível tudo aquilo que é compreendido como anormal e estranho.

Os/as estudantes responderam “gostei” (18 respostas) e “achei bonito” (13 respostas) às expressões de afetividade/carinho entre os meninos ou as meninas. Porém, alguns/mas responderam que sentiram “vergonha” (6 respostas), “raiva” (2 respostas) e “nojo” (2 respostas), como podemos verificar no gráfico 17.

Gráfico 17. Presenciar afetividade entre casais LGBTQI+

9. O que você sentiu quando viu as expressões de afetividade/carinho entre os meninos ou as meninas? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

43 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)

Elaboração própria.

A outra matéria que também aborda as questões relacionadas aos gêneros, sexualidades e homofobia, tendo como título “Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação”²⁷, discute o preconceito em relação ao homem dançar, especificamente o balé, apontando a figura do pai como o principal repressor e machista, pois ainda é considerada por muitas pessoas como uma atividade que é “coisa de mulherzinha”, como citado no texto. É mencionada a ausência das

²⁷ VECCHIO, Annalice Del. "Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação" Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/bailarinos-homens-ainda-sofrem-com-discriminacao-3ud7uixkiqsh3zs9ajwlninny/> Copyright © 2020, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados. **Gazeta do Povo**, [S. l.], 1 abr. 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/bailarinos-homens-ainda-sofrem-com-discriminacao-3ud7uixkiqsh3zs9ajwlninny/>. Acesso em: 1 out. 2019.

crianças devido à falta de apoio familiar, e por isso a presença dos homens nas escolas de dança ocorre quando já são rapazes, pois já possuem uma certa autonomia. Porém, é possível perceber que algumas mudanças vêm ocorrendo com a diminuição dos tabus e preconceito, como por exemplo, na Escola Teatro Bolshoi no Brasil há um número maior de homens frequentando, mas a maioria ainda é de mulheres. É importante ressaltar que, mesmo a matéria discutindo a discriminação sofrida pelos homens, ela traz termos, expressões e ideias preconceituosas em relação ao gênero masculino.

Essa reportagem foi apresentada inicialmente com um aluno dizendo que

[...] O balé é considerado uma dança de mulheres. Hoje em dia você vê mais mulheres praticando balé. Então, o nosso tema é sobre o balé e a discriminação dos homens. [...] hoje as pessoas têm essa discriminação, o machismo é grande demais, porque hoje em dia os homens só podem dançar dança de homem como hip hop, o brega funk.

Logo em seguida, uma aluna disse: “agora vamos demonstrar o bailarino homem sofrendo preconceito dentro do local”. A aluna começa a fazer os movimentos do balé e o aluno bailarino repete. Dois rapazes entram em cena e começam a xingar o aluno bailarino que estava fazendo a aula, chamando-o de “gayzão”, “mulherzinha”, “baitola”. A aluna começa a empurrá-los e manda os dois rapazes saírem, defendendo o aluno bailarino que estava na aula, que não reage aos insultos.

O aluno que começou o tema, inicialmente, voltou dizendo que a cena ocorrida foi machista, dando destaque ao xingamento baitola, mencionando ser muito comum entre eles. Apontou que homem pode dançar balé sim, trazendo dados da carta capital, que dizia:

numa pesquisa, 99 por cento das entrevistas foi percebido um pouco de machismo quando se falava sobre balé. Nós queremos ver, hoje em dia, mais respeito, homem pode fazer balé sim, homem pode rebolar sim. Tenham mais consciência disso, homem pode fazer tudo que ele quiser.

Os/as estudantes destacaram na encenação o machismo e as palavras “mulherzinha”, “baitola” e “gayzão” usadas como xingamentos, sendo “baitola” uma palavra bastante utilizada para provocar os meninos que, por qualquer razão, não apresentem ações e atitudes que correspondam ao padrão normatizador de masculinidade. De acordo com Assis e Saraiva (2013, p.318), “[...] muitos sofrem

constrangimento por serem bailarinos, pois a associação da dança com a homossexualidade é latente, inibindo o início da prática entre meninos”.

O aluno se posicionou representando o seu grupo e afirmou: “Nós queremos ver, hoje em dia, mais respeito, homem pode fazer balé sim, homem pode rebolar sim”. Esse preconceito ainda está bastante presente na própria escola em que se realizou a pesquisa, pois quando o conteúdo desenvolvido é qualquer tipo de dança, encontra-se muita resistência para os alunos participarem.

Assis e Saraiva (2013, p.318) mencionam que há um “pertencimento da dança ao feminino”. Essa vinculação, que faz parte do pensamento de muitas pessoas, dificulta a participação de vários alunos, tanto na escola, no que se refere à dança, como em outros espaços ou restringe o envolvimento com determinados tipos de danças, como comentou o aluno: “[...] porque hoje em dia os homens só podem dançar dança de homem como hip hop, o brega funk”.

A contradição é percebida quando o aluno menciona que “os homens só podem dançar dança de homem”, mostrando o quanto está enraizado no seu discurso que existem danças para determinado gênero e, no caso, para o masculino, o hip hop e brega funk. Para romper com o que está arraigado, modificando a postura e o discurso, são necessária algumas transformações que não ocorrem rapidamente.

Por exemplo, quando a apresentação ocorreu na outra turma que também participou da pesquisa, com a encenação da mesma reportagem, os/as estudantes estavam usando saias feitas de TNT e o aluno que representou o bailarino demonstrou constrangimento, mas não deixou de encenar (ver Figura 11). Foi possível perceber que o aluno queria participar, pois mesmo com vergonha, ele rompeu com o tabu e o preconceito, pois, de um modo geral, toda a turma estava bem envolvida.

Figura 11. Encenação sobre a discriminação no balé



Fonte: Acervo da autora

A apresentação dessa turma foi dividida em dois momentos, iniciando com as meninas dançando balé juntamente com um menino que demonstra dançar bem alegre. O garoto é retirado da dança por duas alunas que transpareceram ser a família dele. Todos saem de cena. O segundo momento aconteceu com as meninas dançando sem o rapaz e depois ele volta a compor o grupo. Não houve nenhuma fala na encenação.

A segunda parte da apresentação representa o ponto de vista do grupo, que os homens podem e devem dançar balé também. Os/as estudantes destacaram a influência da família interferindo negativamente na participação dos homens no balé. Silva (2007, apud ARAÚJO, 2017, p.40), realizou um estudo em que seis bailarinos responderam uma entrevista e apenas um declarou ter aceitação total da família, enquanto os demais não têm apoio e, em algumas situações, a família até insiste para que eles deixem o balé. Todos expressaram já ter sofrido alguma forma de preconceito e os amigos incentivam a continuar participando.

6.2. Transfobia no esporte: caso Tiffany

O texto jornalístico intitulado “A primeira transexual na Superliga feminina de vôlei, entre a ciência e o preconceito”²⁸ aborda a questão da primeira jogadora mulher transexual que disputa a Superliga feminina de vôlei, Tiffany Abreu. O debate ocorre em torno da jogadora ter vantagens em relação às outras, mas de acordo com a Federação Internacional de Voleibol (FIVB) e o Comitê Olímpico Internacional (COI) é permitida a participação de transexuais em competições oficiais. Para isso, as mulheres trans precisam comprovar um nível de testosterona abaixo de 10 nanomols por litro de sangue e Tiffany tem 0,2 nanomol. Porém, as discussões não se restringem às características biológicas, há também as manifestações de preconceito. A reportagem cita a ex-jogadora de vôlei Ana Paula, que se posiciona contra a participação de mulheres trans alegando estimular o surgimento de um mercado de atletas trans, em que “homens biológicos ocuparão o lugar de mulheres nos times”. A especialista em diversidade, Liliane Rocha, rejeita essa hipótese destacando que, antes de entrarem em quadra, é necessário lutar pela sobrevivência, pois, no Brasil, a expectativa de vida de pessoas trans é de 35 anos. O texto aponta ainda a passagem da jogadora por vários times e campeonatos no Brasil e no exterior, sendo aceita por algumas pessoas e por outras não, tendo que enfrentar o preconceito.

Para encenar essa reportagem os/as estudantes iniciaram tocando a bola de vôlei. Depois a torcida começou os insultos com a personagem Tiffany: “você nunca vai ser uma mulher de verdade”, “sai daí, teu lugar não é aí”, “travesti”, “você pode colocar ou tirar o que for, mas nunca vai ser mulher”.

A cada insulto, a personagem Tiffany foi se abaixando até chegar ao chão e pintava seus braços de tinta vermelha, enquanto era insultada. Depois dessa cena um aluno disse: “Vejo as reações negativas à presença da Tiffany muito mais como um reflexo de preconceito do que um levante pela igualdade no esporte. Se não jogar no feminino, o que ela vai fazer da vida?” (Ver Figuras 12 e 13).

²⁸ PIRES, Breiller. A primeira transexual na Superliga feminina de vôlei, entre a ciência e o preconceito. **EL PAÍS**, São Paulo, 28 jan. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/27/deportes/1517010172_234948.html. Acesso em: 2 out. 2019.

Figura 12. Encenação sobre transfobia no esporte



Fonte: Acervo da autora

Figura 13. Encenação sobre transfobia no esporte



Fonte: Acervo da autora

Depois, todo o grupo deram-se as mãos e a personagem Tiffany entrou no meio do círculo com a bandeira do arco íris que simboliza o movimento LGBTQI+. A

aluna falou: “Eu sou Tiffany Abreu, a primeira transexual na Superliga feminina de vôlei”. Para finalizar a apresentação todos disseram: “Não à transfobia”.

A aluna que fez a personagem Tiffany se posicionou dizendo:

Muitas pessoas criticam Tiffany de participar da Superliga de vôlei feminina ela sendo uma mulher trans, mas se ela não fizesse isso, o que ela iria fazer da vida? Ela se identifica como mulher, ela não pode jogar na liga masculina, até porque ela reduziu o nível de testosterona dela e ela está dentro das normas da COI.

Um aluno do grupo acrescentou que deveria haver punição para os torcedores que agridem transexuais e outros tipos de situação de homofobia. Os/as estudantes trouxeram, no primeiro momento da encenação, os insultos à personagem Tiffany na cena em que tocavam a bola. Camargo (2014, apud BRITO; PONTES, 2017, p.11) reitera essa cena afirmando:

Aponta a arena esportiva como uma das maiores instituições segregadoras de gênero nas sociedades complexo-moderno contemporâneas, e, em decorrência disso, a intolerância, tendo como base os discursos homofóbicos, fazem-se presentes de maneira naturalizada na manutenção de um status sexista.

Os espaços esportivos frequentados pela sociedade, assim como o esporte e suas regulamentações, ainda estão muito presos à ordem binária, tanto dos gêneros, como das sexualidades. Quando o aluno reproduz o conteúdo da reportagem na fala “Vejo as reações negativas à presença da Tiffany muito mais como um reflexo de preconceito do que um levante pela igualdade no esporte”, o grupo destaca a segregação sofrida pela atleta trans. Quando uma mulher trans rompe a ordem binária, mulher/homem, feminino/masculino, segundo Brito e Pontes (2017), nesse caso, a atleta pode ficar propensa a possíveis discursos de ódio no contexto das competições que participa, assim como encenado pelos/as estudantes. De acordo com Grespan e Goellner (2014, p.1278)

O esporte, assim como outras práticas sociais, é um local de disputa de saberes e poderes que definem e delimitam padrões de normalidade sobre a aparência dos corpos, o exercício da sexualidade e a experimentação das representações de gênero.

Quando esse saber e poder podem ser ameaçados através de questionamentos e ações que desestabilizam as normas que já possuem legitimidade, algo precisa ser feito para garantir a manutenção desse padrão, e a homofobia e a transfobia servem para isso. Foi satisfatório ouvir dos/as alunos/as em forma de coro: “Não à transfobia”, como eles/elas fizeram ao final da encenação.

Conforme Grespan e Goellner (2014, p. 1267), a transfobia é “[...] entendida como a aversão ou discriminação contra pessoas trans (transgêneros, transexuais e travestis)”. Ainda de acordo com as mesmas autoras, “[...] a homofobia e a transfobia são facilmente referidas em situações nas quais a linearidade corpo, gênero, sexo e desejo são desconstruídas, seja no campo do esporte, seja fora dele”, (GRESPLAN; GOELLNER, 2014, p. 1278 e 1279).

Por desconstruir a linearidade corpo, gênero, sexo e desejo, as pessoas transexuais são as que mais sofrem preconceito, o que não se restringem apenas ao esporte. Para os/as transexuais ingressarem no mercado de trabalho não é fácil, justamente pela discriminação e, quando conseguem, a intolerância, na maioria das situações, está presente. Para Butler (2014, apud BRITO; PONTES, 2017, p.8 e 9),

[...] as punições sociais daqueles e daquelas que não seguem as normas de gênero incluem, dentre outros exemplos, o assédio no trabalho, como as discriminações trabalhistas, regulando a produção e manutenção das normas em direção à heterossexualidade.

A discriminação no trabalho, para as pessoas que não seguem as normas de gênero, ocorre em todas as esferas, inclusive no esporte. Essa questão foi abordada na apresentação, no momento em que o grupo se posicionou em relação à reportagem, quando uma aluna comentou: “[...] muitas pessoas criticam Tiffany de participar da Superliga de vôlei feminina ela sendo uma mulher trans, mas se ela não fizesse isso o que ela iria fazer da vida?”

O grupo da outra turma com a mesma temática da reportagem não conseguiu organizar a encenação, mas discutiu o artigo e uma fala chamou bastante atenção. Vejamos:

As pessoas, trans no meio LGBT, são as que mais sofrem preconceito pelo fato de ter que transformar o seu corpo. A sociedade é a favor de um padrão heterossexual, exige muito até de héteros, as pessoas trans são as que mais morrem, a cada 48 horas morrem no Brasil. [...] as pessoas não sabem o que é se olhar no espelho e se odiar todos os dias. As pessoas têm que parar de ter preconceito. Ah! É sapatão... é além do que isso, entende!? [...] muitas pessoas transexuais cometem muito suicídio também por não se aceitar e saber que não vai ser aceito pelos familiares, porque os familiares vão olhar e dizer: você é uma menina, mas dentro dela aquilo não é uma menina, ela não é uma menina, e ela não é uma menina vestida de menino, ela é além do que isso, porque ela se vê além do que isso, temos que parar com esse preconceito de dizer que é uma mulher vestida de homem, homem vestido de mulher, isso é hétero no carnaval... é só fantasia, as pessoas transexuais precisam ser levada mais a sério.

A aluna aponta que os/as transexuais sofrem ainda mais preconceito devido às transformações ocorridas nos seus corpos, se afastando dos padrões heteronormativos impostos pela sociedade. Isso se confirma com Bento (2011, p.552), pois, segundo seu estudo,

Há um controle minucioso na produção da heterossexualidade. E, como as práticas sexuais se dão na esfera do privado, será através do gênero que se tentará controlar e produzir a heterossexualidade. Se meninos gostam de brincar de boneca ou meninas odeiam brincar de casinha, logo terá um olhar atento para alertar aos pais que seu/sua filho/a tem comportamentos “estranhos”. Daí o perigo que a transexualidade e a travestilidade representam para as normas de gênero, à medida que reivindicam o gênero em discordância com o corpo-sexuado.

Os transexuais e travestis querem um gênero que não corresponde com a linearidade sexo/gênero/desejo, e por romper com essa sequência, as mortes ocorrem com mais frequência. De acordo com Bento (2011, p.553), “[...] As mortes das travestis e transexuais se caracterizam pelo ritual de perversidade. Não basta um tiro, uma facada. Não basta matar uma vez. Mesmo diante do corpo moribundo, o assassino continua atirando e golpeando [...]”.

A tentativa de eliminar as pessoas que não se ajustam às normas sociais, bem como excluí-las do esporte, campo produtivo de vigilância às regras, é para conservar a hegemonia da heteronormatividade na nossa sociedade, dificultando o florescimento das múltiplas possibilidades de viver as sexualidades e escolher os gêneros com os quais se identificam.

6.3. Machismo no futebol

A reportagem “Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados”²⁹ aponta as diferenças e desigualdades entre o esporte feminino e o masculino, pois o que é possível para os homens deslumbrarem não está disponível para as mulheres e ainda menciona que o esporte feminino é marcado por

²⁹ OLGA. Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados. **UOL**, [S. l.], 14 jun. 2016. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/olga-esporte-clube/2016/06/14/abram-espaco-para-o-esporte-feminino-ou-entao-serao-atropelados.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.

dificuldades financeiras, falta de incentivo, assédio, repressão, medo, exclusão e preconceito. O texto destaca a falta de espaço na rotina das mulheres para atividade física devido aos afazeres da casa e o trabalho. A reportagem aborda várias questões. Em relação ao espaço na mídia não é diferente, pois comparado à quantidade de informações divulgada sobre o esporte masculino, praticamente não tem divulgações o esporte feminino. O espaço físico público é outro limite para a prática de esportes por mulheres e o assédio sexual causado pelos homens nesses espaços é mencionado como uma barreira. No esporte profissional, o investimento é baixo; quando comparado ao masculino, o futebol é um exemplo, desde valores de uma premiação a condições básicas para treinos e competições. A falta de divulgação do protagonismo das atletas dificulta a inspiração para novas gerações de meninas. É importante impulsionar o esporte feminino através de políticas públicas combatendo o sexismo e estimulando a prática esportiva feminina. Isso pode ser potencializado com campanhas de educação.

Dentro desse contexto sobre o esporte feminino, os/as estudantes trouxeram uma apresentação que enfatizou a falta de tempo das mulheres para praticarem esportes devido às tarefas domésticas, às condições precárias no esporte, ao machismo e ao assédio.

A encenação inicia com o aluno apresentando para a turma as três cenas que iriam realizar e que estavam relacionadas ao dia a dia. A primeira, disse o aluno:

Muitas mulheres não conseguem praticar esportes, pois para os homens, para a cultura machista da gente, as mulheres têm dificuldade de praticar os esportes porque ficam presas em casa, os homens acham que as mulheres devem ficar em casa fazendo as atividades domésticas. A segunda mostra o lado machista, que acontece dentro da própria casa, com os pais, com os irmãos. A terceira é a questão do assédio.

A encenação mostra a falta de valorização e apoio da mulher no esporte e em várias esferas, como na política e 6l

educacional. Os/as estudantes apresentaram, na primeira cena, uma situação que, devido às tarefas domésticas, a aluna não poderia comparecer aos treinos. Na segunda cena, o pai diz que a filha deve ficar em casa “lavando louças” e que “futebol é coisa para homem, não é para mulher”. Na terceira cena, a filha sai sem autorização do pai e, durante o percurso para o local que iria jogar futebol, é assediada. Com medo, a filha conta apenas para as amigas, mas não diz ao pai e também não denuncia.

Quando a apresentação terminou, o aluno entrou novamente e disse: “você mulheres não tenham medo de fazer o que vocês querem, porque vocês não podem ser presas a homem nenhum. Na verdade é a gente que precisa de vocês para viver e não é vocês que precisam da gente não”. Após o que ele disse, algumas alunas disseram: “Que lindo!”. Notamos que as alunas apoiaram o discurso do aluno que valoriza a mulher e não impõe qual comportamento deve ter.

A fala desse aluno é contrária à cena em que o pai diz que “futebol é coisa para homem, não é para mulher”. O posicionamento do pai é arcaico, pois há registros de colocações semelhantes em meados do século XX, conforme podemos verificar na afirmação de Ballaryni (1940, apud GOELLNER, 2005, p.148):

Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino.

Em relação a isso, Goellner (2005, p.148) diz que “diante de afirmações como estas não é de estranhar as razões pelas quais o futebol passou a ser visto (e, muitas vezes, ainda é) como prejudicial ao desenvolvimento do corpo e do comportamento femininos.”

Essa forma de pensar que o futebol é um esporte inadequado para mulheres, pois é violento e, assim sendo, não condiz com as características femininas, visto que traz influências negativas à progressão do futebol feminino. Essas crenças contribuem para a precariedade das condições dessa modalidade no Brasil. Essas questões foram mencionadas na encenação e o aluno que começou a apresentação disse, no início, que viu uma reportagem em que as mulheres não tinham nem sequer uma bola para jogar e que falta apoio para elas. Segundo Goellner (2005, p.148 e 149),

[...] ainda é precária a estruturação da modalidade no país pois são escassos os campeonatos, as contratações das atletas são efêmeras e, praticamente, inexistem políticas privadas e públicas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte, seja como participantes eventuais, seja como atletas de alto rendimento.

Além dessa realidade enfrentada pelas mulheres que desejam praticar o esporte ou se tornar atletas profissionais, elas ainda não são valorizadas e não possuem o lugar de destaque que merecem, como apontado pelos/as estudantes

que realizaram a outra encenação da mesma reportagem, como registrado na Figura 14.

Figura 14. Encenação sobre machismo no futebol



Fonte: Acervo da autora

A apresentação desse outro grupo trouxe falas semelhantes à mencionada anteriormente, mas, no momento do grupo se posicionar, acrescentaram que “as mulheres quase não aparecem na mídia e a visibilidade é pouca”.

Segundo Araújo (2019, p.162), as mulheres sempre foram excluídas no futebol através do argumento biológico, sendo que “essa constatação ganhou ainda mais força no campo midiático, que confere maior importância aos eventos e premiações dos homens em detrimento das grandes conquistas e participações femininas no futebol profissional”.

Diante de tudo apresentado e vivenciado pelos/as estudantes nessa oficina, eles/elas tiveram a oportunidade de aprender e socializar o conhecimento novo, relacionado as sexualidades, gêneros, homofobia e transfobia, fazendo correlação com as práticas corporais e as questões sociais, além de expressarem através das encenações e falas a sua compreensão, se aproximando da realidade.

Observou-se a dificuldade que o esporte tem em aceitar e incluir as pessoas que não são heterossexuais e que não correspondem ao sistema binário

homem/mulher, masculino/feminino. Por exemplo, nas reportagens notou-se os casos do jogador Richarlyson (que sofreu homofobia jogando pelo time do São Paulo, embora não tenha se assumido gay) e a polêmica da jogadora Tiffany Abreu, uma mulher trans, jogando na Superliga feminina de vôlei. Os textos jornalísticos também abordaram o preconceito com a mulher que pratica o futebol e o homem que deseja dançar. Ressalte-se, porém, que, em pleno século XXI, a sociedade ainda está presa em classificar as práticas corporais em femininas e masculinas.

Os/as estudantes trouxeram, nas encenações, a reprodução do preconceito devido aos gêneros e sexualidades, e alguns grupos se organizaram de modo mais compreensível e elaborado. Já outros, ainda de uma maneira confusa, quando foram utilizar algumas expressões e termos. Porém, mesmo diante disso, o posicionamento, através das encenações e das falas, revelaram que há muitos/as estudantes progressistas nessa escola, uma vez que as colocações foram significativas e relacionadas com o contexto em que vivem, se estendendo a toda sociedade.

7. AVALIANDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Avaliar o trabalho que foi desenvolvido ao longo das oficinas é muito importante, pois é a partir da avaliação que podemos observar se todo o processo de ensino-aprendizagem foi assimilado pelos/as estudantes. Nesse momento, de acordo com Gasparin (2012, p.143),

a Prática Social Final é a nova maneira de compreender a realidade e de posicionar-se nela, não apenas em relação ao fenômeno, mas à essência do real, do concreto. É a manifestação da nova postura prática, da nova atitude, nova visão do conteúdo no cotidiano. É ao mesmo tempo o momento da ação consciente, na perspectiva da transformação social, retornando à Prática Social Inicial, agora modificada pela aprendizagem.

Para avaliar a nova postura dos/as estudantes e suas ações conscientes visando a transformação social, essa oficina objetivou identificar se os momentos anteriores ampliaram o conhecimento em torno da homofobia, sexualidades e gêneros, bem como aferir se, através das oficinas pedagógicas, os/as alunos/as se sensibilizaram e pensam em assumir novas posturas diante do que foi discutido e avaliar os aspectos positivos e negativos das oficinas pedagógicas.

A oficina iniciou com um vídeo que trata da exclusão de uma menina, filha de dois pais.³⁰ Após a exibição do vídeo, os/as alunos/as puderam fazer alguns comentários. Em seguida, os/as estudantes receberam uma folha com uma pergunta e foram motivados a responderem: “a partir do que foi aprendido nas oficinas, quais transformações gostariam de ver na sociedade?” A folha foi devolvida e não houve discussão das respostas.

Após esse momento, foi realizada uma dinâmica utilizando balões. Cada aluno/a recebeu um balão e escreveu nele algo relacionado ao que descobriu com as oficinas pedagógicas, o que mais chamou atenção nas oficinas pedagógicas, ou que aprenderam. No decorrer da dinâmica, algumas perguntas foram realizadas, como o que você vai fazer depois do que você aprendeu? Houve algum momento marcante para você durante as oficinas?

Para finalizar, foi feita uma avaliação com os *emojis*. Os/as alunos/as escolheram entre os *emojis* que representam (bom, regular e ruim) para avaliarem

³⁰ Posteriormente, o vídeo mencionado será contextualizado.

TENER 2 padres no es tener una familia. Canal Sur Televisión - Espanha: Programa "Gente Maravillosa, 2018. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=80&v=fEmHBvO3QLk. Acesso em: 16 out. 2019.

as oficinas pedagógicas. Os três *emojis* estavam disponíveis numa mesa, onde os/as estudantes escolheram um de cada vez e depositaram numa caixa um único *emoji*³¹.

O primeiro momento na oficina se deu através do vídeo, um experimento real produzido pela TV espanhola, Canal Sur TV, em que uma menina (atriz) chega em uma escola de balé, com dois pais e é excluída por uma colega (atriz). Outra menina, que não é atriz, entra na cena e começa a defender a criança que tem os pais gays, com vários argumentos, como: “[...] não é problema teu que ela tenha dois pais, isso te importa?”, “[...] é uma família também”, “[...] não importa que ela tenha mãe e pai, eu também tenho. Não importa se ela tem um pai e outro pai, não importa”.

Em relação ao vídeo, os/as alunos/as comentaram que o comportamento da criança que defende a outra é muito importante, incrível e que deveria acontecer mais vezes assim. Uma aluna disse: “a menina tem uma ótima educação”, outra aluna falou: “o vídeo já fala por si”, e outro estudante acrescentou: “eu achei legal”.

Chamou a atenção um comentário de uma estudante: “eu queria saber se foi o pai dessa criança que ensinou isso a ela” - a aluna estava se referindo à maneira como a criança defendeu a outra. Um aluno respondeu: “na família dela tem uma criança com síndrome de Down, isso já é um diferencial na formação da criança, na forma como ela se comporta”.

Também é importante mencionar que, no momento que o vídeo passava, uma aluna disse: “professora, eu vou chorar”. Em outro momento, os/as alunos/as aplaudiram. Quando o vídeo terminou, a aluna que disse que iria chorar, falou: “eu estou toda arrepiada”. Diante dos comentários dos/as estudantes e da reação deles/as no momento de exibição do vídeo, observou-se que os/as alunos/as se sensibilizaram com as cenas e valorizaram o comportamento da criança defendendo a outra no momento da exclusão.

Após o vídeo, os/as alunos/as receberam uma folha para responderem com a seguinte pergunta: a partir do que foi aprendido nas oficinas, quais transformações gostariam de ver na sociedade? As respostas mais relevantes foram:

³¹ Para mais detalhes sobre a quinta oficina ver o planejamento no apêndice II.

- Gostaria de ver mudanças de pensamentos das pessoas preconceituosas. E mudança na forma de agir. Afinal aceitar e respeitar as diferenças é essencial.
- Mas respeito na sociedade, aceitar todos da maneira que eles são, sem racismo, e sem preconceito.
- Sei que é crime qualquer tipo de preconceito, acho que deveria ter penalidades maiores para tal coisa. A educação e o respeito *começa* dentro de casa e devemos ensinar aos *nosso* filhos a não julgar outra pessoa por ser diferente.
- Gostaria de ver menos preconceitos e igualdade das pessoas com as outras, gostaria de ver as pessoas LGBTs sendo realmente *livre* como elas tanto querem, liberdade.
- Acho que gostaria de ver a sociedade sem preconceito, sem racismo e sem machismo.
- Direito para todos sem racismo ou homofobia e etc.
- Quero ver na sociedade mesmo é respeito, porque sem o respeito o mundo seria cheio de *odio* e sem amor entre as pessoas. Também quero ver os direitos das mulheres porque ela tem liberdade para fazer o que elas quiserem sem ter um homem para deixala em casa trancada numa casa.
- Respeitar as pessoas com orientações sexuais diferente da sua. não agredir. amar as pessoas acima de tudo!!!
- Que o preconceito, o racismo, a homofobia não existissem, e não houvessem mortes pelo simples fato de pessoas ter a orientação sexual diferente uma das outras.
- [...] que os LGBT possam se sentir gente “normal” também e falar mais sobre o assunto até que se torne algo mais respeitado e menos julgado.
- Gostaria que as pessoas tivessem a mente mais aberta porque cara a gente da no século 21 a ideia de que homem só pode ficar com mulher é muito arcaica. Minha família a maioria são lésbicas ou gays e a maioria são coroas e eu vejo gente nova tendo a mente fechada enquanto as coroas tem a mente aberta ridículo isso. É queria também que tivessem mais respeito pela a opção sexual dos outros e pelas deficiências que as outras pessoas tem.
- Que todos [...] respeite a opinião dos outros, raça, cor, etnia e religião.
- Mais respeito com o próximo, que a mulher seja mais valorizada dentro da sociedade.
- [...] É que o Brasil não tenha título do país que mais mata pessoas LGBT e sim o país que abra as portas para eles. No geral. E que outros países também fosse assim. Por que precisamos de um mundo sem odio.
- 1. Que os pais das crianças parem de dizer que é feio dois homens se beijando. 2. As escolas cocietizem sobre o bullying. 3. Sair na rua com meu namorado sem ser xingado. 4. Que pessoas negras ganhem mais destaque mundialmente. 5. Que uma pessoa negra possa entrar em qualquer loja sem que os seguranças pensem que ele é um bandido. 6. Grupos de diversidades na escola. 7. Que as mulheres tem o mesmo direito que os homens. 8. Nosso mundo seja mais colorido!.
- [...] ninguém é obrigado a gostar de ninguém mas deveriam no mínimo respeitar e entender que não vivemos mais no mundo de antigamente onde negros eram escravos gays não podiam se assumir etc.
- Queria que mudasse os estilos das escolas, mostrar para todos os alunos que todos são iguais ninguém é diferente de ninguém. Os também deveria mudar, ensinar a seus filhos que não existe diferença, que não é porque uma pessoa tem uma sexualidade diferente da deles que eles são “bichos” ou “monstros”.

Observa-se que os posicionamentos dos/as estudantes estão direcionados principalmente em defesa do respeito e do desejo de diminuir e/ou acabar com o preconceito na sociedade, pois eles/elas mencionam que o nosso país é um dos que

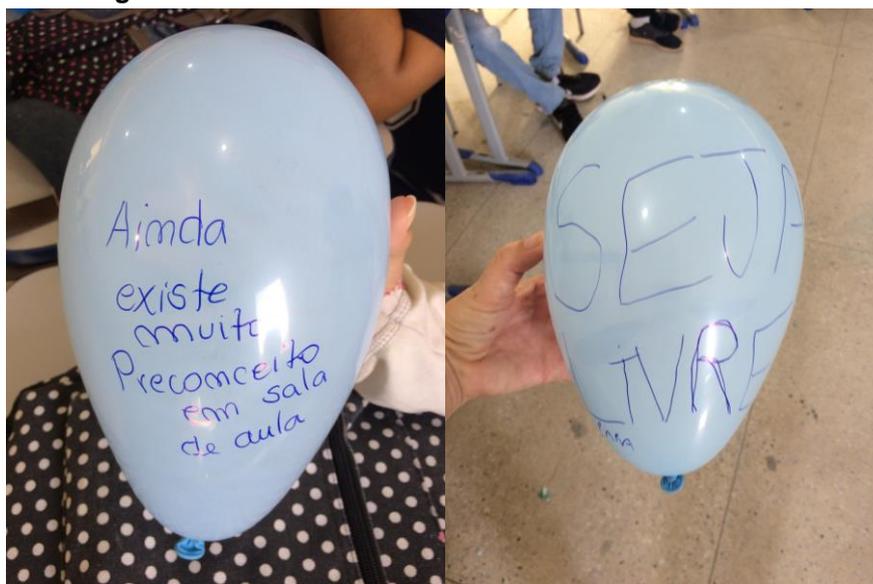
mais matam LGBTQI+, apontando ser crime, bem como a necessidade de penalidades maiores/severas. Os/as estudantes desejam uma sociedade sem homofobia, que os indivíduos preconceituosos mudem a forma de pensar, assim como a de agir e as pessoas LGBTQI+ sejam livres, como almejam.

A liberdade é um direito de todos, mas nem sempre é materializada e respeitada. Uma sociedade sem racismo, sem machismo, em que mulheres, negros, LGBTQI+ e pessoas com necessidades especiais sejam respeitadas e mais amadas, é o que desejam os/as estudantes e ainda apontam que “a educação e o respeito começa dentro de casa e devemos ensinar aos nossos filhos a não julgar outra pessoa por ser diferente”. Não somente a família é citada como instituição responsável pela educação dos/as estudantes, mas a escola também, fazendo perceber a importância de não silenciar sobre a temática e discuti-la para continuar, aos poucos, transformando os cenários.

Em outro momento, cada aluno/a recebeu um balão e escreveu nele, algo relacionado ao que, individualmente, descobriu nas oficinas pedagógicas, e o que mais chamou atenção e/ou as aprendizagens obtidas através das oficinas foram algumas frases (ver também Figuras 15 e 16):

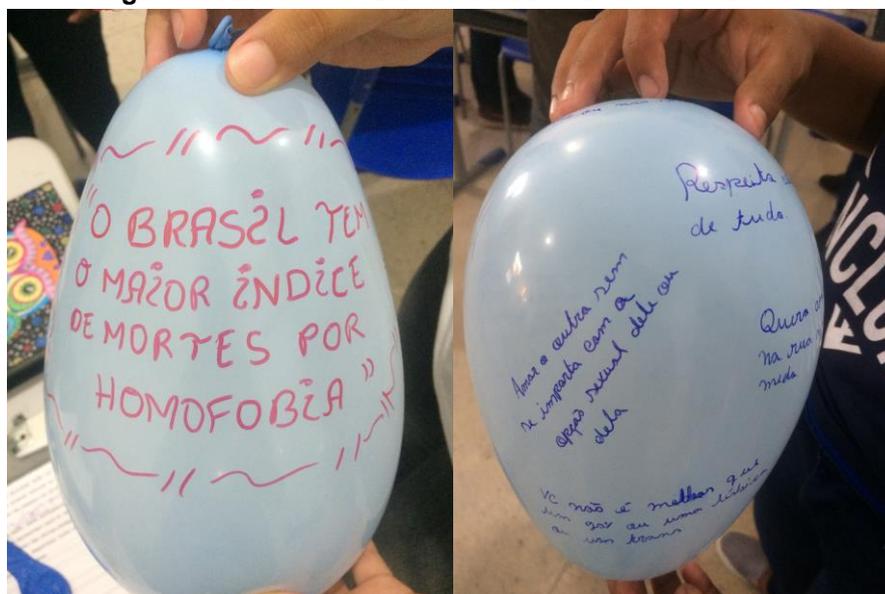
- LGBT também são gente, respeite o próximo.
- Que podemos mudar mais.
- Mais respeito.
- Dialogo.
- Que pessoas trans é mais do que a sociedade pode ver.
- Ainda existe muito preconceito em sala de aula.
- Que as meninas podem fazer as mesmas coisas que os meninos, independente do machismo.
- Que não importa a diferença, todos nós podemos fazer o que quiser.
- Que devemos amar o próximo, mesmo com as diferenças.
- Sabia que existia preconceito, mas não sabia que era tão grande ainda.
- Seja livre.
- Padrões foram feitos para serem quebrados.
- Ninguém nasce preconceituoso.
- Ninguém é perfeito pra ter preconceito.
- Descobri que não importa a sexualidade, sim o respeito.
- Aprender a ter respeito pelas pessoas.
- Aprendi a não esculachar o coleguinha na hora da aula.
- Aprendi a não chamar o amigo de veado porque é feio.
- Aprendi a compreender o coleguinha veado.
- Aprendi a aprimorar mais os meus conceitos.

Figura 15. Dinâmica “Balões inflados de novos saberes”



Fonte: Acervo da autora

Figura 16. Dinâmica “Balões inflados de novos saberes”



Fonte: Acervo da autora

As frases nos revelam que as oficinas pedagógicas ampliaram o conhecimento em relação à homofobia, sexualidades e gêneros, contribuindo para o surgimento de novas posturas, pois os/as estudantes ressaltaram a importância do respeito, amor e diálogo com o próximo, valorizando que as meninas podem fazer o que quiser, sem se prenderem ao machismo, presando, desse modo, pela liberdade de todos/as e enfatizando que as pessoas LGBTQI+ merecem ser respeitadas, amadas, vivendo sem as consequências e o sofrimento da homofobia.

Percebeu-se que uma pergunta do questionário trouxe dados que apontam uma diminuição do preconceito em relação a participação em atividades em que ocorrem contato corporal nas aulas de Educação Física com colegas homossexuais ou que aparentam ser homossexuais. A opção “sim, porque não tenho preconceito” foi escolhida por 29 participantes, enquanto “Sim, porque tanto faz” foi a opção de 9 estudantes, seguida de “não, porque as pessoas podem pensar que sou homossexual” escolhida por 5 participantes. Vejamos no gráfico 18:

Gráfico 18. Participar de aulas com colegas homossexuais

Você participaria de atividades que ocorra contato corporal nas aulas de Educação Física com colegas homossexuais (ou que aparentam ser homo...cepção)? (Escolha apenas uma das alternativas)
43 respostas



Fonte: Questionário (Apêndice 1)
Elaboração própria.

Para finalizar, os/as alunos/as escolheram entre os *emojis* que representam (bom, regular e ruim) para avaliar o que acharam de todo o processo das oficinas pedagógicas. Os/as alunos/as que estavam presentes no dia escolheram 46 *emojis* *bom*, 6 *regular* e nenhuma referência ao *ruim*.

Os/as estudantes avaliaram positivamente as oficinas pedagógicas, apesar de ter havido resistência de alguns/mas alunos/as em vários momentos em participarem das atividades propostas. É válido salientar a consciência de que as mudanças acontecem de forma gradual, bem como a possibilidade de não se ter sensibilizado todos/as os/as participantes da pesquisa, porém todo o processo foi muito significativo para a maioria dos envolvidos.

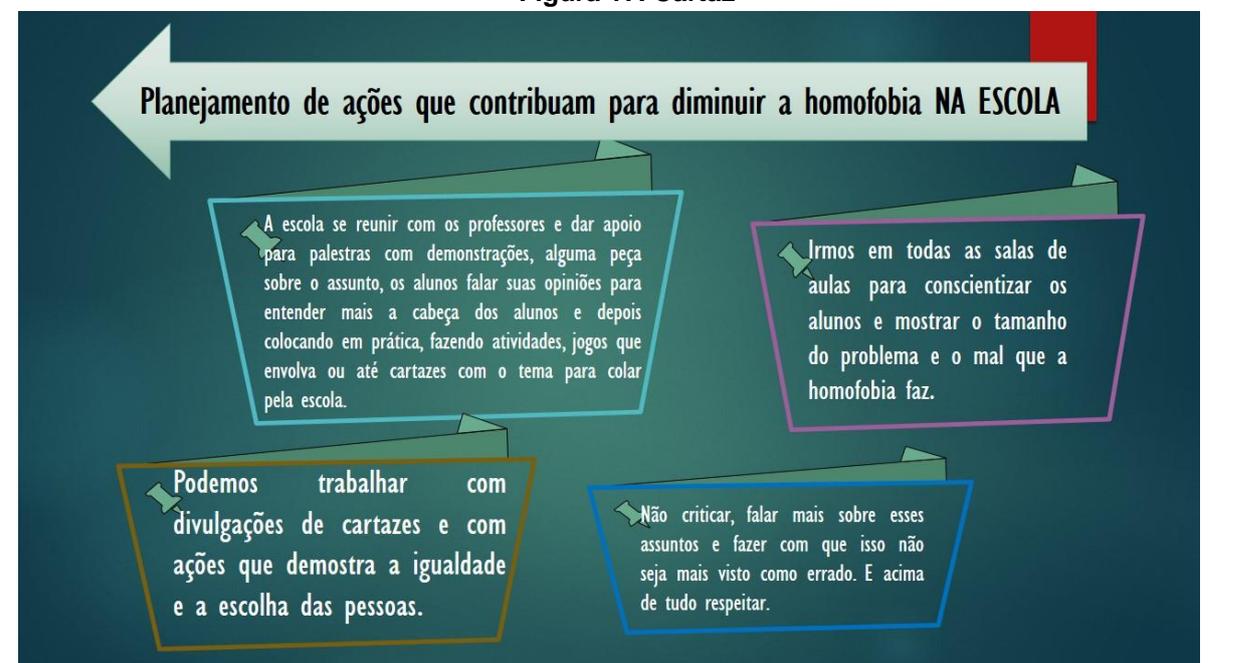
Apesar disso, os estudantes foram convidados a pensarem estratégias e ações para serem apresentadas e desenvolvidas nas aulas de Educação Física e na

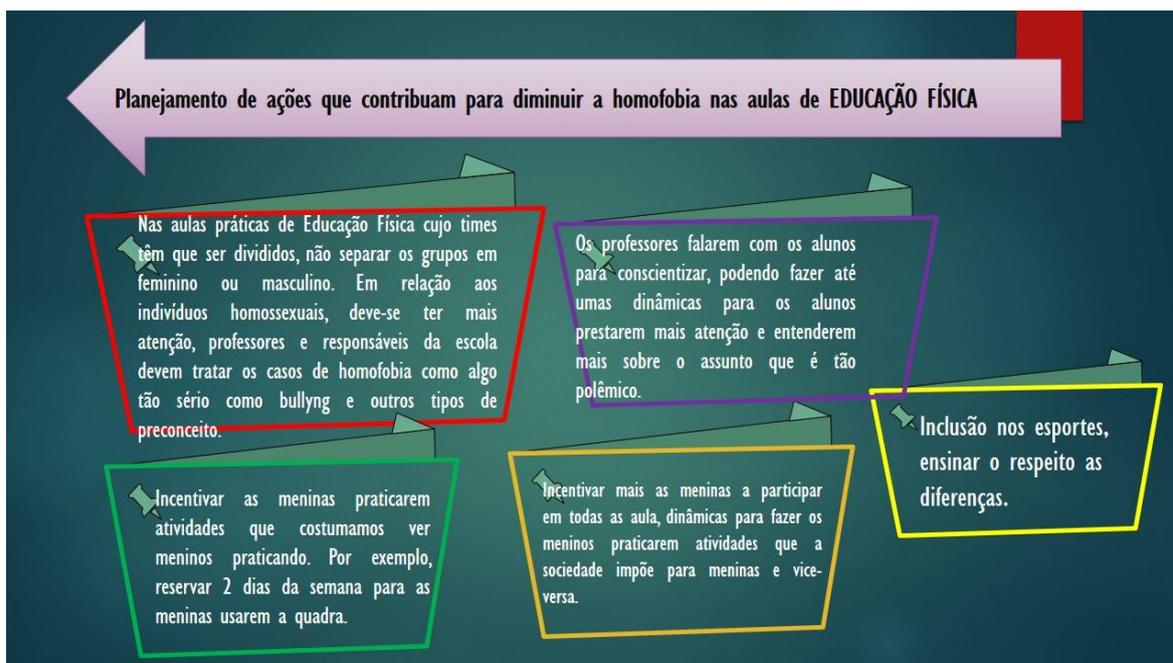
instituição com o intuito de sensibilizar a comunidade escolar acerca da igualdade dos gêneros, do respeito às múltiplas manifestações de sexualidade e, com isso, combater a homofobia. No tópico seguinte, está exposto o resultado, sistematizado, desse planejamento coletivo.

7.1. Resignificando as práticas

Como expressão do conhecimento adquirido, foi construído e, posteriormente, sistematizado em cartaz (Figura 17) uma série de ações que podem contribuir para diminuir a homofobia nas aulas de Educação Física.

Figura 17. Cartaz





Fonte: Elaboração própria

Como se pôde ver, as ações e estratégias pensadas pelos estudantes estão alinhadas com todos os aspectos desenvolvidos e aprofundados durante as oficinas pedagógicas. Alguns desses apontamentos chamaram a atenção, como professores preparados para lidarem com as temáticas; gestão da escola se envolver nessas discussões e a presença da família nesses momentos. Com isso, entendeu-se que há uma carência muito forte por parte deles/as, envolvendo esses atores e, além disso, há uma necessidade latente nesse aspecto.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa nos possibilitou conhecer e analisar como se dá a homofobia nas aulas de Educação Física do ensino fundamental e apontar algumas formas de intervenção pedagógica no combate à discriminação, bem como analisar as concepções dos/as alunos/as relacionadas aos gêneros e às sexualidades; identificar e descrever como ocorre a homofobia nas aulas de Educação Física e ainda desenvolver uma proposta de intervenção para discutir os gêneros, as sexualidades e a homofobia nas aulas de Educação Física.

Identificou-se, por meio das oficinas pedagógicas e do questionário, que a homofobia ocorre através de “brincadeiras” que, para os/as estudantes, são simplesmente “brincadeiras”, mas que são carregadas de preconceitos. Observou-se, no questionário, as frases como “parece que é gay” e “que desperdício” são usadas frequentemente no cotidiano das aulas de Educação Física, insinuando que ser gay ou viver a sexualidade de maneira diferente da convencional é algo negativo. Além disso, tanto as oficinas como o questionário nos revelaram que alguns/mas alunos/as fazem piada e xingam os/as colegas usando palavras como “veado”, “gay”, “fresco”, “lésbica” e “sapatão” na intenção de ofendê-los/as.

A ofensa é um tipo de violência verbal, e como se aferiu, 72,7% dos/as estudantes já presenciaram algum tipo de violência física, verbal e/ou psicológica contra alunos/as, apenas por sua orientação sexual ou por aparentarem ser homossexuais, segundo suas percepções. Percebeu-se que a homofobia se revela também através da violência física como “murro”, “empurrão” e “chute” e de acordo com os relatos dos/as estudantes, “começa com as piadas na escola e termina em briga e violência fora da escola”.

Outra forma de exteriorização da homofobia foi notada através do questionamento relacionado à participação em atividades das aulas de Educação Física, nas quais ocorre contato corporal com colegas homossexuais ou que assim são julgados. Alguns estudantes afirmaram que não participariam, pois as pessoas podem considerá-los homossexuais. Diante desse cenário, a homofobia acontece

por meio da violência física e verbal e através da segregação por parte de alguns estudantes.

É importante analisar as concepções dos/as alunos/as relacionadas aos gêneros e às sexualidades, uma vez que essas opiniões levam a determinados comportamentos dos/as discentes. Outra questão que pode ter influenciado/contribuído nos resultados da pesquisa, e que foi considerada relevante destacar, é a quantidade significativa de estudantes (20,5%) que assumem a bissexualidade e homossexualidade como orientação sexual, ainda que predomine a heterossexualidade entre eles/elas no universo total, esse número é importante.

Observou-se ainda que a maioria dos/as estudantes entendem que os meninos não devem ser separados das meninas nas aulas de Educação Física, embora essa não seja a opinião de todos, pois alguns/mas acreditam que deveriam separar os sujeitos por gênero. Semelhante a esse posicionamento, em relação às aulas de Educação Física ter conteúdos específicos/diferentes para meninos e meninas, a maioria dos/as alunos/as discordam, apesar de outros concordarem. Além disso, a maioria deles/delas expressou-se nos momentos de diálogos que todas as tarefas domésticas devem ser realizadas por ambos os gêneros, assim como todas as práticas corporais. No entanto, eles/elas contradizem o discurso falado com o escrito, pois no questionário apontaram como práticas corporais adequadas para meninas, principalmente a queimada e as danças, e para os meninos, o futebol/futsal e as lutas.

De acordo com as falas dos/as estudantes, a maioria das famílias ainda acredita e defende a divisão social dos gêneros. Tanto para essas famílias como para alguns/mas alunos/as, a representação da mulher e do homem que existe na sociedade, ou seja, a menina/mulher frágil, sensível e delicada e o menino/homem forte e viril ainda está presente nas atitudes e no pensamento dessas pessoas.

Houve observação quanto às concepções dos/as estudantes em relação às sexualidades associadas aos gêneros, pois no exemplo de uma aluna, ela disse que seu pai acha que se ela der uma boneca para um menino, ela está influenciando-o a ser gay. Para o homem, a sexualidade precisa ser mostrada, pois desde a infância, as características de macho (viril e forte) precisam ser apresentadas para a sociedade, e como apontou um aluno, esta começa a exigir dos homens um comportamento machista logo que nascem e quando se revelam homossexuais sofrem preconceito, como foi apresentado nos dados de outros estudos.

Os/as estudantes compreendem as sexualidades como fator determinante do lugar que as pessoas devem ocupar na sociedade e qual postura devem ter quanto às sexualidades. Isso pôde ser notado no jogo da trilha, pois a orientação sexual de um colega induziu o outro a querer que ele ficasse em uma casa específica, assumindo uma determinada postura. Também se observou que, de acordo com o questionário, alguns/mas alunos/as não participariam de atividades com contato corporal nas aulas de Educação Física com colegas homossexuais ou que aparentassem ser, segundo estereótipos, pois acreditavam que as pessoas poderiam pensar que seriam homossexuais.

Percebeu-se que os/as alunos/as conseguem identificar quais instituições impõem a heterossexualidade como a forma correta de manifestação da sexualidade. Eles/as também têm a percepção de que a relação homoafetiva é vista, por alguns, como negativa, pois relatam, no questionário, sentir nojo, raiva e vergonha quando presenciam expressões de afetividade entre meninos e meninas.

A maioria dos/as estudantes entende que, independente da orientação sexual, todos/as têm direito de manifestar e viver sua sexualidade da forma que desejar, sendo respeitados, pois têm os mesmos direitos.

A proposta de intervenção para discutir os gêneros, as sexualidades e a homofobia nas aulas de Educação Física aconteceu através das oficinas pedagógicas, que buscaram conhecer a realidade dos/as alunos/as; identificar seus conhecimentos prévios sobre gêneros e sexualidades; fazer um levantamento do que eles/as desejavam saber sobre a temática; problematizar essas questões; aprofundar por meio dos conceitos; possibilitar a sistematização e manifestação do conhecimento assimilado por eles/elas; bem como perceber uma nova postura diante da realidade, embora se saiba que isso é algo que acontece gradualmente com o passar do tempo.

É importante se mencionar as dificuldades encontradas para a realização desse estudo. Uma delas foi os/as responsáveis pelos/as estudantes menores de idade não autorizarem a participação deles/as na pesquisa, mesmo sendo o desejo dos estudantes cooperarem. Acredita-se que isso ocorreu devido à temática, assim como a negação também por parte de alguns/mas alunos/as.

Outro obstáculo foi o tempo disponível para a aplicação da pesquisa, pois só tínhamos basicamente uma hora, já que as aulas eram após o intervalo e quando se aproximava das 11h ou 17h, os/as estudantes já ficavam ansiosos para irem

embora. Outra dificuldade foi realizar as oficinas pedagógicas e ao mesmo tempo observar e registrar as informações mais relevantes nas turmas com a participação média de 30 alunos/as, pois a quantidade de manifestações durante as oficinas eram muitas, inclusive em virtude da temática, assim como também não foi fácil elaborar os relatórios que serviram de base para análise de dados, ainda com a gravação das oficinas, pois em muitos momentos vários/as alunos/as falavam ao mesmo tempo.

Fazer os ajustes de planejamento, elaborar os relatórios para não perder a riqueza dos detalhes e preparar todo o material necessário para a oficina seguinte foi algo bastante desafiador para ser realizado durante a mesma semana.

Por fim, houve dificuldade em elaborar o planejamento das oficinas pedagógicas, pois não se conseguiu nenhum roteiro pré-determinado ou nenhuma proposta já elaborada. Respaldou-se na experiência da professora, além da bibliografia e método, orientandos pelos objetivos de cada oficina, buscando-se, dessa maneira, trazer dinâmicas, imagens, textos, vídeos e práticas corporais que contribuíssem para atender os objetivos das oficinas e, conseqüentemente, os objetivos da pesquisa.

A partir dessa experiência, foi observado que se podem explorar, no campo da escola, outras dimensões que aqui não foram abordadas, como envolver a gestão para docentes e funcionários da escola, proporcionando momentos de formação sobre a temática discutida, assim como aplicar e avaliar as propostas de intervenções sugeridas pelos/as estudantes participantes desse estudo para diminuir a homofobia na escola e nas aulas de Educação Física.

As oficinas pedagógicas são um produto desse estudo pensado pela pesquisadora e os/as estudantes também apresentaram propostas para minimizarem a homofobia no espaço educacional, considerado também como produto, bem como a própria dissertação, pois se entende como produto da pesquisa. Chamou atenção o destaque que os/as alunos/as deram para a necessidade de a escola e os/as professores/as abordarem esse tema nas aulas, afim de contrapor o senso comum, além de dialogar também com as famílias.

A pesquisa trouxe muitas contribuições para a escola, para a pesquisadora, sobretudo para a Educação Física. Discutir na escola com os/as estudantes essa temática, indo na contramão do senso comum, tornou a escola, especialmente a sala de aula, ambientes mais acolhedores, harmoniosos e respeitosos, pois o

diálogo foi estabelecido e os estudantes ampliaram os seus conhecimentos sobre os gêneros, as sexualidades e homofobia, podendo multiplicar as discussões realizadas nas oficinas pedagógicas em diferentes espaços sociais.

As questões relacionadas aos gêneros e às sexualidades são muito presentes na Educação Física, sendo indispensável a problematização nas aulas para minimizar a homofobia que acontece, frequentemente, em algumas escolas. Ficou bastante nítida a compreensão dos/as estudantes de que as brincadeiras constrangedoras relacionadas às sexualidades e aos gêneros, na verdade, são situações homofóbicas. Além disso, espera-se que esse estudo provoque e estimule ainda mais outros/as pesquisadores/as da área a realizarem estudos na Educação Física Escolar.

Esse estudo também trouxe contribuições para a pesquisadora, pois, ao presenciar cenas de homofobia nas aulas de Educação Física, a intervenção se restringia apenas a pedir respeito entre os/as estudantes. Porém, percebeu-se que as mesmas cenas se repetiam, surgindo então a necessidade de problematizar e dialogar com eles/elas de forma direta sobre os gêneros, sexualidades e homofobia. Foi muito importante possibilitar momentos de desconstrução do senso comum e o aprofundamento de conceitos, elevando os/as estudantes a um nível de conhecimento mais profundo. “Enquanto pesquisadora, sinto-me motivada a expandir essa experiência com outras turmas de Educação Física, inclusive no Ensino Médio, bem como contribuir com as discussões sobre a homofobia na escola.” (Grifos nossos).

Portanto, observa-se que, embora ainda existam vários estudantes com comportamento homofóbico nas turmas investigadas, a maioria dos/as alunos/as se expressou de forma progressista, pois suas falas defendem a liberdade de expressão e o respeito, independentemente de qualquer coisa, os quais são sinais de mudanças na sociedade, pois acolheram a oportunidade de discutir questões tão importantes que, muitas vezes, são invisíveis e indiscutíveis. Mesmo diante desses vestígios positivos, deseja-se continuar ampliando essa experiência, pois se compreende que apenas se começou o debate e ainda se pode colaborar de diversas formas para a construção de uma sociedade melhor, mais justa e igualitária para todos/as.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. GÊNERO NA PRÁTICA DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA: “MENINAS NÃO GOSTAM DE SUAR, MENINOS SÃO HABILIDOSOS AO JOGAR”? **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000200012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 14 maio 2019.

ASSIS, Marília Del Ponte de; SARAIVA, Maria do Carmo. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 303-323, 2013. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29077/25265>. Acesso em: 31 jan. 2020.

ARAÚJO, Allyson Carvalho de. DESEJO, ESPORTE E DISTINÇÃO: ENTRE MARCADORES CULTURAIS E BIOLÓGICOS NA REPRESENTAÇÃO DE CARTÃO VERMELHO. In: PEREIRA, Erik Giuseppe Barbosa; SILVA, Alan Camargo. **Educação Física, Esporte e Queer: sexualidades em movimento**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. p. 153-170.

ARAÚJO, Lucas Henrique Lima de. **O homem na dança: entre a análise histórica e a análise dos princípios corporais do ballet clássico**. Orientador: Flavio Soares Alves. 2017. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado - Educação Física) - Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/156404>. Acesso em: 15 jan. 2020.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.19, n. 2, p. 548-559, maio/agosto, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2011000200016>. Acesso em: 10 jan. 2018.

BEHMOIRAS, Daniel Cantanhede. **EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: AS PRINCIPAIS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES COM O POSITIVISMO, A FENOMENOLOGIA E O MARXISMO**. [S. l.: s. n.], 2005. 31 p.

BERNADO, Elisângela da Silva. ORGANIZAÇÃO DE TURMAS: UMA PRÁTICA DE GESTÃO ESCOLAR EM BUSCA DE UMA ESCOLA EFICAZ. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, [s. l.], v. 10, n. 21, p. 154-181, 2013. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/viewArticle/634>. Acesso em: 2 mar. 2020.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE DIRETRIZES PEDAGÓGICAS. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [S. l.], 2002. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>. Acesso em: 25 jul. 2019.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016. 496 p.

BRITO, Leandro Teofilo de; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/issue/view/514>. Acesso em: 9 out. 2019.

BRITO, Leandro Teofilo de; PONTES, Vanessa Silva. “TIFANNY ABREU IS STILL ONE OF THE GUYS” - UMA DISCUSSÃO SOBRE TRANSGENERIDADE NO ESPAÇO DO VOLEIBOL. In: XIX CONBRACE e VI CONICE - TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA: SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2015. Vitória. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/6922/3651>. Acesso em: 11 fev. 2020.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Faculdade de Educação/UFRGS, v. 21, n. 1, p.71-96, jan./jun. 1996.

CESÁRIO, Marilene; REALI, Aline Maria de Medeiros Rodrigues. O professor de educação física na escola: os saberes para o ensino. **Filosofia e Educação**, [S. l.], n. 2, p. 344-358, 1 mar. 2011.

CORNWALL, Andrea; JOLLY, Susie. **Questões de sexualidade: ensaios transculturais**. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

COSTA, Ângelo Brandelli; NARDI, Henrique Caetano. Homofobia e Preconceito contra Diversidade Sexual: Debate Conceitual. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 715-726, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751492015>. Acesso em: 17 fev. 2020.

SOARES, Carmen Lúcia et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In: ROMERO, E. (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.

DARIDO, Suraya Cristina. **Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [Edutec], 2018. Trata-se do texto 2 da disciplina 1 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 22 abr. 2018.

DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Assembleia Geral das Nações Unidas em Paris**. 10 dez. 1948. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>. Acesso em: 26 jun. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 1.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

GRESPLAN, Carla Lisboa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fallon fox: um corpo queer no octógono. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1265-1282, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/46216>. Acesso em: 17 jan. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>. Acesso em: 3 fev. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes ; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GOELLNER, Silvana Vilodre. CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: EDUCANDO PARA A DIVERSIDADE. *In*: AMAURI, Aparecido Bássoli de Oliveira; PERIM, Gianna Lepre. **Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática**. Maringá: Eduem, 2009. p. 73-88.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Introdução - Homofobia nas Escolas: um problema de todos. *In*: JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação:**

problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC, UNESCO, 2009. p. 13-51.

LAVOURA, Tiago Nicola; MARTINS, Lígia Márcia. A dialética do ensino e da aprendizagem na atividade pedagógica histórico-crítica. **Interface**, [s. l.], v. 21, p. 531-41, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v21n62/1807-5762-icse-1807-576220160917.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2019.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. *In*: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio.** Brasília: EdUnB, 2009.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Débora. Qual a diversidade sexual dos livros didáticos brasileiros? *In*: LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. **Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio.** Brasília: EdUnB, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade - O "normal", o "diferente" e o "excêntrico". *In*: LOURO, Guacira Lopes ; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer.** 3. ed. rev. e aum. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes ; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 28 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2009.

PAULO NETTO, José. **Introdução ao estudo do método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

OLIVEIRA, Xênia Ferreira de; GODOI, Marcos Roberto; SANTOS, Luciene Neves. A OPINIÃO DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE E A HOMOFOBIA NA ESCOLA. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-13, out. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/31368>. Acesso em: 03 set. 2018

RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto Político Pedagógico: Uma proposta para formação de um novo cidadão.** Extremoz, 2008.

RIOS, Roger Raupp. PARA UM DIREITO DEMOCRÁTICO DA SEXUALIDADE. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200004. Acesso em: 12 jul. 2019.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. Campinas, SP: Autores associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, [S. l.], ano XIX, n. 48, p. 52-68, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acesso em: 7 out. 2019.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de. **Educação Física escolar e a questão de gênero**. São Paulo: AVA Moodle Unesp [EduTec], 2018. Trata-se do texto 6 da disciplina 1 do curso Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF). Acesso restrito. Disponível em: <https://edutec.unesp.br/moodle/>. Acesso em: 28 abr. 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

9. APÊNDICES

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO

Este questionário faz parte da minha pesquisa de dissertação do Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional pelo polo UnB, que tem como título: ENTRE JOVENS INVISÍVEIS E CORPOS SILENCIADOS: MANIFESTAÇÕES DAS SEXUALIDADES E A HOMOFOBIA (DES)VELADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA, sob orientação do professor Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo. Conto com a sua ajuda respondendo as questões. Se alguma questão te incomodar você poderá optar em não respondê-la.

INFORMAÇÕES PESSOAIS

Qual seu gênero?	<input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/> Feminino <input type="checkbox"/> Não binário <input type="checkbox"/> Outro: _____	
Qual sua orientação sexual?	<input type="checkbox"/> Heterossexual <input type="checkbox"/> Homossexual <input type="checkbox"/> Bissexual <input type="checkbox"/> Outro: _____	
Qual a sua idade?	<input type="checkbox"/> 14 <input type="checkbox"/> 15 <input type="checkbox"/> 16 <input type="checkbox"/> 17 <input type="checkbox"/> 18 <input type="checkbox"/> 19 <input type="checkbox"/> 20 <input type="checkbox"/> 21 <input type="checkbox"/> 22 <input type="checkbox"/> 23 <input type="checkbox"/> 24 <input type="checkbox"/> 25	
Qual sua série/ano escolar?	<input type="checkbox"/> 9ºB Vespertino <input type="checkbox"/> 9ºB Matutino	
Como você se declara?	<input type="checkbox"/> Branco/a <input type="checkbox"/> Pardo/a <input type="checkbox"/> Negro/a <input type="checkbox"/> Indígena <input type="checkbox"/> Amarelo	
Onde você reside?	<input type="checkbox"/> Araçá <input type="checkbox"/> Barra do Rio <input type="checkbox"/> Capim <input type="checkbox"/> Campinas do Vale do Rio <input type="checkbox"/> Centro <input type="checkbox"/> Conjunto Alto Extremoz <input type="checkbox"/> Conjunto Estrela do Mar <input type="checkbox"/> Contenda <input type="checkbox"/> Comum <input type="checkbox"/> Estivas <input type="checkbox"/> Grutas <input type="checkbox"/> Jardim Extremoz	<input type="checkbox"/> Loteamento El Shaday <input type="checkbox"/> Moinho <input type="checkbox"/> Pedrinhas <input type="checkbox"/> Praia de Pitanguí <input type="checkbox"/> Praia Genipabu <input type="checkbox"/> Praia de Santa Rita <input type="checkbox"/> Praia de Graçandu <input type="checkbox"/> Redinha <input type="checkbox"/> Redinha Nova <input type="checkbox"/> Sítio Santa Clara <input type="checkbox"/> Vila de Fátima <input type="checkbox"/> Zona Rural Outro: _____
Com quem você mora?	<input type="checkbox"/> Pai e mãe <input type="checkbox"/> Mães <input type="checkbox"/> Pais <input type="checkbox"/> Mãe <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Avós <input type="checkbox"/> Tios/as <input type="checkbox"/> Irmãos <input type="checkbox"/> Cônjuge <input type="checkbox"/> Outros	

Quantas pessoas moram na sua casa?	<input type="checkbox"/> Uma <input type="checkbox"/> duas <input type="checkbox"/> três <input type="checkbox"/> Quatro <input type="checkbox"/> Cinco <input type="checkbox"/> seis <input type="checkbox"/> sete a dez <input type="checkbox"/> dez a quinze <input type="checkbox"/> Mais de quinze
A casa onde você mora é?	<input type="checkbox"/> Própria <input type="checkbox"/> Alugada <input type="checkbox"/> Cedida <input type="checkbox"/> outra
Qual o transporte que você tem em casa?	<input type="checkbox"/> Nenhum <input type="checkbox"/> Moto <input type="checkbox"/> Carro <input type="checkbox"/> Bicicleta <input type="checkbox"/> Outro_____
Você já trabalha?	<input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Com o que você trabalha?	
Qual a sua remuneração mensal?	
Somando a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? (Marque apenas uma resposta)	<input type="checkbox"/> Nenhuma renda. <input type="checkbox"/> Menos de 1 salário mínimo (até R\$ 998,00). <input type="checkbox"/> De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 998,00 até R\$ 1.996,00). <input type="checkbox"/> De 3 a 4 salários mínimos (de R\$ 2.994,00 até R\$ 3.992,00). <input type="checkbox"/> De 5 a 7 salários mínimos (de 4.990,00 até 6.986,00). <input type="checkbox"/> De 8 a 10 salários mínimos (de 7.984,00 até 9.920,00) <input type="checkbox"/> Mais de 10 salários mínimos (acima de 9.920,00) <input type="checkbox"/> Não sei
Qual o grau de escolaridade da sua mãe?	<input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1º grau) completo <input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1º grau) incompleto <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) completo <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo <input type="checkbox"/> Superior incompleto <input type="checkbox"/> Pós-graduação <input type="checkbox"/> Sem escolaridade
Qual o grau de escolaridade do seu pai?	<input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1º grau) completo <input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1º grau) incompleto <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) completo <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo <input type="checkbox"/> Superior incompleto <input type="checkbox"/> Pós-graduação <input type="checkbox"/> Sem escolaridade
Qual o grau de escolaridade do seu responsável?	<input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1º grau) completo <input type="checkbox"/> Ensino fundamental (1º grau) incompleto <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) completo <input type="checkbox"/> Ensino médio (2º grau) incompleto <input type="checkbox"/> Superior completo <input type="checkbox"/> Superior incompleto

- Pós-graduação
 Sem escolaridade

1) Na sua opinião, qual a finalidade da Educação Física na escola? (*Escolha apenas uma das alternativas*)

- Contribuir para a promoção da saúde, visando um estilo de vida saudável e ativo;
- Melhorar a aprendizagem e aperfeiçoamento motor, pela interação entre o aumento da variação e complexidade dos movimentos
- Desenvolver o esquema corporal (Coordenação Dinâmica Geral; Coordenação Viso-Motora; Motricidade Fina; Estruturação Espaço-tempo; Lateralidade; Equilíbrio; Ritmo; Tônus Muscular);
- Apreender acerca das manifestações da cultura corporal (Esporte, Jogos e brincadeiras, Lutas, ginástica, dança etc.), para assim, compreender criticamente o mundo;
- Melhorar meu condicionamento físico (aptidão física);
- Aprender pelo movimento, pelo jogo e pelo brincar: sentir (afetivo), pensar (cognitivo), no agir (motor), educando o corpo por inteiro (integral);
- Contribuir para a minha emancipação como estudante no processo de libertação e crítica da sociedade (para além da alienação).

2) Você acha que nas aulas de Educação Física os meninos deveriam ser separados das meninas? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

- Sim, porque meninos e meninas não interagem.
- Sim, porque as meninas tem medo de participar das aulas com os meninos
- Sim, porque as meninas não são habilidosas
- Sim, porque as meninas são mais frágeis fisicamente
- Sim, porque os meninos não são habilidosos
- Não, porque é importante aprender a lidar com as diferenças
- Não, porque as diferenças físicas não podem impedir a participação ativa das meninas nas aulas
- Não, porque as aulas de Educação Física não buscam comparar o desempenho entre meninas e meninos

3) As aulas de Educação Física deveriam ter conteúdos específicos/diferentes para meninos e meninas? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

- Sim, porque as meninas são mais sensíveis e frágeis fisicamente
- Sim, porque os meninos são mais fortes e corajosos
- Sim, porque as vezes as regras são modificadas para as meninas participarem da aula.
- Não, porque as aulas devem incluir todos os/as alunos/as
- Não, porque todos os/as alunos/as tem direito de ter acesso aos mesmos conteúdos da Educação Física.

4) Quais dessas práticas corporais são adequadas para meninas? (Você poderá escolher mais de uma opção)

- Dança
- Balé
- Forró
- Dança de rua
- Funk
- FitDance
- PoleDance
- Dança do Ventre
- Zumba

- Judô
- Jiu Jitsu
- Capoeira
- Muay Thai
- Taekwondo
- Boxe
- Karatê
- Yoga
- Fisioculturismo
- Musculação
- CrossFit
- Spinning
- Jump
- Ginástica acrobática
- Ginástica Artística
- Alongamento
- Corrida

- Natação
- Vôlei
- Futebol/Futsal
- Basquete
- Handebol
- Atletismo
- Tênis
- Tênis de mesa
- Beach Tênis
- Frescobol
- Badminton

- Queimada
- Amarelinha
- Pular Corda
- Pipa

- SLackline
- Parkour
- Corrida de orientação
- Trilha
- Patins
- Skate
- Surfe

- Tecido/Artes circenses
- Malabares
- outro: _____

5) Quais dessas práticas corporais são adequadas para meninos? (Você poderá escolher mais de uma opção)

- Dança
- Balé
- Forró
- Dança de rua
- Funk
- FitDance
- PoleDance
- Dança do Ventre
- Zumba

- Judô
- Jiu Jitsu
- Capoeira
- Muay Thai
- Taekwondo
- Boxe
- Karatê
- Yoga
- Fisioculturismo
- Musculação
- CrossFit
- Spinning
- Jump
- Ginástica acrobática
- Ginástica Artística
- Alongamento
- Corrida

- Natação
- Vôlei
- Futebol/Futsal
- Basquete
- Handebol
- Atletismo
- Tênis
- Tênis de mesa

- Beach Tênis
 Frescobol
 Badminton

 Queimada
 Amarelinha
 Pular Corda
 Pipa

 SLackline
 Parkour
 Corrida de orientação
 Trilha
 Patins
 Skate
 Surfe

 Tecido/Artes circenses
 Malabares
 outro: _____

6) Qual dessas frases você já usou (ou já pensou em usar) para zoar com seus colegas ou xingá-lo nas aulas de educação física? (Você poderá escolher mais de uma alternativa)

- “Parece que é gay”
 “Não tenho preconceito, tenho até amigos que são gays”.
 “Tudo bem ser gay, mas não precisa ficar desmunhecando”
 “Não tenho nada contra, mas...”
 “Que desperdício”
 “Ela virou homem”
 “É uma fase vai passar”
 “É lésbica porque não conheceu o cara certo ainda”
 “É falta de porrada”
 outro: _____
 Nenhuma

7) Quando você quer ofender uma menina quais as principais palavras que você diz? Escreva no campo abaixo.

8) Quando você quer ofender um menino quais as principais palavras que você diz? Escreva no campo abaixo

9) O que você sentiu quando viu as expressões de afetividade/carinho entre os meninos ou as meninas?

- Raiva
 Nojo
 Medo
 Vergonha

 Nada
 Achei bonito

<input type="checkbox"/> Gostei <input type="checkbox"/> Outro: _____
10) Você já presenciou algum tipo de violência (física, verbal, psicológica, etc.) contra alunos/as, apenas por orientação sexual (ou que aparentam ser homossexuais segundo a sua percepção)? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
11) Se sua resposta anterior tiver sido sim, marque o que você já presenciou. (Você poderá escolher mais de uma opção) <input type="checkbox"/> Chute <input type="checkbox"/> Murro <input type="checkbox"/> Empurrão <input type="checkbox"/> Xingamentos <input type="checkbox"/> Piada <input type="checkbox"/> Isolamento <input type="checkbox"/> Fazer memes (zueira digital/virtual)
12) Você participaria de atividades que ocorra contato corporal nas aulas de Educação Física com colegas homossexuais (ou que aparentam ser homossexuais segundo a sua percepção)? (<i>Escolha apenas uma das alternativas</i>) <input type="checkbox"/> Sim, porque não tenho preconceito <input type="checkbox"/> Sim, porque tanto faz <input type="checkbox"/> Não, porque eu tenho medo de ser assediada <input type="checkbox"/> Não, porque as pessoas podem pensar que sou homossexual
13) Os colegas que se declaram homossexuais ou que fogem às normas de gênero participam das aulas de Educação Física? Se não, por quê? _____ _____ _____

Glossário

Homossexual: Pessoa que sente desejo sexual para se relacionar com outra do mesmo sexo.

Normas de gênero: regras e comportamentos atribuídos ao feminino e ao masculino

Não-binário: Expressão de gênero que não se restringe a masculino e feminino

Orientação sexual: Atração que sentimos por outras pessoas, podendo ser do mesmo sexo ou não,] ou seja, há várias formas de afeto e prazer.

APÊNDICE II

PLANO DE OFICINA			
OFICINA 1.	Prática social inicial	Duração	1 hora
TEMA	CULTURA CORPORAL, GÊNEROS E SEXUALIDADES: IMPRESSÕES INICIAIS		
OBJETIVOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as concepções dos/as alunos/as sobre os gêneros e as sexualidades; • Identificar o conhecimento prévio sobre os gêneros e as sexualidades; • Fazer um levantamento do que os/as alunos/as sabem e o que eles/as desejam saber mais sobre a temática; • Identificar a compreensão dos estudantes em relação ao direito de participar das aulas de Educação Física independente de gênero ou orientação sexual. 			
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dialogada e apresentação das oficinas • Diagnóstico – Questionário • Dinâmica “menino veste azul, menina veste rosa” <ul style="list-style-type: none"> • Inicialmente a turma será dividida em dois grupos. Cada grupo terá uma caixa com imagens de diferentes práticas corporais, sendo que as imagens estarão marcadas com o desenho de um triângulo para o primeiro grupo e com um quadrado para o segundo grupo. • Os/as alunos/as dos grupos deverão pegar as imagens e colocar no mural que será dividido em três partes: menina, menino e menina e menino. • O mural deverá ser preparado previamente e terá como tema: Cultura corporal. • Discussão da dinâmica <ul style="list-style-type: none"> Levantamento do que os alunos sabem <ul style="list-style-type: none"> ✓ Existem práticas corporais para mulheres? Porque? ✓ Existem práticas corporais para homens? Porque? 			

- ✓ Na sua família ou no seu círculo de amizade alguém pensa como vocês?
- ✓ Nas tarefas da sua casa, existe coisas que são realizada por mulheres e outras somente por homens? Ou tanto faz?
- ✓ O que vocês acham a respeito disso?
- ✓ Vocês conhecem algum estudante que foi negado o direito de participar da aula de Educação Física devido a orientação sexual?
- ✓ O que caracteriza uma pessoa heterossexual, homossexual, bissexual, transexual?
- ✓ Vocês conhecem alguém que não é heterossexual, que não está dentro dos padrões heteronormativo?

Levantamento do que os alunos desejam saber mais

- ✓ Diante dessas temáticas, o que vocês desejam aprender mais?
- ✓ Quais assuntos podemos discutir sobre gênero e sexualidade que interessam a vocês?

RECURSOS

- Lápis piloto
- Imagens
- Fita adesiva
- 2 caixas
- Folhas A4
- Materiais para confeccionar o mural

AVALIAÇÃO FORMATIVA

Após a dinâmica os grupos irão justificar a razão da escolha do lugar das imagens.

REFERÊNCIAS

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

PLANO DE OFICINA			
OFICINA 2.	Problematização	Duração	1 hora
TEMA	CULTURA CORPORAL, GÊNEROS E SEXUALIDADES: DESCONSTRUINDO		
OBJETIVOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar comportamentos homofóbicos através das práticas corporais; • Compreender que o preconceito pode interferir negativamente na vida do outro, afastando os estudantes das aulas de Educação Física; • Respeitar as características individuais, buscando não excluir ninguém de participar das aulas de Educação Física; • Problematizar a sexualidade, gênero, orientação sexual, homofobia, machismo e heteronormatividade. 			
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Práticas corporais <p>Jogo - Na trilha do movimento: desmoldando os corpos”</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ A turma será dividida em 2 equipes. Não haverá regras para a organização das equipes. Cada membro de um grupo jogará o dado. O que tiver o número maior começará. ✓ O estudante deverá jogar o dado novamente para saber quantas casas irá andar. Independentemente da quantidade de alunos/as que não cumprir o desafio que estiver na casa, a equipe voltará apenas 1 casa, após finalizar a sua rodada. ✓ Todos os membros da equipe deverão participar. ✓ Cada equipe terá um cone. <p>Os desafios serão:</p>			

1. Dê um abraço em um menino de outra equipe.
2. Você irá rebolar.
3. Cabo de guerra (três de cada lado. A equipe deverá convidar outra equipe para o desafio)
4. Fazer duas flexões
5. Imitar uma menina (representação da feminilidade)
6. Corrida de duplas equilibrando um limão (as duplas deverão ficar de mãos dadas no percurso e convidar 2 estudantes da outra equipe)
7. Dê um abraço em um membro da sua equipe.
8. Convide um estudante de um outro grupo para o desafio de quem consegue tocar o outro com um macarrão mais vezes
9. Faça um plié
10. Faça 3 embaixadinhas
11. Escolha um aparelho (bola, bambolê, corda) e faça um movimento com eles.
12. Dê um abraço em qualquer pessoa que está participando do jogo.
13. Escolha um estudante do seu grupo para dançar forró
14. Jogo de desequilibrar (em duplas, um de frente para o outro: a) As duplas deverão estar cada um com uma perna à frente e encostadas entre si e de mãos dadas; b) O objetivo da atividade é desequilibrar o companheiro com as mãos, para que ele tire os pés do chão; c) Ao mover os pés do chão, o outro ganha um ponto. Para isso, só é possível realizar movimentos de empurrar ou puxar o companheiro).
15. Imitar um menino (representação da masculinidade)
16. Arremessar um pneu mais longe (convide um colega para o desafio)
17. Dê um abraço em uma menina de outra equipe

Problematizações possíveis:

- Alguns estudantes não quiseram fazer os desafios. Porque?
- Porque você escolheu um/uma menino/a para abraçar? porque não uma mulher? Porque não um homem?
- Alguém fez algum desafio somente para agradar a equipe? Como se sentiu?

- Pensando sobre a orientação sexual, qual orientação é considerada correta e normal?
- Quem diz qual orientação sexual devemos ter/seguir?
- Vocês perceberam algum comportamento machista?

RECURSOS

- Cones
- Folhas A4
- Bola
- Bambolê
- Corda grande e pequena
- Macarrão
- Celular
- Fita adesiva colorida
- Quadra poliesportiva
- Outros..

AValiação formativa

Eleger as principais problemáticas para aprofundar na instrumentalização.

REFERÊNCIAS

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

PLANO DE OFICINA			
OFICINA 3.	Instrumentalização	Duração	1 hora
TEMA	CULTURA CORPORAL, GÊNEROS E SEXUALIDADES: RECONSTRUINDO		
OBJETIVOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Conceituar homofobia, identidade de gênero, orientação sexual, machismo, heteronormatividade, transfobia, transexual, bissexual, homossexual e heterossexual; • Valorizar atitudes não preconceituosas referente a sexualidade, respeitando a escolha e o direito de cada um viver a orientação sexual livremente; • Apresentar dados sobre a homofobia no país; • Sensibilizar os estudantes acerca da violência sofrida por homossexuais. 			
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS			
<p>BRINCADEIRA: Bola atômica</p> <ul style="list-style-type: none"> • Os/as alunos/as formam um círculo. No círculo, cada um deve passar a bola de papel para o que está a sua direita. Enquanto o objeto circula, toca uma música. Quando a música parar o aluno que tiver com a bola de papel deverá tirar a primeira camada de papel. Após fará a leitura do que está escrito e se posicionará em relação a informação no papel. Em seguida outros/as alunos/as poderão falar. • A bola será construída com várias folhas de papel. Cada folha apresentará os conceitos sobre homofobia, identidade de gênero, orientação sexual, machismo, transexualidade, sexualidade.. Nas folhas também haverá alguns dados sobre a homofobia no país e no mundo, sendo apresentado pela frase: "Você sabia que..." • Para incentivar o diálogo entre os/as alunos/as, cada um receberá um chocolate/bis ao participar pela primeira vez. 			

CONCEITOS

Heteronormativo – “Padrão heterossexual socialmente construído, incluindo prática sexual, expressão de gênero e comportamento, no qual se legitima como sendo o único, o natural ou correto. Tudo o que se distancia do padrão heteronormativo é considerado desviante ou antinatural” (JESUS, 2012 apud SILVA; SANTOS, 2017).

Heterossexual – “Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas do gênero oposto” (BORTOLINI, 2008 apud SILVA; SANTOS, 2017).

Homossexual – “Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de mesmo gênero” (BORTOLINI, 2008 apud SILVA; SANTOS, 2017).

Bissexual – “Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por ambos os gêneros, masculino e feminino” (BORTOLINI, 2008 apud SILVA; SANTOS, 2017).

Homofobia – “Termo usado para se referir ao desprezo e ao ódio às pessoas com orientação sexual diferente da heterossexual” (PEREIRA; BRANDT, 2009 apud SILVA; SANTOS, 2017).

Identidade de gênero – “Identificação, pessoal, como homens ou mulheres, independe do sexo biológico ou conformação genital. É a percepção que a pessoa tem de si, através de vivências diárias, de que faz parte de um gênero: masculino ou feminino, independente do gênero que lhe foi atribuído ao nascimento” (SILVA; SANTOS, 2017).

Orientação sexual – “Diz respeito à atração, ao desejo sexual e afetivo que uma pessoa sente por outras (BORTOLINI, 2008 apud SILVA; SANTOS, 2017). A pessoa é aquilo que se declara. Pode haver modificações e fluidez em relação ao desejo, ao longo da vida” (SILVA; SANTOS, 2017).

Transexual – “Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. O adequado é sempre nos referirmos à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica”. (JESUS, 2012 apud SILVA; SANTOS, 2017)

Transfobia – “Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero

de pessoas transexuais ou travestis” (JESUS, 2012 apud SILVA; SANTOS, 2017).

Machismo – Representa, articula (relações reais e imaginárias) da dominação do homem sobre a mulher na sociedade, produzindo duas linguagens, uma masculina e uma feminina (DRUMONT, 1980).

DADOS DE HOMOFOBIA

Você sabia que estudo da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República/SDH-PR, divulgado no ano de 2012, expõe que, de janeiro a dezembro de 2011, registraram-se 6.809 violações de direitos humanos contra essas populações, o que se traduz em uma média diária de 4,69 pessoas vitimadas por bi/homo/lesbo/transfobia. Entre tais pessoas, 67,5% se identificaram com o gênero masculino (BRITO; LEITE, 2017).

Fonte: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>

Você sabia que o estudo *Diversidade sexual e homofobia no Brasil*, realizado em 2009 em 150 municípios do Brasil, aponta que a maioria dos 423 entrevistados que se colocaram como homossexuais identificou a escola como o ambiente de maior ocorrência de práticas de discriminação, tanto por parte de estudantes, como pelos adultos que circulam nesse espaço? (BRITO; LEITE, 2017).

Fonte: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>

Você sabia que o Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas e já foram registradas 141 mortes de pessoas LGBT de janeiro a 15 de maio do ano de 2019?

<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>

Você sabia que a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero passou a ser considerada um crime?

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>

Você sabia que o Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo?

<https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata->

homossexuais-no-mundo

Você sabia que em alguns países existe pena de morte para atos sexuais consentido entre adultos do mesmo sexo? Veja o mapa mundial abaixo.

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html

TEXTO

FACA SEM PONTA GALINHA SEM PÉ - RUTH ROCHA

Esta é uma história de dois irmãos: Joana e Pedro. Os problemas que eles tinham não eram diferentes de todos os irmãos.

Pedro implicava com a irmã por ela querer fazer coisas de menino, tais quais jogar bola, subir em árvore. Porém, ela tinha que se comportar como menina.

Joana implicava com o irmão por ele, às vezes, ter "atitudes femininas", como chorar por causa de um filme triste, ou ficar se olhando no espelho.

Os dois sofriam cobranças de atitudes "correspondentes" com seu sexo por parte de seus pais, como: "menina tem que ser delicada, boazinha..."

Ou "Filho meu não foge! Volte pra lá já já e bata nele também. E vamos parar com essa choradeira! Homem não chora!"

Um dia, tinha chovido muito e os dois, voltando da escola, passaram por debaixo do arco-íris e mudaram de sexo. E a situação se complicou.

Vocês não podem imaginar o rebuliço que foi na casa deles quando contaram o que tinha acontecido! Seus pais ficaram muito preocupados, principalmente com a situação de Pedro. Está bem que a gente vista o Joana de homem. Afinal, as mulheres hoje em dia só querem se vestir de homem. Mas como vestir a Pêdra de mulher?

Ao irem para a escola, no dia seguinte, Pedro, quer dizer, Pêdra, que agora era menina, deu o maior chute numa tampinha de cerveja que estava no chão. - Vamos parar com isso? – disse Joano. – Menina não faz essas coisas. - E eu sou menina? – reclamou Pêdra. - É, não é?

- Ah, mas eu não me sinto menina! Tenho vontade de chutar tampinha, de empinar

papa- gaio, de pular sela... - Ué, eu também tinha vontade de fazer tudo isso e você dizia que menina não podia – reclamou Joano. - Mas é que todo mundo diz isso – disse Pêdra. – Que menina não joga futebol, que mulher é dentro de casa... - Pois é, agora aguenta! Não pode, não pode, não pode!

Joano e Pedra deram as mãos. E correram, juntos, em direção ao arco-íris. E, finalmente, perceberam que alguma coisa, novamente, tinha acontecido. Então riram, abraçaram- se e começaram a voltar para casa. Então, Joana viu uma tampinha na calçada. Correu e chutou a tampinha para Pedro. Pedro devolveu e os dois foram jogando tampinha até em casa (ROCHA, 2009 apud SILVA; SANTOS, 2017).

VIDEO: Invisible Players

DIVISÃO DE GRUPOS

Tarefa para casa

- Os/as alunos/as receberão as reportagens, farão a leitura em grupo e discussão (15 min). Após irão planejar a encenação (15 min).
- Cada grupo deverá elaborar uma encenação reproduzindo o conteúdo da reportagem e expor o seu pensamento sobre a situação. Os/as alunos/as poderão criar uma nova cena explicitando o que eles pensam.
- Cada grupo terá 3 minutos para apresentar.

REPORTAGENS

- Um manifesto tardio, porém necessário, do São Paulo contra a homofobia
https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/28/deportes/1561728455_693273.html
- A primeira transexual na Superliga feminina de vôlei, entre a ciência e o preconceito
https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/27/deportes/1517010172_234948.html
- Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados
https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/olga-esporte_clube/2016/06/14/abram-espaco-para-o-esporte-feminino-ou-entao-serao-atropelados.htm
- Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação

<p>https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/bailarinos-homens-ainda-sofrem-com-discriminacao-3ud7uixkigsh3zs9ajwlninny/</p>
<p>RECURSOS</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Caixa de som • Músicas • Vídeo • Bola de papel / folha A4 • Texto: faça sem ponta • Projetor multimídia • Reportagens
<p>AVALIAÇÃO FORMATIVA</p>
<p>Pensando nas aulas de Educação Física, resuma em uma frase o que podemos fazer para transformar essa realidade?</p>
<p>REFERÊNCIAS</p>
<p>ALFAGEME, Ana. Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. EL PAÍS, [S. l.], 22 mar. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html. Acesso em: 3 out. 2019.</p> <p>BARIFOUSE, Rafael. STF aprova a criminalização da homofobia. BBC News Brasil, São Paulo, 13 abr. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924. Acesso em: 1 out. 2019.</p> <p>BORTONI, Larissa. Brasil é o país onde mais se assassina homossexuais no mundo. Radio Senado, [S. l.], 17 maio 2018. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-homossexuais-no-mundo. Acesso em: 2 out. 2019.</p> <p>BRITO, Leandro Teofilo de; LEITE, Miriam. Sobre masculinidades na Educação Física escolar: questões teóricas, horizontes políticos. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 12, n. 2, p. 481-500, 2017. Disponível em: https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/issue/view/514. Acesso em: 9 out. 2019.</p> <p>DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. São Paulo: Perspectivas, 1980. 81-85 p. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377. Acesso em: 6 nov. 2019.</p>

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

INVISIBLE Players. Direção: Ale Paschoalini e Leonardo Liberti. Produção: Bando Studio e Libertà Filmes. Roteiro: Angerson Vieira e Juliana Uchoa. Fotografia de Gabriel Bianchini e Eduardo Ohara. [S. l.]: ESPN Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqjo>. Acesso em: 5 out. 2019.

OLGA. Abram espaço para o esporte feminino. Ou, então, serão atropelados. **UOL**, [S. l.], 14 jun. 2016. Disponível em: <https://olimpiadas.uol.com.br/colunas/olga-esporte-clube/2016/06/14/abram-espaco-para-o-esporte-feminino-ou-entao-serao-atropelados.htm>. Acesso em: 3 out. 2019.

PIRES, Breiller. Um manifesto tardio, porém necessário, do São Paulo contra a homofobia. **EL PAÍS**, São Paulo, 28 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/28/deportes/1561728455_693273.html. Acesso em: 1 out. 2019.

PIRES, Breiller. A primera transexual na Superliga feminina de vôlei, entre a ciência e o preconceito. **EL PAÍS**, São Paulo, 28 jan. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/27/deportes/1517010172_234948.html. Acesso em: 2 out. 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

SILVA, Vandcleide Monteiro da; SANTOS, Maria Cristina Ferreira dos. **Oficinas pedagógicas: discutindo gênero e diversidade sexual na escola**. Rio de Janeiro: CAP/UERJ, 2017. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430783/2/Oficinas%20Pedagogicas%20-%20Discutindo%20genero%20e%20diversidade%20sexual.pdf>. Acesso em: 25 maio 2019.

SOUSA, Viviane; ARCOVERDE, Léo. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT. **G1**, São Paulo, 17 maio 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2019.

VECCHIO, Annalice Del. "Bailarinos homens ainda sofrem com discriminação" Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/bailarinos-homens-ainda-sofrem-com-discriminacao-3ud7uixkigsh3zs9ajwlninny/> Copyright © 2020, Gazeta do Povo. Todos os direitos reservados. **Gazeta do Povo**, [S. l.], 1 abr. 2011. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/bailarinos-homens-ainda-sofrem-com-discriminacao-3ud7uixkigsh3zs9ajwlninny/>. Acesso em: 1 out. 2019.

PLANO DE OFICINA			
OFICINA 4.	Catarse	Duração	1 hora
TEMA	CULTURA CORPORAL, GÊNEROS E SEXUALIDADES: NOVOS OLHARES		
OBJETIVOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Discutir a sexualidade como direito; • Apresentar a compreensão relacionada a cultura corporal e os temas da sexualidade, gênero e homofobia; • Pensar e planejar ações que contribuam para diminuir a homofobia nas aulas de Educação Física e na escola. 			
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentações das encenações (tarefa de casa da oficina anterior), caso algum grupo não realize a encenação, faremos a discussão da reportagem. • Discutir e refletir as encenações <p>RETOMAR AS OUTRAS OFICINAS</p> <ul style="list-style-type: none"> • Planejamento das ações que contribuam para diminuir a homofobia nas aulas de Educação Física e na escola. • Questões para orientar o planejamento: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Diante das discussões realizadas, quais os principais problemas nas aulas de Educação Física que vocês consideram importante para fazer alguma intervenção/iniciativa? ✓ Pensando nesses problemas, quais ações que podemos fazer para conscientizar, sensibilizar os/as alunos/as em relação as atitudes nas aulas de Educação Física e na escola? • Cada grupo pensa em ações para desenvolver. • Cada grupo expõe a sua ação e poderá receber sugestões dos demais grupos 			
RECURSOS			

- Bola
- TNT
- Outros

AVALIAÇÃO FORMATIVA

As avaliações serão as encenações relacionadas às reportagens.

REFERÊNCIAS

GASPARIN, João Luiz. **Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.

PLANO DE OFICINA			
OFICINA 5.	Prática social final	Duração	1 hora
TEMA	CULTURA CORPORAL, GÊNEROS E SEXUALIDADES: NOVAS ATITUDES		
OBJETIVOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar se as oficinas pedagógicas ampliaram o conhecimento em torno da homofobia, do gênero e sexualidade; • Aferir se através das oficinas pedagógicas os/as alunos/as se sensibilizaram e pensam em assumir novas posturas diante do que foi discutido; • Avaliar os aspectos positivos e negativos das oficinas pedagógicas. 			
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS			
<ul style="list-style-type: none"> • Vídeo - Um experimento real produzido pela TV espanhola, Canal Sur TV. Uma menina (atriz) chega em uma escola de balé, com dois pais e é excluída por uma colega (atriz). Uma outra menina que não é atriz, entra na cena e começa a defender a criança que tem os pais gays, com vários argumentos, como: “[...] não é problema teu que ela tenha dois pais, isso te importa?”, “[...] é uma família também”, “[...] não importa que ela tenha mãe e pai, eu também tenho. Não importa se ela tem um pai e outro pai, não importa”. • Após o vídeo, os/as alunos/as serão motivados a responderem a pergunta: a partir do que foi aprendido nas oficinas, quais transformações gostariam de ver na sociedade? <ul style="list-style-type: none"> ✓ Os alunos receberam a pergunta digitada numa folha, onde deverão responder por escrito e depositar dentro de uma urna. • Dinâmica: “Balões inflados de novos saberes” <ul style="list-style-type: none"> ✓ Cada aluno/a irá receber um balão e escrever nele, algo relacionado ao que descobriu com as oficinas pedagógicas, o 			

<p>que mais chamou atenção nas oficinas pedagógicas, o que aprenderam.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ No decorrer da dinâmica algumas perguntas serão realizadas como, o que você vai fazer depois do que você aprendeu? Houve algum momento marcante para você durante as oficinas? Além destas, outras poderão ser feitas no momento. ✓ Depois do diálogo, os/as alunos/as terão um momento para brincar com os balões e poderão estourar os balões que têm algum conteúdo que eles não desejam ver na sociedade. <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação com os emojis <ul style="list-style-type: none"> ✓ Após a dinâmica do balão, os/as alunos/alunas irão escolher entre as carinhas que representam (bom, regular e ruim) para avaliar o que acharam das oficinas pedagógicas. ✓ As três carinhas estarão disponíveis numa mesa, onde irão escolher e depositar numa caixa.
<p>RECURSOS</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Vídeo • Balões • Imagens dos emojis • Papel A4
<p>AVALIAÇÃO FORMATIVA</p>
<p>No decorrer da oficina será realizado vários momentos avaliativos.</p>
<p>REFERÊNCIAS</p>
<p>GASPARIN, João Luiz. Uma Didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. Campinas, SP: Autores associados, 2012.</p> <p>SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. Campinas, SP: Autores associados, 2011.</p> <p>TENER 2 padres no es tener una familia. Canal Sur Televisión - Espanha: Programa "Gente Maravillosa, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=80&v=fEmHBvO3QLk. Acesso em: 16 out. 2019.</p>

APÊNDICE III

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

Você está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa sobre Educação Física e Sexualidade sob responsabilidade da pesquisadora Simone Martins Aquilino.

A Educação Física na escola é componente obrigatório de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e “tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas” (SOARES et al, 1192, p.50). Nesse terceiro bimestre iremos estudar as lutas, danças e os esportes articulando com o tema da sexualidade, bem como suas formas de discriminação e preconceito que faz parte da realidade social dos/as alunos/as através das oficinas pedagógicas que realizaremos nas aulas de Educação Física.

Realizaremos as oficinas pedagógicas com o intuito de discutir questões relacionadas a Educação Física, sexualidade e formas de preconceitos e discriminação nas aulas. Os/as alunos/as poderão recusar se envolver em qualquer situação que o incomode, bem como recusar responder o questionário online (de 10 a 15 minutos) que acontecerá durante a primeira oficina pedagógica. E, caso deseje responder, os/as alunos/as terão privacidade e se alguma questão o incomodar ele poderá optar por não respondê-la. Há uma pequena possibilidade de desconforto emocional e psicológico.

As discussões sobre sexualidade estão presentes em todos os âmbitos da sociedade, conseqüentemente na escola e na vida de qualquer adolescente por mais que seja negada. Notamos nas conversas e atitudes dos/as alunos/as nas aulas e nos momentos informais que ocorrem na escola. Sendo assim, faz-se necessário compreender e problematizar essas questões tão recorrentes no ambiente educacional, inclusive porque estamos respaldados nos documentos norteadores da educação.

Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida.

Você está livre para, a qualquer momento, deixar de participar da pesquisa. Todas as informações por você fornecidas e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo, e estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em participar da pesquisa. Você não terá quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa.

Diante das explicações, se você concorda em participar deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____ Fone: _____

_____, _____ de _____ de 20__

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador(a)
responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao participante e a outra ao pesquisador.

Nome Pesquisador(a):	Cargo/Função:
Instituição:	
Endereço:	
Telefone:	
Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do XXXXX	

Endereço completo com CEP

APÊNDICE IV

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012/Resolução 510/2016)

O estudante sob sua responsabilidade está sendo convidado a participar como voluntário do projeto de pesquisa vinculado ao Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional sob responsabilidade da pesquisadora Simone Martins Aquilino.

A Educação Física na escola é componente obrigatório de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e “tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogos, esportes, danças, lutas e ginásticas” (SOARES et al, 1992, p.50), e nesse quarto bimestre iremos estudar os conteúdos citados acima, através das oficinas pedagógicas.

Realizaremos as oficinas pedagógicas com o intuito de discutir questões relacionadas a Educação Física, visando conhecer melhor o comportamento dos estudantes e as formas de preconceitos e discriminação nas aulas. Os estudantes poderão recusar se envolver em qualquer situação que o incomode, bem como recusar responder o questionário online (de 10 a 15 minutos) que acontecerá durante a primeira oficina pedagógica. E, caso deseje responder, os estudantes terão privacidade e se alguma questão o incomodar ele poderá optar por não respondê-la. O estudante e o responsável poderá decidir sobre sua participação, podendo retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem prejuízo algum.

Você poderá consultar a pesquisadora responsável em qualquer época, pessoalmente ou pelo telefone da instituição, para esclarecimento de qualquer dúvida. Todas as informações fornecidas por você e pelo estudante sob sua responsabilidade e os resultados obtidos serão mantidos em sigilo e, estes últimos só serão utilizados para divulgação em reuniões e revistas científicas. Você será informado de todos os resultados obtidos, independentemente do fato de estes poderem mudar seu consentimento em autorizar o estudante sob sua responsabilidade a participar da pesquisa. Você e o estudante sob sua responsabilidade não terão quaisquer benefícios ou direitos financeiros sobre os eventuais resultados decorrentes da pesquisa.

Diante das explicações, se você concorda que o estudante sob sua responsabilidade participe deste projeto, forneça os dados solicitados e coloque sua assinatura a seguir.

Participante:

Nome: _____ R.G. _____

Responsável(is)

Nome: _____ R.G. _____

Endereço: _____ Fone: _____
_____, _____ de _____ de 2019

Assinatura do responsável legal

Assinatura da Pesquisadora responsável

OBS.: Termo apresenta duas vias, uma destinada ao responsável legal e a outra ao pesquisador.

Nome Pesquisador(a): Cargo/Função:

Instituição:

Endereço:

Telefone:

Projeto submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde da UnB

Endereço completo com CEP

APÊNDICE VI

PLANO DAS OFICINAS PEDAGÓGICAS

OBJETIVOS

- Discutir a partir dos conhecimentos da Educação Física sobre sexualidade, gênero, orientação sexual, heteronormatividade e homofobia;
- Conceituar sexualidade, gênero, orientação sexual, heteronormatividade e homofobia;
- Proporcionar práticas corporais fazendo relação com o atual contexto social e as temáticas abordadas;
- Compreender através da historicidade que a sexualidade é uma construção social;
- Conhecer as múltiplas possibilidades de orientação sexual;
- Planejar ações que contribuam para combater a homofobia nas aulas de Educação Física, como por exemplo uma campanha.

JUSTIFICATIVA

Diante do cenário atual é indubitável a relevância de discutir a homofobia na escola, uma vez que questões de gênero e sexualidade são levantadas cotidianamente pelos/as alunos/as e raramente abordada entre os/as professores/as no ambiente educacional. Sabemos que na escola de um modo geral predomina o silêncio e vários estudos já confirmam isto.

Hodiernamente, as discussões sobre sexualidade estão presentes em todos os âmbitos da sociedade e conseqüentemente na escola, por mais que seja negada, notamos nas conversas e atitudes dos/as alunos/as nas aulas e nos momentos informais que ocorrem na escola. Sendo assim, faz-se necessário romper com o silêncio e criar espaços para discutir essas questões tão recorrentes no ambiente educacional.

CONTEÚDOS

- Práticas corporais
- Sexualidade, gênero, orientação sexual, heteronormatividade e homofobia.

METODOLOGIA

As oficinas pedagógicas, terão conteúdo da cultura corporal emergentes da realidade dos/as alunos/as, visando superar o senso comum, ampliando e aprofundando o conhecimento. Para isto proporcionaremos momentos em que os/as alunos/as irão constatar, interpretar, compreender e explicar (COLETIVO DE AUTORES, 1992), em concordância com a Abordagem Crítico-superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), o qual elegemos como fundamentação teórica para o planejamento das oficinas.

Essa abordagem da Educação Física está fundamentada na Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani, 2011). No livro Escola e Democracia, Saviani (2008) apresenta cinco passos que organizam o conhecimento, são eles: Prática social inicial, problematização, instrumentalização, catarse e prática social final.

Para a realização das cinco oficinas pedagógicas iremos elaborar um planejamento de 5h/a, sendo 1h/a (60 minutos) por semana, constando objetivos, conteúdos, metodologia, recursos, avaliação e referências para cada oficina pedagógica. O planejamento será em relação as temáticas de sexualidade, gênero e homofobia, que fazem parte da realidade social dos/as alunos/as articulado aos conteúdo da Educação Física.

No que se refere a articulação dos conhecimentos, o Coletivo de Autores (1992, p.87) afirma que a aula é “um espaço intencionalmente organizado para possibilitar a direção da apreensão, pelo aluno, do conhecimento específico da Educação Física e dos diversos aspectos das suas práticas na realidade social”.

Diante disso, a nossa estratégia metodológica para a realização das oficinas pedagógicas que visam atingir os objetivos da pesquisa, será dividido em cinco momentos, como discriminado no Quadro 1.

Primeira oficina pedagógica (Prática Social Inicial)
<ul style="list-style-type: none"> • Exposição dialogada; • Diagnóstico - Questionário; • Práticas corporais, jogos e brincadeiras/esporte/dança/lutas e etc, que levem à compreensão/identificação da realidade relacionada ao gênero e a cultura corporal

<ul style="list-style-type: none"> • Planejamento Participativo • Avaliação Formativa
Segunda oficina pedagógica (Problematização)
<ul style="list-style-type: none"> • Práticas corporais, jogos e brincadeiras/esporte/dança/lutas etc, que visem ao levantamento de questões acerca da relação sexualidade e cultura corporal; • Problematização • Avaliação Formativa
Terceira oficina pedagógica (Instrumentalização)
<ul style="list-style-type: none"> • Práticas corporais que apresentem a “superação”, ou o enfrentamento das questões levantadas na aula anterior, a partir do conhecimento sistematizado e historicamente acumulado. • Texto e discussão coletiva • Vídeo • Avaliação formativa
Quarta oficina pedagógica (Catarse)
<ul style="list-style-type: none"> • Práticas corporais construídas coletivamente que revelem/socializem ou exponham o resultado do processo de ensino aprendizagem. • Construção que pode se configurar em diversas possibilidades (encenações teatrais) • Trabalho em grupo • Avaliação formativa
Quinta oficina pedagógica (Prática social final)
<ul style="list-style-type: none"> • Prática corporal que possibilite avaliar o processo de ensino aprendizagem como um todo. • Avaliação formativa

RECURSOS

- Projetor; quadro branco; pincel; texto; quadra poliesportiva; caixa de som; jornais; revistas;

AValiação

Os/as alunos/as serão avaliados inicialmente através do diagnóstico, que será feito por meio da aplicação do questionário na primeira oficina pedagógica. Durante as oficinas pedagógicas a avaliação será formativa através da observação, participação, envolvimento nas atividades propostas, perguntas e respostas formuladas durante as oficinas, produções dos alunos, planejamento das ações, e execução. A avaliação final ocorrerá na última oficina pedagógica e será realizada através de uma roda de conversa e outras atividades que possibilite avaliar se as oficinas sensibilizaram os alunos em relação a temática abordada quando comparados às primeiras impressões levantadas na primeira oficina e no questionário.

REFERÊNCIAS

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores associados, 2011.